



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CARLENE LEÃO MACHADO DOS SANTOS

**PROJETOS DE FUTURO E TRANSIÇÕES JUVENIS NA
SAÍDA DO ENSINO MÉDIO: TENSÕES E DESEJOS EM
TEMPOS DE PANDEMIA**

Feira de Santana
2022

CARLENE LEÃO MACHADO DOS SANTOS

**PROJETOS DE FUTURO E TRANSIÇÕES JUVENIS NA
SAÍDA DO ENSINO MÉDIO: TENSÕES E DESEJOS EM
TEMPOS DE PANDEMIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, para a obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de concentração Culturas, Diversidade e Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Mirela Figueiredo Santos Iriart

Feira de Santana – BA
2022



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE
SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal Nº 77.496 de 27/04/1976
Reconhecida pela Portaria Ministerial Nº 874/86 de
19/12/1986 Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 9.271
de 14/12/2004 Recredenciada pelo Decreto nº 17.228 de
25/11/2016

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO**

CARLENE LEÃO MACHADO DOS SANTOS

PROJETOS DE FUTURO E TRANSIÇÕES JUVENIS NA SAÍDA DO ENSINO MÉDIO: TENSÕES E DESEJOS EM TEMPO DE PANDEMIA. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, na linha de Cultura, diversidade e linguagens, como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação.

Feira de Santana, 15 de fevereiro de 2022.

Prof/a. Dr/a. Mirela Figueiredo
Santos Iriart Orientadora – UEFS

Prof/. Dr/. Adelson Dias
Oliveira Primeiro
Examinador – UNIVASF

Prof/. Dr/ Ivan Faria
Segundo/a Examinador/a
– UEFS

RESULTADO: APROVADO

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

S234p Santos, Carlene Leão Machado dos

Projetos de futuro e transições juvenis na saída do ensino médio: tensões e desejos em tempos de pandemia / Carlene Leão Machado dos Santos. –,2022.

127.: il.

Orientadora: Mirela Figueiredo Santos Iriart

Dissertação(mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação , 2022.

1. Jovens - Ensino médio - Pandemia por covid 19. 2. Projetos juvenis - Sonhos X Realidade. 3. Jovens - Transição do ensino médio para o ensino superior. I. Iriart, Mirela Figueiredo Santos, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 37:304

Raízes e Asas

Dedico este trabalho à memória de minha mãe, por sempre acreditar em meus sonhos e me impulsionar para conquistá-los. Dedico também às minhas filhas, Leticia e Lara, por serem potenciais sonhadoras e me estimularem a ver sempre o mundo com uma lente melhor, vivendo o presente como presente, mas sempre colorindo o futuro com sonhos e aspirações.

AGRADECIMENTOS

Finalizo aqui uma etapa importante em minha vida sonhada no início dos anos 2000, no auge de minha juventude, logo após concluir a graduação em Pedagogia e a especialização em Supervisão Escolar. Porém, os caminhos trilhados por mim só me permitiram realizá-la vinte anos depois, momento esse que, mesmo atravessado pela pandemia da Covid-19, tenho convicção que foi no meu melhor momento como pessoa e, sobretudo, como profissional com pouco mais de vinte e cinco anos dedicados à educação. Como ao longo da caminhada na vida sempre temos apoio e parcerias, acredito que neste momento nomear tais indivíduos se constitui em um gesto de gratidão valoroso, devolvendo ao universo o bem que cada um/uma trouxe através de sua parcela de contribuição, cooperando para a realização deste projeto.

A Deus, por me sustentar, guiar e permitir que eu realizasse com êxito cada etapa deste curso. A Ele, toda honra e toda glória!

À minha amada Mãe Valdete (*in memoriam*), que sempre foi fonte de inspiração para mim, por sua luta e garra para vencer as batalhas diárias. Era também minha fiel incentivadora em todos os meus projetos de voar mais alto. Pena que não deu tempo comemorar essa conquista com aquele caloroso abraço que sempre trocávamos. Despedi-me da minha preciosa mãe durante o período do processo seletivo para o ingresso no mestrado, em 2019. Mas, a dor da sua ausência ressaltou em mim a sua referência, e em meio às lágrimas do luto busquei inspiração para obter êxito nesta realização. “Obrigada mãe, por tudo que a senhora fez em prol de si mesma, por seus seis filhos e, especialmente, por mim, por cada palavra e ação de incentivo em meus projetos de futuro, a senhora sempre foi meu maior suporte, ensinando-me a acreditar em mim mesma, a superar os obstáculos e a ir mais longe. Saudades sem fim!”

À minha orientadora, Professora Mirela, por encontros de orientação tão profícuos, trazendo contribuições assertivas sobre as discussões acerca das juventudes, ao mesmo tempo em que despertava em mim novos olhares e perspectivas para a minha formação enquanto

pesquisadora da temática, bem como para minha atuação profissional na lida diária com jovens estudantes do ensino médio. Muito obrigada, Mirela, por sua condução pautada em uma arcabouço teórico tão sólido, contudo, sempre muito centrada e serena, compartilhando saberes nesta caminhada acadêmica!

Aos professores da banca examinadora, Professor Ivan Faria e Professor Adelson Oliveira, por valiosas contribuições e reflexões acerca da minha produção, impulsionando-me a elevar a qualidade da minha pesquisa e do trabalho como um todo.

Aos professores e professoras do curso, os quais faço questão de citar nominalmente, por promoverem um embasamento teórico-reflexivo à nossa turma, através de leituras e produções acerca de aspectos fulcrais da educação brasileira e seus desdobramentos na sociedade: Ludmila Holanda, Maria de Lourdes Haywanon, Ivan Faria, Marco Barzano, Elenise Andrade, Lilian Pacheco, Eduardo Oliveira e Welington Silva. Um agradecimento especial à professora Lilian Pacheco, como preceptora do tirocínio, por seu acolhimento, pela confiança depositada em mim e por partilhar durante o estágio conhecimentos do seu fazer docente.

À minha família, formada por meu esposo, Alberto, e minhas filhas gêmeas, Lara e Leticia. Agradeço ao meu esposo pelo incentivo desde o começo, pelo apoio nas horas mais críticas (inclusive nas tarefas domésticas) e a alegria com os meus resultados alcançados. À Lara agradeço pela sua compreensão diante das minhas ausências, mesmo estando em casa, e tendo que me dividir entre as atribuições de mestranda e de mãe de pré-adolescente. À Leticia agradeço pelo carinho e pela ajuda, dispondo-se a participar de algumas atividades do mestrado comigo, como assistir filmes e digitar textos, incluindo os momentos em que sempre deixava na tela do computador um recadinho carinhoso para a mamãe. Obrigada, família linda!

Aos meus familiares, por fazerem parte da minha vida, reforçando a minha identidade e o meu sentimento de pertencimento a uma família tão forte e unida. Às minhas irmãs, Clarice e Arisdete, e ao meu irmão, Aristóteles, sempre bom ter a companhia de vocês para aquela boa conversa, compartilhando desde assuntos mais triviais até um bom debate político-partidário. Vocês também são grandes exemplos de fé para mim! À minha irmã Zenaide, cada vez mais reconheço a sua força ao ser a primeira da família a cursar o mestrado acadêmico em 2016, atravessando momentos tão delicados em sua trajetória, mas a sua vitória serviu de orgulho e inspiração para nós. À minha irmã Adriana, mestranda da turma anterior ao meu ingresso, nossas partilhas, conversas acadêmicas, cumplicidade e boas risadas tornaram mais leve esse meu caminhar. Aos meus sobrinhos e sobrinhas, por fazerem parte dos bons momentos de interação e diversão em família, quando a mente pedia um intervalo para voltar a produzir: Esther, Rute, André, Alice, Aila e Inácio.

À equipe gestora do Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães, em especial ao diretor, professor Edvan Pedreira, por seu apoio necessário e incentivo para a minha qualificação acadêmica e pela disponibilidade desta escola em ser o *lócus* da pesquisa.

Aos colegas de trabalho do Colégio Modelo, professores e funcionários, por demonstrarem alegria e carinho diante desta conquista, bem pelo apoio prestado quando necessário. Aprendo muito com essa equipe de docentes, dedicados e comprometidos com um ensino público de qualidade. Correria o risco de ser injusta citando nomes, então vou citar a colega e amiga, Professora Urania, como figura representativa de todos e todas, por ter sido uma das primeiras de nossa unidade escolar a cursar o mestrado (2014), o que potencializou sua prática pedagógica. Você nos inspira a fazer da escola pública um espaço de fato democrático, oportunizando a todos e todas o acesso a saberes e conhecimentos necessários na busca da compreensão da realidade e inserção autônoma nos diversos arranjos da vida em sociedade. Agradeço também pela escuta sensível e partilhas acadêmicas.

Aos integrantes do grupo de pesquisa Trajetórias, Culturas e Educação, da Universidade Estadual de Feira de Santana (TRACE/UEFS), no qual fui inserida de forma tão acolhedora. Foi através deste relevante espaço de discussões, indicações de leituras e *lives* acerca da temática da juventude e seus atravessamentos que tive a certeza de que as discussões acadêmicas sobre jovens e juventudes me acompanhariam na minha trajetória acadêmica.

Por fim, agradeço aos jovens participantes da pesquisa em todas as etapas, que me oportunizaram conhecer um pouco de suas trajetórias, ouvi-los e nos aproximar, através do recorte proposto, das suas vivências no presente e os seus sonhos e aspirações futuras.

“A juventude está hoje diante de um futuro cheio de incertezas e mudanças constantes. Em face das incertezas do futuro, do significado que o tempo tem para a adolescência e de uma mudança cultural, encontramos nos jovens o privilégio do presente”. (Nora Krawczyk, 2011)

RESUMO

O presente estudo buscou analisar a perspectiva de ingresso no ensino superior presente em projetos de futuro de jovens na saída do ensino médio público, identificando a mediação da escola e com quais suportes os jovens contam. Tomou-se como referência a concepção das juventudes plurais, da condição juvenil brasileira na contemporaneidade e como estão delineados os campos de possibilidades, na compreensão do entrelaçamento entre os processos de socialização mediados pela escola e família, a construção das biografias, e os desafios e suportes, para discutir a construção de projetos de futuro pelos jovens. Assim, esta pesquisa apresenta o seguinte problema a ser investigado: Como os jovens de baixa renda, estudantes do ensino médio, em uma escola pública estadual na cidade de Feira de Santana, constroem seus projetos de futuro com vistas ao ingresso no ensino superior? As questões de pesquisa que configuram essa problemática são: De que forma a escola da educação básica contribuem para que jovens ingressem no ensino superior? Como jovens de baixa renda representam o ingresso no ensino superior e como imaginam as estratégias para alcançá-lo? Que estratégias a escola favorece para que jovens de baixa renda construam seus projetos de futuro com vistas ao ingresso no ensino superior? Com quais suportes os jovens podem contar para a realização desse projeto? Os participantes da pesquisa foram estudantes matriculados na 2ª e 3ª série pertencentes à uma escola da rede estadual na cidade de Feira de Santana, que aceitaram participar voluntariamente deste estudo. Essa pesquisa qualitativa foi delineada privilegiando-se a escuta das vozes juvenis numa perspectiva dialógico-compreensiva, cujos instrumentos de produção de dados foram adaptados para o contexto virtual devido à pandemia do Corona vírus, momento em que, uma das recomendações da OMS foi o distanciamento social como uma das formas de evitar a propagação da doença infectocontagiosa. Sendo assim, foram aplicados questionários para levantamento de perfil socioeconômico e da condição juvenil durante a pandemia, grupo de discussão e entrevistas narrativas, todos adaptados para a modalidade virtual. A análise dos dados mostra que o atravessamento da pandemia teve um impacto negativo em suas projeções de futuro, marcado sobretudo pelas incertezas de como concluiriam o ano letivo e pelas lacunas nas aprendizagens causadas pelo ensino remoto, contudo o ingresso no ensino superior aparece como uma meta presente para a maioria. Como suportes para estas projeções futuras os jovens destacaram o papel da família, em especial na figura da mãe e do pai, além dos seus esforços pessoais. Outro achado relevante foram os relatos dos jovens sobre a lacuna que a escola

apresentou como espaço-tempo de dialogar sobre os desafios e possibilidade para o ingresso no ensino superior, havendo um hiato neste processo de transição.

Palavras-chave: Juventudes; transições juvenis; ensino médio; projetos de futuro.

ABSTRACT

This study sought to analyze the perspective of entering higher education present in future projects of young people leaving public high school, identifying the mediation of the school and with which supports young people rely. It was taken as reference the conception of plural youth, of the Brazilian youth condition in contemporaneity and how the fields of possibilities are outlined, in the understanding of the interweaving between the socialization processes mediated by school and family, the construction of biographies, and the challenges and supports, to discuss the construction of future projects by young people. Thus, this research presents the following problem to be investigated: How do low-income youth, high school students, in a state public school in the city of Feira de Santana, build their future projects with a view to entering higher education? The research questions that constitute this problem are: How does the college contribute to young people entering higher education? How do low-income young people represent getting into higher education and how do they imagine the strategies to achieve it? What strategies does the school favor for low-income youth to build their future projects with a view to entering higher education? What support can young people count on to carry out this project? The participants of the study were students enrolled in the 2nd and 3rd grades belonging to a state school in the city of Feira de Santana, who accepted to participate voluntarily in this study. This qualitative research was outlined by focusing on listening to the juvenile voices in a dialogical-comprehensive perspective, whose data production instruments were adapted to the virtual context due to the Corona virus pandemic. One of the WHO's recommendations was social detachment as one of the ways to prevent the spread of infectious diseases. Thus, questionnaires were applied to survey socioeconomic profile and youth status during the pandemic, discussion group and narrative interviews, all adapted to the virtual modality. Data analysis shows that the crossing of the pandemic had a negative impact on their future projections, marked above all by the uncertainties of how they would complete the school year and the gaps in learning caused by remote teaching, however, entry into higher education appears as a present goal for the majority. As supports for these future projections, the young people highlighted the role of the family, especially in the figure of the mother and father and their own efforts. Another relevant finding was the reports of young people about the gap that the school presented as a space-time to dialogue about the challenges and possibilities for entering higher education, with a gap in this transition process.

Key words: Youth; youth transitions; high school; future projects.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro 1: Comparativo de resultados IDEB 2017 e 2019.....	48
Quadro 2: Cronograma de etapas de produção do percurso metodológico.....	50
Quadro 3 :Perfil socioeconômico dos sujeitos da pesquisa com dados em porcentagem.....	54

GRÁFICOS

Gráfico 1: Satisfação com a modalidade de ensino remoto para conclusão do ensino médio..	57
Gráfico 2: Preparação para realização das provas do Enem 202/2021	58
Gráfico 3: Efeitos da pandemia nos estudos	58
Gráfico 4: Conclusão do ano letivo 2020 em meio a pandemia.....	59
Gráfico 5: Sentimentos durante a pandemia e o distanciamento social.....	59
Gráfico 6: Motivação dos estudantes para cursar o ensino médio	70
Gráfico 7: Intenção dos jovens quanto ao ingresso no ensino superior	77
Gráfico 8: Familiares próximos com nível superior.....	78
Gráfico 9: Referente à renda familiar dos jovens pesquisados.....	82
Gráfico 10: Lista de programas de políticas públicas para democratização de acesso ao ensino superior que os jovens tem conhecimento.....	85
Gráfico 11: Notas atribuídas ao ensino da escola no modo presencial.....	92
Gráfico 12 : Notas atribuídas ao ensino da escola no modo remoto.....	92
Gráfico 13: Tempo destinado pelos jovens às redes sociais.....	98
Gráfico 14 - Objetivo dos jovens quanto ao uso das redes sociais.....	99
Gráfico 15: Incentivo para o projeto de ingresso no ensino superior.....	100

FOTOGRAFIAS

Fotografia 01: Fachada do Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães em Feira de Santana.....	45
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação

CEEP – Centro Estadual de Educação

CNE – Conselho Nacional de Educação

CONJUVE – Conselho Nacional da Juventude

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EAD – Ensino à Distância

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FIES – Fundo de Financiamento Estudantil

GT – Grupo de Trabalho

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

MP – Medida Provisória

NTE – Núcleo Territorial de Educação

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PNAD – Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio

PNE – Plano Nacional de Educação

PNJ - Política Nacional da Juventude

PPP – Projeto Político Pedagógico

PROUNI – Programa Universidade para Todos

REUNI – Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SARS -CoV-2 – Síndrome Respiratória Aguda Severa

SEC – Secretaria Estadual de Educação

SISU – Sistema de Seleção Unificada

SNJ -Secretaria Nacional da Juventude

UEFS –Universidade Estadual de Feira de Santana

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFSB – Universidade Federal do Sul da Bahia

UFOB – Universidade Federal do Oeste da Bahia

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo Baiano

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco

UNESCO – Organização das Nações Unidas Educação, Ciência e Cultura

UNICEF – Fundo nas Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

	P.
APRESENTAÇÃO	18
INTRODUÇÃO	22
1 DELINEAMENTO TEÓRICO - METODOLÓGICO: COMPREENDENDO OS SUJEITOS E SEUS DISCURSOS	38
1.1 A abordagem teórico-metodológica e seus pressupostos fundantes	38
1.2 O percurso metodológico na captura das experiências e percepções juvenis	43
1.2.1 Contexto e procedimentos da pesquisa	44
1.2.2 A aproximação com os participantes da pesquisa e os desafios durante a pandemia	52
1.3 Procedimentos para análise de dados	62
2 DIÁLOGOS E NARRATIVAS JUVENIS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	67
2.1 O que a escola significa para estes jovens concluintes	69
2.2 Transição do ensino médio para o ensino superior: quais caminhos os jovens estão trilhando	74
2.3 Projetos de futuro em tempos de pandemia: entre os sonhos e a realidade	88
2.4 Com quem os jovens contam em seus projetos de futuro?	97

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICES	116

APRESENTAÇÃO

O desejo de estudar academicamente as categorias juventude, projeto de futuro e perspectivas de ingresso no ensino superior surgiu a partir de escutas e observações de jovens estudantes no cotidiano do meu exercício profissional, enquanto coordenadora pedagógica de uma escola pública que oferta apenas ensino médio. Outro aspecto que me despertou a atenção foi o impacto positivo nos jovens estudantes, ao pensar suas trajetórias, através do trabalho desenvolvido no componente curricular Sociologia, nas turmas de 3ª série, discutindo Sociologia da Juventude e Projeto de vida. A partir desses elementos, senti a necessidade de ir além do senso comum que prevalecia entre os alguns docentes, pais e familiares, generalizando os jovens e, na maioria das vezes, fazendo comparações desfavoráveis com jovens de outras gerações.

Trago também, como motivação, a minha vivência enquanto jovem estudante de escola pública em todo o meu percurso escolar, que ao final do ensino médio, no início da década de 1990, com 17 anos, tinha como meta o ingresso no ensino superior. Optei por me inscrever no vestibular para cursar Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) por três fatores: no município de Serra Preta (BA), no distrito de Bravo, estudei na única escola que oferecia ensino médio (atualmente tem a oferta em outras escolas), e era ensino médio profissionalizante com formação para o Magistério, para lecionar nas séries iniciais da educação básica, e gostei da experiência do estágio do curso; o outro motivo é que eu sabia que cursar licenciatura me traria maior chance de empregabilidade, numa realidade em que eu precisava começar a custear minhas próprias despesas; e o terceiro fator é que eu tinha a oportunidade de ficar na casa de familiares próximos em Feira de Santana, o que era mais fácil do residir em minha terra natal (a 64 km de distância), e seria viável eu voltar para minha casa todos os finais de semana. Esses três fatores entrelaçados me fizeram deixar para traz o meu desejo inicial, que era cursar Psicologia em Salvador.

Para a minha alegria e da minha família, após estudar sozinha em casa, com livros usados, que minha mãe conseguiu, alcancei a aprovação em primeiro lugar no curso de Pedagogia e no primeiro vestibular que prestei, logo após a conclusão do ensino médio. O resultado chamou a atenção da localidade em que eu morava, porque na minha turma, composta em média de 30 jovens concluintes, eu fui a única a ingressar no ensino superior.

Os desafios eram grandes, a começar pelo valor da taxa de inscrição para prestar o vestibular, que já era uma barreira, seguida pelo desafio que era fazer uma seleção que durava três dias de provas; as políticas públicas de incentivo para que estudantes de baixa renda

pudessem sair de suas localidades para prosseguir os estudos eram precárias e insuficientes, tanto do poder municipal, estadual e federal, de modo que os jovens de camadas populares da minha cidade não cogitavam cursar ensino superior, pela falta de estrutura socioeconômica para custear os estudos e a logística de mudança de cidade. Lembro-me que eu ouvia falar da “residência” da UEFS, destinada a acolher estudantes de baixa renda de outras cidades, e algumas prefeituras vizinhas mantinham as chamadas “Casas de estudantes” em Salvador, oferecendo hospedagem e alimentação, mas não havia nenhum incentivo nem estímulo que partisse da escola em que eu estudava ou dos professores para os estudantes da minha época projetar o ingresso no ensino superior, nem mesmo as aulas e os conteúdos eram voltados para isso.

Não foi uma escolha fácil, obstante os percalços que iria enfrentar, mas tinha minha mãe como principal incentivadora, e também financiadora do meu sonho, foi ela que buscou custear inicialmente as minhas despesas com recursos vindos de seu trabalho, sempre empreendedora, ora se dedicando às costuras sob encomenda, ora produzindo lanches. Por isso, ainda no primeiro semestre, comecei a lecionar no ensino noturno de uma escola pública de Serra Preta, através de um contrato na prefeitura municipal, de modo a ter um ganho mensal equivalente, hoje, a pouco mais de meio salário mínimo, que eu usava para custear minhas despesas com passagens, cópias de textos etc. Não fui a primeira da família a ingressar no ensino superior, minha irmã mais velha já estava cursando Licenciatura em Letras, também na UEFS, servindo de referência e estímulo para prosseguir em minha jornada acadêmica.

Não apenas a obtenção do diploma, mas, sobretudo, as vivências proporcionadas na vida acadêmica se constituíram em elementos substanciais para a minha formação profissional, pessoal, política e social. Para minha formação profissional, além das aulas e atividades curriculares, eu participava com afinco de congressos, encontros nacionais e estaduais de estudantes de Pedagogia, e também fui bolsista de um programa de extensão, o Programa Amanhecer do Menino de Rua (PROAMA), que oferecia atendimento pedagógico a crianças e jovens em situação de rua. Assim, vivenciei, além das salas de aula, o que a universidade me disponibilizava, dentro da minha condição de estudante, vislumbrada diante de tantas novas possibilidades de acesso e produção de conhecimentos. Na minha formação política, ampliei meu olhar para as relações de poder, domínio e exploração, pautado nas lutas de classe que permeiam toda a sociedade, tornando-me uma das militantes para a criação do diretório de um partido de esquerda em Serra Preta, junto a outros jovens universitários conterrâneos, promovendo debates de temáticas sociais importantes para a nossa comunidade

de origem e lançando novos nomes para a disputa política partidária, quebrando a hegemonia de candidatos vindos sempre das tradições familiares ligadas ao poderio econômico local. Tais experiências foram me fortalecendo, enquanto indivíduo, proporcionando uma crença maior em meu potencial, mas, principalmente, evidenciando minha parcela de contribuição enquanto ser social.

Prosseguindo minha trajetória pessoal e profissional, um ano depois que concluí a graduação ingressei na rede pública estadual de educação através de concurso público, como coordenadora pedagógica em uma escola exclusiva de ensino médio, posição em que por mais de duas décadas de experiência com jovens estudantes, me propulsionou a traçar a meta para o ingresso no mestrado em educação. A necessidade de compreender academicamente a juventude como categoria social e seus atravessamentos enquanto jovens estudantes concluintes do ensino médio foi um elemento presente em toda a minha trajetória profissional, reforçando meu interesse no campo de estudos da juventude, conjugado com a pesquisa de campo, o que resultou nesse trabalho que descrevo a seguir.

A presente dissertação está estruturada da seguinte forma: uma introdução, com a apresentação geral da pesquisa, bem como o contexto em que ela emergiu, e mais três capítulos, que versam sobre as concepções teórico-metodológicas que embasam esta pesquisa, bem como trazem os resultados obtidos na imersão no campo e as respectivas análises.

No Capítulo I, intitulado “Delineamento teórico-metodológico: compreendendo os sujeitos e seus discursos”, apresento considerações teóricas acerca do processo de individuação na construção de percursos autobiográficos dos jovens, a elaboração de seus projetos de futuro e os possíveis suportes que têm para realizá-los. Apresento também o percurso metodológico traçado em busca das vozes juvenis, os sujeitos e o contexto da pesquisa, bem como os procedimentos para a análise dos dados.

No Capítulo II, nomeado “Diálogos e narrativas juvenis: apresentação e discussão dos dados”, são apresentados os resultados da pesquisa, que devido às restrições do cenário pandêmico, teve a produção de dados realizada de forma virtual, possibilitando, ainda assim, uma aproximação com os sonhos, desejos e inquietudes dos jovens concluintes do ensino médio.

As considerações finais apresentam a ratificação dos achados da pesquisa, bem como possíveis contribuições de análise para a realidade da escola do ensino médio, enquanto espaço/tempo de trajetórias juvenis que precisam ser escutadas, discutidas e dialogadas.

A pesquisa que aqui se apresenta trará, pois, contribuições para o debate na educação básica, como também estudos e aprofundamentos no meio acadêmico sobre as trajetórias

juvenis e inserção no ensino superior, e os fatores que permeiam tais traçados e construções feitas pelos jovens em seus percursos biográficos.

Diante das questões aqui colocadas, convido você a realizar a leitura desta incursão teórico-prática, motivado/motivada a ampliar/questionar/revisitar seus conhecimentos e conceitos acerca das questões que perpassam as juventudes no ensino médio e seus atravessamentos, sobretudo nesta etapa de conclusão da escolaridade básica.

INTRODUÇÃO

Nesta sessão irei apresentar a problemática, os objetivos e a relevância da pesquisa, partindo de algumas categorias-chave que estruturam o problema de investigação, qual seja: juventudes, projetos de futuro, ensino médio e transição para o ensino superior. Nesse texto introdutório a preocupação é trazer de forma sucinta a inter-relação entre essas categorias temáticas, de modo a apresentar brevemente uma revisão da literatura que estabelece as bases por onde a pesquisa caminhou. Assim, o presente trabalho pretende colocar em foco a construção dos projetos de futuro pelos jovens estudantes concluintes do ensino médio e suas aspirações para o ingresso no ensino superior, a partir de suas construções e representações de elementos que a escola propicia e que, ao fazer parte do cotidiano dos jovens, vão marcando suas trajetórias escolares e seu percurso biográfico também.

Problemática e objetivos da pesquisa

Embora o termo jovens, para esta etapa da vida, tenha os marcos biológico e cronológico como preponderantes, ainda assim apresenta variações no arco temporal desta fase, com distinções entre países, povos e momentos históricos. É relevante enfatizar a concepção de juventude que norteia este estudo, assim, para fins cronológicos, é considerado o arco temporal vigente no Brasil declarado no Estatuto da juventude (BRASIL, 2013), que compreende o grupo de jovens com idades entre 15 e 29 anos. Tal referência é parâmetro para a contagem demográfica, bem como para a delimitação de grupo-alvo na definição de políticas públicas referentes às questões específicas desta fase.

Porém, para além da idade cronológica, esta fase é marcada por condições históricas, culturais, sociais e econômicas e, dentro deste contexto macro, os jovens ainda vivenciam questões relativas às condições diferenciadas em que vivem, a depender dos recortes referentes à etnia, classe social, gênero, localização geográfica, formando então um cenário de juventudes, de forma plural e diversificada (ABRAMO, 2005; DAYRELL, 2005; PAIS, 2009). Portanto, constituir-se jovem, biológica e cronologicamente, ocorre por fatores da lei da natureza e pelo fator temporal, porém, a condição juvenil (contexto macrosocial) e a situação juvenil (recortes microsociais) que cada ser irá experimentar e vivenciar a juventude será demarcada por possibilidades ou limites, resultando em diversos modos de ser jovem, a depender do contexto em que se está inserido.

As juventudes brasileiras têm portanto, duas relevantes características que as distinguem no modo de experienciar tal fase – a diversidade que enriquece o convívio social, através da expressão das peculiaridades e subjetividades dos indivíduos, e as desigualdades que limitam ou mesmo impossibilitam o acesso aos bens culturais, educacionais e econômicos.

Em um cenário mais abrangente, é importante ressaltar que as intensas transformações ocorridas no mundo ocidental, desde o final do século XX, trouxeram impactos em diferentes aspectos da vida dos sujeitos do mundo contemporâneo: mudanças no mundo do trabalho, como o crescimento do desemprego estrutural, diminuição do emprego estável assalariado associado à precarização dos postos de trabalho, com perda crescente de direitos trabalhistas; volatilidade nas relações interpessoais, que tendem a ser mais superficiais e menos duradouras, sobretudo nas relações afetivas; aceleração do ritmo de vida; mudanças trazidas pelas tecnologias, principalmente nas formas de comunicação; além do individualismo pautado em uma ótica de responsabilizar o indivíduo por seus sucessos e fracassos.

No que tange à juventude, por muito tempo prevaleceu no pensamento coletivo das sociedades ocidentais a noção de que esta etapa da vida era apenas um momento de transição para a vida adulta, com marcadores de passagem bem delimitados entre essas duas fases, como: casamento, nascimento de filhos, escolha profissional, ingresso no mercado de trabalho. No entanto, hoje, com as novas configurações sociais, a juventude vem adquirindo sentidos e significados próprios. Mesmo reconhecendo as mudanças biológicas e psicológicas como porta de entrada nesta fase da vida, a saída dela não apresenta tanta rigidez assim com marcadores temporais, nem factuais. O que se observa nas juventudes contemporâneas é uma fluidez ou mesmo intermitência entre os processos que marcariam a vida, sem uma lógica previsível. É nesse percurso de vivências e experiências que a juventude vai se constituindo como uma etapa com significado em si mesma, e não como etapa preparatória e transitória apenas (DAYRELL; CARRANO, 2014; PAIS; CAIRNS; PAPPÁMIKAIL, 2005; PAIS, 2009; PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017).

Dado o cenário descrito, ao passo que se perdem demarcadores tradicionais específicos para o ingresso na vida adulta, prevalece uma complexidade na realização de escolhas futuras que marcariam toda uma vida, tornando essa uma tarefa paradoxal. A presentificação, com o encurtamento dos horizontes do futuro e a desvalorização das memórias do passado, vai embasando as escolhas juvenis, com decisões marcadas pela volatilidade e mutabilidade, dentro de circunstâncias também mutáveis e voláteis (MAIA; MANCEBO, 2010; PAIS, 2009). É nesse contexto que os jovens realizam suas escolhas futuras, no plano subjetivo,

partindo de seus interesses e potencialidades e dentro de um espectro de condições objetivas que Velho (2003) nomeia de campo de possibilidades – o meio histórico, social, econômico e cultural em que o jovem está inserido, que delimita ou potencializa determinadas escolhas na construção de seu projeto de futuro. Pode-se deduzir que esta seja uma tarefa árdua para uma fase já marcada por dúvidas e incertezas no plano individual, e no plano social marcada por instabilidades e mutabilidade constantes.

Nessa direção, Leccardi (2005) alerta que, planejar o futuro em uma época de riscos globais, com instabilidade econômica pautada principalmente nas desigualdades sociais, nas questões de degradação do meio ambiente que repercutem em vários setores da sociedades, como na atualidade, é algo desafiador. Para os jovens em específico, este processo de escolhas no percurso biográfico que mais se adequa para resolver as contradições do sistema atual está imbricado em contradições – ao mesmo tempo em que os jovens têm um campo maior de possibilidades de escolha, por outro lado, lidam com as incertezas e lacunas sociais e institucionais, como o enfraquecimento do poder da família nas decisões e tradições e a desmitificação da escola como única fonte de socialização de saberes e conhecimentos.

Assim, mediante o cenário acima delineado, tem-se um problema a ser investigado: Como os jovens de baixa renda, estudantes do ensino médio, em uma escola pública estadual na cidade de Feira de Santana, constroem seus projetos de futuro com vistas ao ingresso no ensino superior? As questões de pesquisa que configuram essa problemática são: De que forma a escola da educação básica contribui para que jovens ingressem no ensino superior? Como jovens de baixa renda representam o ingresso no ensino superior e como imaginam as estratégias para alcançá-lo? Que estratégias a escola favorece para que jovens de baixa renda construam seus projetos de futuro com vistas ao ingresso no ensino superior? Com quais suportes os jovens podem contar para a realização desse projeto?

O presente estudo tem como objetivo geral analisar a perspectiva de ingresso no ensino superior presente em projetos de futuro de jovens estudantes do ensino médio público. E como objetivos específicos: identificar a mediação da escola na elaboração de projetos de futuro dos jovens; conhecer como os jovens significam o ingresso no ensino superior e suas estratégias para alcançá-lo; e analisar quais os suportes oferecidos pela família, escola e rede sociais para a realização desse projeto.

Juventude, ensino médio e transição para o ensino superior: um recorte a partir da literatura

A perspectiva de juventude que esta pesquisa se ancora entende este período para além das delimitações cronológicas e mudanças biológicas, atravessadas então por questões históricas, culturais, socioeconômicas a nível estrutural, e no campo micro, permeadas por questões étnico-raciais, de gênero, de orientação sexual, religião, territorialidade, enfim, perfilando uma diversidade e uma pluralidade na condição de ser jovem na atualidade, e como tal, o desafio de trilhar seu próprio percurso biográfico.

As mudanças na sociedade contemporânea, marcadas especialmente pela volatilidade das relações afetivas, ou seja, os relacionamentos começaram a ser mais diversificados e efêmeros; a crise nas instituições socializadoras, como a família e a escola, deixando de serem as únicas referências na socialização e produção de conhecimentos, respectivamente; a precarização dos postos de trabalho, com o crescente desemprego estrutural e as perdas constantes de direitos trabalhistas; foram se juntando às crescentes mudanças na forma de produção de conhecimentos. Então, a partir da década de 1970, alguns conceitos sociológicos acerca da juventude foram questionados, ou mesmo desconstruídos, por não abarcarem a dinamicidade dos fatos e da sociedade e, simultaneamente, foram emergindo novos paradigmas para a concepção sociológica de juventude. Esse movimento de ruptura resultou nas denominadas teorias pós-críticas, as quais revisitaram primordialmente dois conceitos: a ruptura da noção de totalidade, em termos de organização social, pois não há uma única sociedade para inserção, o que existe é uma multiplicidade de redes e fluxos sociais nas quais as pessoas se relacionam de formas distintas; e o conceito de socialização, como via de mão única onde as gerações adultas transmitem valores e conhecimentos às gerações mais novas, o que se delineia agora são socializações plurais, de origens diversas e com participação mais ativa dos sujeitos jovens.

Delimitando melhor essa perspectiva de juventudes, como expressão que carrega em si a multiplicidade dos modos de ser jovem, Sposito (2003), baseada nas contribuições de Abad (2002), esclarece a distinção entre condição juvenil e situação juvenil. Por condição juvenil entende-se o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a essa etapa da vida, em determinado contexto histórico; enquanto situação juvenil é a forma que se vivencia tal condição, através de diversos recortes sociais, como classe, gênero, etnia etc. Desse modo, interessa-nos saber quais condições o nosso país tem oferecido para as juventudes que compõem a população brasileira, e em que conjuntura estrutural se configura ser jovem no Brasil contemporâneo, com todos os recortes sociais que atravessam esses sujeitos.

A população jovem, na faixa de 15 a 29 anos da Bahia, encontra-se atualmente em torno de 23%, e em Feira de Santana corresponde a uma média de 15%. Quanto à composição étnica do estado, de 81,3% são autodeclarados pretos e pardos. Em Feira de Santana, a distribuição dos jovens entre os sexos está em 50,5% de homens e 49,5% de mulheres. Esta distribuição não se mantém quando o quesito é cor/raça, onde 78,7% dos jovens se declararam pretos e pardos, enquanto 20,3% se consideravam não negros (DIEESE, 2013).

No quesito educacional, os números revelam o quanto a Bahia precisa avançar em prol de uma equidade no acesso e na continuidade dos estudos, sobretudo com a regularização das trajetórias escolares desses jovens. Os dados a seguir foram apresentados no Anuário Brasileiro de Educação Básica 2019¹, feito com base nos dados do Censo Escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Ministério da Educação (MEC/INEP, 2020), e revelam o quanto a Bahia está aquém, em quesitos de educação básica, comparada ao panorama nacional.

Em 2018, 91,5% dos jovens entre 15 e 17 anos estavam matriculados na escola, no entanto, deste total, apenas 68,7% se encontrava no ensino médio. Enquanto a média nacional dos jovens de 19 anos que já concluíram o ensino médio é de 63,6%, na Bahia este índice é 43,3% de jovens nesta idade com ensino médio completo, ao passo que apresenta também a menor taxa líquida de matrícula nesta etapa no cenário nacional, que é de 54,8%. Outro índice também aquém da média nacional é os anos de escolaridade da população de 18 a 29 anos, a média nacional é de 11,3 por pessoa, e para a realidade baiana essa média é de 10,4, a menor média da região Nordeste. E esse dado, quando comparado a marcadores étnicos, ainda apresenta uma diferença para mais para o grupo de jovens brancos, com uma média de 11,1 anos de estudos. A nível local, Feira de Santana, apesar de ser considerada na microrregião como um polo educacional (possui duas universidades públicas, a UEFS e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, e mais de trinta faculdades privadas), ainda apresenta uma taxa muito ínfima de jovens com ensino superior completo, que é de 9,8%.

Essas desigualdades educacionais vão marcando e distanciando as várias formas de ser jovem no Brasil, visto que a escola, instituição planejada como tempo-espço de socialização e preparação, sequer chega para todos, e quando chega, muitas vezes não acolhe as dificuldades e diversidades desses jovens, que por sua vez não atribuem sentido à escola, e isso associado a fatores sociais e econômicos, acabam levando-os ao abandono dos estudos.

¹ Disponível em <https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/302.pdf>. Acesso em outubro 2021.

Porém, os números não revelam as tensões e dificuldades que esse novo público enfrentou e enfrenta ao chegar à escola, que não se preparou para recebê-los em suas diversidades e mesmo diante das lacunas produzidas pela carências socioeconômicas, fruto das desigualdades a que estão submetidos. Prova disto são as altas taxas de evasão e repetência² que marcam esta etapa educacional, bem como os baixos índices de aprendizagem demonstrados em situações cotidianas, como entrevistas de emprego, testes e provas de conhecimentos básicos equivalentes ao nível médio, aplicados em escalas nacionais, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) ou avaliações internacionais, como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA)³ (LEÃO, 2018).

O ensino médio, preconizado no artigo 35 da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, enquanto etapa responsável pela preparação escolar dos jovens para a transição para a vida adulta, em suas diferentes dimensões (oferta de conhecimentos básicos de formação geral, preparação para o mercado de trabalho, promoção de condições de continuidade dos estudos), tem demonstrado resultados pouco satisfatórios com lacunas e controvérsias em sua trajetória histórica.

Em 2016, a conjuntura política do país estava vivenciando o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, eleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT), e o então vice-presidente, Michel Temer, do Partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB) assume a presidência do Brasil. Nesta conjuntura política, utilizando-se das fragilidades do ensino médio público nacional, que vem apresentando sucateamento das escolas, financiamento insuficiente, desvalorização dos professores e, sobretudo, de uma falta de identidade, foi aprovada a medida provisória MP 746/16 para a reforma do ensino médio e, um ano depois, foi aprovada como Lei 13.415/17, apelidada de lei do “novo ensino médio”. Em um processo sem consultas aos principais interessados – os jovens, suas famílias e professores, esta lei propôs as seguintes alterações: ampliação da carga horária diária para 1.400 horas/ano (7 horas/dia), devendo passar no mínimo para 1.000 horas/ano (5horas/dia), porém, não aborda questões importantes como a singularidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA); altera a organização curricular com a

² Dados de 2015, da Secretaria de Educação da Bahia, revelaram índices de reprovação no ensino médio de 16,4% e 7,5% de abandono escolar, enquanto que a média nacional de abandono tem-se o registro de 6,8% e a reprovação 11,5%, de acordo dados do Censo Escolar 2015, divulgados no portal do Inep.

³ Refere-se ao Programa Internacional de Avaliação de estudantes prioritariamente do ensino médio, realizado pela OCDE, que avalia conhecimentos em leitura, matemática e ciência. Na última aplicação, em 2018, o Brasil ocupou a faixa do 57º lugar em leitura, 73º em matemática e 67º em ciências, no *ranking* de 70 países participantes, com pontuação no nível de desempenho inferior ao mínimo estabelecido.

oferta de cinco itinerários formativos correspondentes às áreas do conhecimento científico: Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias, Ciências humanas e sociais aplicadas e Formação Técnica. Assim, de acordo com as possibilidades do sistema local e das unidades escolares, o aluno cursará pelo menos dois itinerários para a sua formação básica do ensino médio, de acordo com o seu interesse. Outros aspectos também estão sendo flexibilizados, como questões relativas à oferta do itinerário de formação técnica, conforme constam nos Artigos 4º e 5º da referida Lei: possibilidade de contratação de docentes por notório saber, parceria com instituições do setor privado para uso de espaços de laboratórios ou aulas práticas, bem como a utilização do ensino à distância para as aulas deste itinerário.

A reforma mais se aproxima de necessidades mercadológicas com o mesmo impasse de outras propostas de leis e reformas anteriores: uma configuração dualista e segmentada, como reitera o professor e pesquisador Geraldo Leão (2018). A escola precisa abrir espaço de interlocução para os jovens concretos que a frequentam, jovens com sonhos e aspirações em seus projetos de futuro, apesar das perspectivas muitas vezes estarem opacas em meio a tantas dificuldades e desafios, mas que certamente contam com a escola como um passaporte para melhores condições de vida, quer ser seja propiciando a inserção no mercado de trabalho, quer seja favorecendo a continuidade dos estudos.

A implementação de políticas públicas nas duas últimas décadas para a democratização do acesso e permanência ao ensino superior, tais com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), o Sistema de Seleção Unificada (SISU) e o sistema de cotas étnicas e sociais, veio ampliar as possibilidades para os alunos egressos do ensino médio de ingressar nas instituições de ensino superior do país, tanto públicas como privadas, atendendo a uma demanda acumulada por décadas, sobretudo com o avanço do acesso e democratização da oferta da educação básica. Tais políticas vêm colocando a formação acadêmica mais próxima da realidade juvenil, aumentando desde as chances de aprovação, de forma a promover uma concorrência mais equânime entre os egressos da rede pública, bem como com as políticas de financiamento das mensalidades e outras despesas decorrentes do curso já em andamento, promovendo não apenas o acesso, mas, em paralelo, possibilitando a permanência desses jovens no meio acadêmico, colocando então o ensino superior como uma concreta perspectiva de ascensão social e realização pessoal (SENKEVICS; CARVALHO, 2020).

Constituir-se aluno integrante do ensino superior vai além de uma formação profissional, perpassa por um processo de crescimento pessoal e social que engloba desenvolvimento de habilidades nos relacionamentos interpessoais e intrapessoal, um processo de delimitação identitária. Carvalho e Senkevics (2020) trazem dados comparativos da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2018), que dizem que no cenário internacional o Brasil é um dos países com baixa qualificação educacional e com elevados retornos econômicos para os portadores de diploma de nível superior. Ainda que cursar o ensino superior seja uma dentre outras possibilidades de escolha após a conclusão do ensino médio, colocar a formação acadêmica como meta poderá trazer, para aos jovens, recompensas satisfatórias, tanto a nível pessoal como para seu entorno social e cultural. Há que se levar em consideração o contexto socioeconômico em que vivem, bem como o prestígio social e econômico do curso escolhido, aferido pelas estruturas sociais.

Apesar dos avanços realizados no quesito de democratização do acesso ao ensino superior, o Brasil ainda precisa equacionar alguns pontos relativos a essa conquista: dados de evasão estudantil nesta etapa sinalizam a dificuldade de afiliação e permanência desses indivíduos pertencentes a segmentos sociais que sempre foram excluídos do processo de escolarização, sobretudo neste nível de ensino. Outro caminho adotado neste processo de expansão, passível de críticas e reflexões, foi a mercantilização do ensino superior através da expansão das instituições privadas. Segundo dados do Censo do Ensino Superior em 2013 (BRASIL; 2014), publicados em um artigo dos autores Zago, Paixão e Pereira (2016), que afirmam que mesmo diante do aumento do número de instituições públicas na década de 2000, as instituições privadas detêm o maior número de matrículas na graduação, totalizando 74%. Tal expansão apresenta um fator que abre um possível debate sobre a mudança da oferta da educação como bem público e direito social, e passa então a ser guiada pela lógica mercantil, a lógica da educação como mercadoria, divulgada pelo Banco Mundial, a partir de 1990.

Atualmente, a Bahia possui oito universidades públicas, sendo quatro de ordem administrativa no âmbito federal: Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e a Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB); e quatro no âmbito estadual: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Universidade Federal de Feira de Santana (UEFS). Ainda conta com mais duas universidades federais, que são de outros

estados, mas possuem *campus* na Bahia, como a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). No setor privado, conta com aproximadamente uma centena de instituições de ensino superior, entre faculdades, centros universitários e institutos de ensino superior. Como dito anteriormente, no município de Feira de Santana, local onde a pesquisa se insere, a população tem como oferta de ensino superior no setor público a UEFS e um *campus* da UFRB, e possui mais de trinta instituições de ensino superior no setor privado. Dados locais, tanto em nível de estado quanto de município, que dialogam com os resultados mais atuais publicados no Censo da Educação Superior de 2019 (MEC/INEP, 2021), mostram que do total de IES, 88,4% são privadas e 11,6% são públicas; das quais 5,1% estaduais, 4,2% federais e 2,3% municipais.

Considerando o que foi exposto, ser jovem no Brasil na atualidade significa vivenciar as alegrias e os desafios característicos desta fase, tensionados pelas condições sociais e econômicas na qual se está inserido. Este processo vai delineando uma singularização nos modos de ser jovem, proporcionando também a construção positiva de uma identidade juvenil como uma resposta possível às encruzilhadas da vida.

É evidente que educação e trabalho são elementos que marcam substancialmente a condição juvenil, sobretudo porque possibilitam a inserção socioeconômica nos moldes em que a sociedade capitalista se organiza, porém, vemos a ampliação do conceito de juventude, como fruto do processo histórico e pelas próprias experiências juvenis. Os jovens hoje se deparam com uma multiplicidade de instâncias socializadoras (não apenas a família e a escola), inclusive as redes digitais têm assumido um papel importante nesta função, o campo de lazer e cultura também são fontes fundamentais de socialização e na constituição de identidades e valores. Abramo (2005) ressalta que a experiência juvenil passa a ter sentido em si mesma, e não apenas como uma etapa de preparação para o futuro.

Sobre a expressão do potencial dos jovens, como protagonistas no campo social, político e cultural, as pesquisadoras Iriart, Laranjeira e Rodrigues (2016) enfatizam que:

É preciso considerar as experiências dos jovens, originárias de seus contextos singulares de vida, carregadas de sentido no presente e em seu vir a ser, como campo de possibilidades, articulando-as às estruturas de oportunidade e às mediações sociais – seja pela relação escola, família e comunidade, seja pela participação estudantil, ocupação de espaços políticos ou através de culturas juvenis [...]. (IRIART; LARANJEIRA; RODRIGUES; 2016, p. 119).

Ainda sobre esta questão, as autoras colocam que o desafio está posto para instituições, no campo político e social, de reconhecerem os tempos e espaços juvenis, e a escola tem um papel relevante neste processo, ao instituir práticas educativas mais dialógicas, onde além dos saberes relevantes para a formação, os jovens teriam espaço para se posicionarem ativamente na construção de seu percurso juvenil, vivendo o presente e com autonomia e perspectiva de projeção de futuro.

O debate que aqui se apresenta acerca das questões que atravessam as juventudes torna-se relevante, tendo como ponto de partida as tensões e desafios que os jovens enfrentam na sua condição juvenil, ao propor sair de análises lineares e interpretar as formas de o jovem ser e estar no mundo, considerando o seu tempo/espaço, como vão se delineando a partir de suas subjetividades, na construção do seu percurso biográfico.

Existem poucos estudos sobre jovens no limiar de acesso entre o ensino médio e o ensino superior, mesmo com as políticas de ampliação de acesso e de permanência no ensino superior em expansão no país, a partir dos anos 2000, como mostrarei esses dados no próximo tópico. Com base em alguns descritores, a pesquisa bibliográfica realizada no portal Scielo e no site da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), acessando as publicações dos GTs 3, 13 e 14, nas quatro últimas reuniões (2013, 2015, 2017 e 2019), indicou algumas lacunas no que diz respeito aos estudos que integram a relação entre juventude e projetos de vida ou juventude, ensino médio e ingresso no ensino superior, como se essas temáticas estivessem apartadas e pouco estudadas no seu imbricamento.

Ao pesquisar por juventude e ensino superior na plataforma Scielo, tive acesso a seis artigos com temáticas variadas. O estudo de Gonçalves e Carra (2013) traz produções escritas por estudantes universitários na década de 1940 como espaço para expressões da juventude universitária e do movimento estudantil. Almeida e Chaves (2015) pesquisam o empreendedorismo como escopo de diretrizes políticas da União Europeia no âmbito do ensino superior. Estudos sobre a juventude rural estão presentes em Zago (2016) e Redin (2017). E questões de interseccionalidade de raça e classe social, atravessando o ingresso de jovens no ensino superior, são debatidas amplamente nas pesquisas de Picanço (2015) e de Senkevics e Carvalho (2020) – estes últimos autores serviram como uma das referências básicas deste trabalho, ao discutirmos questões sobre o ingresso no ensino superior.

Ingresso e ensino superior foi outro grupo de descritores que resultou em 42 referências. Nota-se uma maior concentração de artigos em três temáticas: educação inclusiva, políticas de acesso e permanência e vivência acadêmica, envolvendo aspectos como evasão,

filiação e conclusão de curso. Do total acima citado, quatro artigos se direcionaram para a temática juventude. Picanço (2015) analisa o impacto das políticas públicas de democratização no ingresso de universidades, permeado pela questão étnica e de renda familiar dos jovens. D’Avila (2010) e Souza e Vazquez (2015) analisam as expectativas de jovens de baixa renda com relação à inserção no mercado de trabalho e ingresso no ensino superior – no primeiro caso a pesquisa tem como participantes estudantes de um cursinho pré-vestibular popular; no segundo artigo os participantes da pesquisa são estudantes do ensino médio de escolas públicas, dois dos textos que referendam nossas discussões dentro desta temática neste trabalho. A pesquisa de Almeida (2007) tem um enfoque na forma de integração ao meio acadêmico que jovens de baixa renda desenvolvem ao ingressar no ensino superior.

Utilizando os descritores juventude, projeto de vida, saída do ensino médio e ingresso no ensino superior, em suas diferentes combinações, observei uma concentração de estudos a partir dos anos 2000, período em que houve a criação e implementação de políticas públicas para a democratização do acesso ao ensino superior. Com a implementação de políticas de acesso, através de reserva de cotas para estudantes de escolas públicas, além das cotas raciais e étnicas, ampliou-se o debate sobre o ingresso e permanência dos jovens estudantes, bem como as tensões e desafios que eles atravessam para a concretização deste propósito.

Mas apenas um texto, entre os encontrados, contemplou a temática de juventude, relacionando-a à educação básica. O trabalho apresentado por Borges (2019) articula as categorias juventude e futuro em uma abordagem epistemológica pós-crítica e através da pesquisa etnográfica, buscando compreender como jovens estudantes do ensino médio se relacionam com o conhecimento escolar na contemporaneidade. Fruto de sua tese de doutorado, o artigo de Borges trouxe contribuições para este estudo, no sentido de promover reflexões sobre o sentido/significado da escola para as juventudes, questionando o lugar dela na atualidade, ao passo que tensiona a relação dos jovens com o planejamento de futuros, e como se dá a mediação da escola/conhecimento escolar neste processo.

Viana e Xavier (2015), através da pesquisa qualitativa, buscam compreender a elaboração de projeto de vida e suas expectativas para o ensino superior, analisando a presença da escola e da família neste processo e se apoiando, principalmente, nos teóricos Pais (2009), Leccardi (2005), Mellucci (1997) e Lahire (1997).

Na 36ª reunião da ANPED, no ano de 2013, das dezessete publicações, apenas uma aborda juventude, associando-a à migração rural-urbana e ensino superior, um estudo feito

por Zago (2013) sobre a juventude rural e suas demandas por escolarização em nível superior, artigo que contribuiu para o embasamento das discussões teóricas deste trabalho.

Identifiquei, portanto, que há necessidade de desenvolvimento de estudos referentes à questão sobre o limiar da saída de jovens no ensino médio, de modo a perceber a importância de se debruçar nesta etapa de definições de caminhos após a conclusão da escolaridade básica, em que considere as juventudes imbricadas nas suas diversas tramas sociais e subjetividades, bem como a sua relação com a escola/conhecimento escolar neste processo de decisões. Mesmo sendo notória a expansão quantitativa dos estudos sobre juventudes e sobre ensino médio na última década, há uma lacuna referente a esta transição, sobretudo quando atrelada ao ingresso no ensino superior.

Destaco, assim, a relevância desta pesquisa, no sentido de trazer aspectos do atual contexto escolar do ensino médio e suas relações com as juventudes, de forma a tensionar a dimensão que esta instituição, legalmente responsável pela formação de jovens na última etapa da escolaridade básica, ocupa nas perspectivas de futuro dos jovens estudantes. Importante também é destacar a discussão aqui presente, sobre a perspectiva de ingresso no ensino superior como uma possibilidade de futuro para os jovens concluintes do ensino médio e suas correlações com os atravessamentos das juventudes, presentes nas tramas sociais e subjetivas. Discussões teóricas e empíricas, que podem contribuir para que as instituições escola e família possam ampliar os espaços/momentos de diálogos com os/as jovens, fomentando as discussões sobre perspectivas futuras de modo mais concreto e menos alegorizado.

E no meio da travessia, uma pandemia

Outro fator que incide nas trajetórias das juventudes aqui pesquisadas é a experiência de atravessar a pandemia do novo coronavírus, causador da Covid-19, e os respectivos impactos em diversas esferas do cotidiano do planeta que esta vem causando. Desde dezembro de 2019, quando ocorreu a divulgação dos primeiros casos na China, rapidamente a doença se espalhou para a Europa e, em seguida, teve no continente americano seu principal foco de contágio e mortes. Dados do Ministério da Saúde contabilizaram, em meados do mês de julho de 2020, mais de 87 mil óbitos no Brasil em decorrência desta contaminação, após quatro meses do primeiro óbito aqui registrado; um ano após o primeiro caso (fevereiro de 2020) registrado no Brasil, o país viveu a segunda onda da pandemia, contabilizando a trágica marca de quase 269

mil óbitos, colocando o país no patamar de segundo em número de mortos por Covid-19 no cenário mundial, marca que se acentuou quando, em junho de 2021, o Brasil registrou mais meio milhão de óbitos em virtude da Covid-19 (BRASIL, 2021).

A doença apresenta alta transmissibilidade e a principal forma de agravamento é o comprometimento da capacidade respiratória do indivíduo, que pode resultar em óbito em poucas semanas ou mesmo dias após ocorrer a contaminação/infecção. Assim, uma das medidas adotadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) foi a recomendação do distanciamento social, interrompendo de forma total ou parcial o funcionamento presencial de diversos setores da sociedade, como comércio, escolas, centros religiosos, centros culturais, espaços de lazer, enfim, todos os locais e/ou atividades que resultassem em aglomeração de pessoas. Organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), a OMS e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), alertaram para o risco de impactos negativos desta pandemia para os jovens, pelo fato de a categoria estar incluída no grupo dos mais vulneráveis, perpassando por condições de saúde física e mental, impactos no percurso escolar, perda de trabalho ou renda, apontando para a necessidade de estudos e pesquisas, bem como o planejamento e a implementação de políticas públicas que os atendam neste contexto.

A área educacional foi fortemente impactada pelo cenário pandêmico, e os jovens posteriormente foram denominados de vítimas ocultas da pandemia, porque, apesar de não ser o grupo populacional mais atingido pela doença, a suspensão das aulas presenciais, a redução das possibilidades de tempos/espços de sociabilidade e a restrição da mobilidade impactaram muito negativamente para esta faixa etária. De imediato, em março de 2020 todas as atividades escolares presenciais foram suspensas em todos os níveis de ensino no Brasil.

Com a publicação do parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 15/2020, houve um direcionamento para que possíveis atividades pedagógicas fossem realizadas, mediadas ou não, com o uso de tecnologias, de modo que as instituições garantissem que, caso fosse utilizados os recursos tecnológicos, todos deveriam ter iguais condições de acesso. Com isso, a grande maioria das escolas que oferta educação básica, pertencente à rede particular, retomou de imediato suas atividades pedagógicas, com uso de recursos tecnológicos, conseguindo ir adiante com o curso do ano letivo. Por outro lado, as escolas pertencentes à rede pública ficaram impossibilitadas de dar continuidade ao ano letivo, pela falta de condições estruturais e tecnológicas de ofertar um ensino remoto em caráter excepcional, para fazer acontecer o ano letivo de 2020, ocorrendo tentativas isoladas de

manter o vínculo da escola com a família/aluno/aluna com o envio de atividades pedagógicas presenciais ou digitais, sem, contudo, ofertar oficialmente o ano letivo, decorrendo daí o que foi denominado pelas mídias de “apagão da educação”, como foi o caso da educação pública baiana.

Com o objetivo de realizar um levantamento da situação de jovens atravessando e atravessados pela pandemia, o Conselho Nacional de Juventude realizou uma pesquisa no período de março a junho de 2020, denominada de “Juventudes e pandemia do coronavírus” (divulgada no site Atlas da Juventude, 2020), entrevistando mais de 68.000 jovens representantes de todas as regiões do país, os quais responderam a um questionário através de plataformas de videoconferência, com questões voltadas para relações familiares, escola, renda, saúde emocional e perspectiva de futuro. No campo das relações familiares, o maior medo apontado foi o de ser infectado ou infectar familiares, ou mesmo perder familiares vítimas da Covid-19. A renda familiar também foi atingida com redução na carga horária e no salário, sendo que 40% indicaram ter perdido renda familiar ou pessoal, e muitos relataram que recorreram ao auxílio financeiro emergencial. Este cenário de medo, de isolamento social e instabilidade financeira gerou um impacto na saúde emocional dos jovens com a prevalência de sentimentos como ansiedade, tédio e impaciência, que foram os mais apontados por eles.

No quesito educação, os jovens que estavam tendo acesso ao ensino remoto relataram dificuldades em gerenciar as emoções e manter a rotina domiciliar de estudos, e outro dado revelado foi que 28% dos participantes responderam que pensam em não voltar para a escola, e quanto aos inscritos no Enem, 49% pensaram em desistir. Cabe aqui registrar que, mesmo com as aulas presenciais suspensas em toda a rede pública do país, o que representam 77,1% de estudantes brasileiros, conforme dados do Censo da Educação Básica de 2019 (INEP, 2020), e com o mínimo percentual de municípios que adotaram estratégias de ensino remoto, as provas do Enem 2020 foram mantidas pelo MEC. Apesar de movimentações da sociedade civil, entidades estudantis e mesmo alguns parlamentares requisitarem o cancelamento, apenas houve adiamento do mês de aplicação das provas, de novembro de 2020 para janeiro de 2021, mantendo e mesmo ampliando as desigualdades históricas de condições de acesso ao ensino superior. Tal atitude ignorou as abissais diferenças de condições de estudo que permeiam o contingente de estudantes do país pertencentes a uma diversidade de escolas urbanas de centro e periféricas, rurais, indígenas, quilombolas, dentre outras especificidades, e os respectivos desafios enfrentados no cotidiano.

Devido à atualidade do tema, há ainda carência de estudos e pesquisas sobre os impactos da pandemia na juventude, lacuna que precisa ser preenchida, visto os cuidados necessários que os jovens requerem, tanto em questões sanitárias quanto relacionadas ao seu desenvolvimento biopsicossocial, somadas aos desafios estruturais já presentes no país. Um estudo recente, publicado na área de psicologia, realizado por uma equipe de pesquisadores (OLIVEIRA *et al*, 2020) afirma que:

[...] essas experiências de adversidade relacionados a situações limites se estendem na história pessoal dos indivíduos e pressupõe-se que, no caso da pandemia provocada pelo coronavírus em 2020, repercutirá emocional e psicologicamente a longo prazo. Para os adolescentes, além da situação pandêmica, há o distanciamento emocional e interrupção da rotina de vida diária que inclui a frequência à escola e o encontro com os pares. Em termos de desenvolvimento, a adolescência é um momento de maior distanciamento das figuras parentais e família e maior aproximação com os colegas, o que em períodos d pandemia não é possível diante da necessidade de ficar em casa (OLIVEIRA; *et al*, 2020, p. 09-10).

Pelo cenário exposto, os jovens apresentam uma vulnerabilidade social e emocional no processo pandêmico que estão vivenciando, o que requer dos responsáveis e/ou familiares um olhar ou mesmo atitudes que promovam acolhimento no campo emocional; no campo social, as autoridades e instituições precisam desenvolver ações que reparem ou minimizem os impactos da pandemia no campo educacional, econômico e de saúde pública destes indivíduos jovens, que apesar de não estarem incluídos no grupo de risco para a doença, têm sido fortemente atravessados pelas alterações nas dinâmicas familiares e sociais onde estão inseridos, com impactos, inclusive, em seus projetos de futuro. A necessidade de enfrentamento às repercussões do período pandêmico se deve, sobretudo, a partir de oportunidades e meios de escuta e diálogos com os jovens, colocando-os como sujeitos ativos capazes de refletir sobre o cenário que os atravessam e as novas ou mesmo velhas demandas que requerem atenção e atendimento a este segmento da população.

Observa-se que o contexto educacional das escolas públicas, impactado agora pelas desigualdades de condições de acesso ao ensino remoto durante a pandemia, tende a exacerbar uma realidade de um sistema educacional que ainda luta para equalizar o acesso e a permanência de crianças e jovens, respeitando a correlação série/idade, na promoção dos ciclos da educação básica no país. Apesar de o Brasil estar em uma etapa de registro de um aumento expressivo nas matrículas do ensino médio, nas três últimas décadas, no período

entre 1991 e 2010, a taxa líquida de matrícula⁴ dos jovens saltou de 17,3% para 32,7%, atingindo 44,2% em 2004 e chegando a 50,9% em 2009 (KRAWCZIK, 2014). Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a década atual, divulgados através do relatório da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD) Contínua Educação (2019), revelam que a taxa de matrícula líquida alcançou a cobertura de 91,3% da população entre 15 a 17 anos, e a taxa de escolarização entre os jovens da mesma faixa etária em 2019 foi 88,2%, dados que nos aproximam da universalização do acesso à educação básica preconizada na LDB 9394/96 e na meta do Plano Nacional de Educação (PNE), na versão de 2014.

⁴ É um indicador cujo objetivo é verificar o acesso ao sistema educacional daqueles que se encontram na idade adequada para cada nível de escolarização. O cálculo é feito dividindo o número total de matrícula de indivíduos que se encontram na faixa etária recomendada para o nível que cursam com o número total de indivíduos na mesma faixa etária da população. Para valores referentes ao ensino médio, a faixa etária é de 15 a 17 anos, e para o ensino superior, de 18 a 22 anos.

CAPÍTULO 1 DELINEAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO: COMPREENDENDO OS SUJEITOS E SEUS DISCURSOS

Neste capítulo apresento a fundamentação teórico-metodológica em que se assenta a pesquisa de natureza qualitativa, numa perspectiva compreensivo-dialógica, assim como o percurso metodológico delineado. As entrevistas narrativas, em conjunto com os questionários e o grupo focal, constituíram-se em estratégias fecundas para ir descortinando a vivências atuais dos jovens e suas perspectivas futuras, relacionando-as, sobretudo, à trajetória escolar e ao possível ingresso no ensino superior.

O perfil socioeconômico dos jovens participantes, assim como uma breve descrição da escola escolhida para ser o *lócus* da pesquisa e as singularidades que a caracterizam serão apresentados. As etapas da pesquisa, desde a entrada em campo, até as estratégias de produção e análise de dados, serão descritas em conjunto com as minhas reflexões e tomada de decisões na captura das experiências juvenis que me foram sendo compartilhadas.

1.1 A abordagem teórico-metodológica e seus pressupostos fundantes

É relevante aqui referendar a concepção teórico-metodológica do professor e sociólogo peruano Danillo Martuccelli, que passou a investigar a formação do indivíduo no meio dos processos societários, como objeto de estudo e reflexão da sociologia contemporânea em escala individual. Em suas pesquisas e estudos realizados, sobretudo na França, aprofundou-se em questionamentos sobre os limites da sociologia tradicional que se assenta em interpretar o comportamento dos indivíduos a partir da representação do seu mundo social, e o indivíduo, nesta perspectiva, seria um mero produto do meio em que vive. Mesmo concentrando seus escritos a partir do cenário europeu, suas percepções são pertinentes também na América Latina, visto que os novos cenários requerem novas respostas sociológicas para os atores sociais. Os sujeitos se constroem para além das estruturas existentes e pré-definidas, seguem uma linha de construção autobiográfica de trajetórias, a partir do arcabouço que recebem em seu contexto histórico-social. Setton e Sposito (2013), em entrevista a Martuccelli, destacaram dois temas em seus estudos que elas classificaram como universais: os processos de individuação e os desafios estruturais da escola.

Na referida entrevista, Martuccelli responde sobre os processos de individuação que embasaram sua publicação *Cambio de Rumbo: la sociedad a escala del individuo* (2007) com uma proposta de corte analítico na sociologia tradicional e propondo como caminho viável

para descrever os processos sociais contemporâneos uma ruptura nas teorias prevalecentes, afirmando que:

A classe social foi, graças às lutas sociais realizadas em seu nome e à expansão do aparato estatístico público, um horizonte de significado compartilhado: os atores compreenderam suas vidas desde esse horizonte. A situação atual é diferente. Os indivíduos, por causa de um conjunto estrutural de transformações, tendem cada vez mais a perceber a vida social a partir de suas próprias experiências pessoais. É a partir delas que tentam compreender os fenômenos coletivos de uma sociedade. Ontem, este trabalho se realizou, em muito através da noção de classe social, hoje em dia, creio, esta mesma preocupação deve ser realizada privilegiando os processos estruturais de produção dos indivíduos (MARTUCCELLI *apud* SETTON; SPOSITO, 2013, p. 258, tradução nossa).

Ainda nesta entrevista, o pesquisador pontua quatro características do processo de individuação: 1) através de uma descrição da sociedade, a partir de seu conjunto de fenômenos, a uma escala individual; 2) no seu conjunto estrutural, todos os indivíduos passam por desafios/provas que devem enfrentar e cada qual irá dar uma resposta singular, de acordo seus recursos, identidades e posições, porém, dadas as características da sociedade moderna, todos estão sujeitos a passar por provas comuns; 3) a individuação varia entre sociedades e em recortes históricos; 4) as experiências pessoais comuns na sociedade levam à necessidade de compreensão crítica, e isto ocorre pelo debate democrático, portanto, a individuação tem um viés político (MARTUCCELLI *apud* SETTON; SPOSITO, 2013, p. 259, tradução nossa).

Sobre a concepção teórico-metodológica de Martuccelli (2007), Carrano (2011) coaduna com o autor, afirmando que há um jogo de adaptação e interações no qual os indivíduos conferem um sentido próprio às estruturas e condições em que vivem. Enfatiza que as provas/desafios, mesmo sendo interligadas ao contexto social, apresentam-se de forma heterogênea no interior de uma mesma classe, e os indivíduos reagem de modos singulares, proporcionando sentimentos plurais em cada prova vencida ou perdida. Nesse contexto de singularização, Martuccelli apresenta o conceito de suportes existenciais, que são um conjunto de recursos materiais ou simbólicos que os indivíduos articulam como uma rede de apoio para se sustentarem no seu entorno social. Assim, tanto recursos materiais como relações afetivas desempenham este papel de suporte no enfrentamento cotidiano das provas que os indivíduos enfrentam em sua trajetória existencial, sem julgamento de qualidade, o que é relevante é que os suportes possam ajudar na superação dos obstáculos, sem, contudo, enfraquecer a autonomia, sobretudo dos jovens em transição.

No campo dos estudos sobre juventude, Carrano (2011) pontua que:

Esta orientação teórico-metodológica desafia a pesquisa sobre os modos de vida dos jovens. O que se busca, então, é o equilíbrio no jogo de escalas que se faz entre o plano geral das estruturas sociais e o “zoom” sociológico que desce aos dramas individuais e singularidades biográficas. O desafio é o de estabelecer relações entre processos coletivos e histórias singulares. As pistas referenciais do sociólogo peruano Danilo Martuccelli sugerem a limitação do exame dos processos sociais de determinada realidade histórica concreta que se encontram envolvidos na construção das trajetórias individuais (CARRANO; 2011 p.17).

Nesta perspectiva da construção da trajetória dos indivíduos em não se limitar apenas aos determinantes sociais, mas, antes, em uma imbricação de escolhas e subjetividades, mesmo limitadas pelo entorno, cabe ressaltar a relevância de se colocar os jovens em posição de sujeitos pensantes e promotores de suas trajetórias e escolhas futuras. As transições geralmente não ocorrem de forma linear e padronizada, em geral são permeadas de conflitos e rupturas e, no âmbito das transições juvenis, os jovens necessitam de espaços para diálogos e promoção destas reflexões, em prol do exercício da autonomia e fortalecimento das identidades no presente, mas com perspectivas de escolhas futuras exitosas.

A partir da compreensão da transição juvenil, é relevante situar os jovens em suas ambivalências, entre o eu e o mundo exterior, permeados por descobertas, conflitos, inquietações e sonhos que os fazem se defrontarem com questionamentos sobre si e seu futuro. Questões sobre sua identidade, sobre quais rumos seguir na vida afetiva, profissional e familiar emergem com vigor no processo de transição para a vida adulta, delineando o próprio percurso de amadurecimento e construção autobiográfica, em um processo de presentificação, ao se debruçar sobre si mesmo, contudo, com perspectivas de projeção de futuro, ao idealizar escolhas e caminhos a seguir.

É no contexto contemporâneo de difusão de valores, pluralidades identitárias, enfraquecimento do poder simbólico das instituições tradicionais, por um lado, e estruturas sociais e econômicas desiguais, por outro lado, que emerge a relevância da construção de projetos de futuro pelos jovens, em diferentes territórios e contextos socioculturais brasileiros. A construção dos projetos de futuro se constitui, assim, em um momento de integração entre a subjetividade e a objetividade, em direção àquilo que é a busca do ser, tendo como ponto de partida sua história de vida e impulsionado pelos sonhos e aspirações. Como o ser humano por uma questão ontológica é um ser inacabado, então vivemos sempre nesse devir, e o

momento de construção dos projetos nos lança a caminhos possíveis para tais realizações. Então, perpassa pelo fortalecimento da identidade em um contexto de escolhas delimitadas por fatores socioeconômicos, históricos e culturais de um lado e, de outro, a influência de suportes familiares, amigos e instituições se inter cruzando e desenhando as trajetórias dos sujeitos jovens em busca de seus ideais.

Desse modo, é preciso explicitar, na perspectiva sociológica, a concepção de projeto que embasa esta pesquisa, avançando para os projetos de futuro juvenis, conforme o objeto de estudo aqui delineado.

Weisheimer (2009) e DeLuca, Oliveira e Chiesa (2016) trazem as contribuições do antropólogo Gilberto Velho (2003), cujas pesquisas seguiram em direção à compreensão das sociedades complexas que marcam a contemporaneidade. Segundo Velho, nas sociedades modernas o individualismo compõe um forte traço e os sujeitos precisam construir projetos para lidar com valores heterogêneos, no entanto, este caminho não é linear, pois o indivíduo se depara com um campo de possibilidades que é uma condicionalidade objetiva sobre os projetos elaborados; seriam os limites impostos pelas condições sociais, culturais, econômicas e políticas contingenciando os planos e sonhos, alertando que os projetos não se concretizam apenas pelo esforço pessoal ou que a vontade do indivíduo seria o bastante. Assim, segundo Velho (2003):

Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée* (VELHO, 2003, p.28 apud DELUCA; OLIVEIRA; CHIESA, 2016, p. 465).

Diante disso, o campo de possibilidades se constitui no elemento que direciona a movimentação dos projetos durante a trajetória do indivíduo, potencializando, limitando ou mesmo impedindo a concretização de propósitos traçados. Segundo Dayrell (2005), é nesse processo, permeado de descobertas, conflitos e emoções, que o jovem tende a se colocar frente a questões, em busca de si, na perspectiva do presente e do futuro, questionando-se sobre: “quem sou eu?”, “para onde vou?”, “qual rumo devo dar à minha vida?”. Essas questões se tornam o fio condutor para a elaboração do projeto de vida, definido pelo autor

como a ação do indivíduo de escolher um dentre os futuros possíveis, capaz de transformar os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida (DAYRELL, 2005, p. 34).

O autor segue explanando que estabelecer o projeto de futuro depende de duas variáveis: explorar o conhecimento sobre si e o conhecimento sobre o mundo. Enfatiza que a individualidade não ocorre de forma meramente natural e espontânea, mas que emerge das interações com outros indivíduos, que vão permitindo o autoconhecimento e a produção de sua identidade. Por outro lado, e complementar a isso, o conhecimento da realidade permite saber quais as reais condições, limites e possibilidade os jovens experimentam ao fazer parte de determinado grupo social, coadunando com os estudos de Velho (2003) sobre o campo de possibilidades. E o autor complementa a relevância do traçado dos projetos de futuro na vida dos jovens, afirmando que é preciso oferecer tempos e espaços que promovam a interlocução de jovens entre si e entre outras gerações, de modo a propiciar essa construção de forma autônoma e com escolhas conscientes.

A relação entre a construção de projetos e os campos de possibilidades, perpassa ainda por um importante conceito desenvolvido por Martuccelli (2007), que ele denomina de suportes. É nesta percepção que Martuccelli denomina suportes existenciais estes recursos que o indivíduo articula para sustentar a si e seu entorno, na forma de apoio material ou simbólico, e assim define que:

Cada indivíduo, cada um de nós, está imerso no meio de um conjunto de suportes. Trata-se dos elementos mais singulares do nosso universo, às vezes os mais secretos, outras vezes os mais visíveis, e cujo perímetro varia em função do tempo e das evoluções que conhece a nossa biografia. Alguns suportes são materiais, outros simbólicos; a contagem deve incluir pessoas próximas, mas também a outras espacialmente distantes, mas não menos íntimas. Para alguns, como não, será um objeto-lembrança, para outros um gesto-lição comovedor. Mas em todas as suas variantes, um traço os reúne: todos eles nos permitem, cotidianamente, de maneira consciente ou não, suportar a existência (MARTUCCELLI, 2007, p. 95-96, tradução nossa).

Diante do exposto, Carrano (2011) traz uma importante ponderação, ao referendar os suportes como elementos presentes na vida de todo indivíduo e, por conseguinte, de todo jovem, como a relação de recursos subjetivos que o jovem traz em si, e os recursos disponíveis no entorno social existente na forma de redes e apoios materiais e simbólicos. Nesse jogo de interação entre as subjetividades e os recursos externos do meio social, em que os jovens estão construindo a sua identidade e trajetória, os suportes existem, quer tenham

consciência ou não da sua existência, contudo, esses suportes podem ou não colaborar no processo de autonomia desses jovens, podendo causar um efeito reverso de limitação e refração da autonomia, ao invés de potencializar o processo de individuação.

Essa questão remete à presença de agências de socialização que permeiam as transições juvenis nas sociedades contemporâneas e, em maior ou menor intensidade, são depositárias de significados e sentidos, podendo ser caracterizadas em algum momento como possíveis suportes: a família, em suas diversas formas de arranjos, a escola, a rede de amigos real ou virtual, em suas diversas formas de interações juvenis.

É neste sentido que pretendo investigar nesta pesquisa como os jovens constroem seus projetos de futuro, como idealizam a perspectiva de ingresso no ensino superior e com que suportes materiais e simbólicos podem contar, de forma consciente ou inconsciente, nos seus percursos biográficos, sobretudo no contexto escolar, como estudantes do ensino médio.

A individualização acontece permeada pelos processos de socialização que colocam, contemporaneamente, o desafio da compreensão multifacetada e provisória desses processos, analisando as provas e os suportes que vão configurando as trajetórias biográficas juvenis. Para tanto, a natureza compreensiva e dialógica da pesquisa é relevante, por possibilitar pôr em relevo as experiências narradas pelos jovens e as reflexões da pesquisadora lado a lado nessa caminhada. Assim como entender a narrativa como um organizador psicológico das experiências vividas, cujos significados são produzidos na interação dialógica.

1.2. O percurso metodológico na captura das experiências e percepções juvenis

A pesquisadora e educadora Franco (2003) pontua a relevância do sentido dado à metodologia e afirma que esta não se resume a um rol de procedimentos a se seguir, nem a um elemento engessador no campo, mas deve estar assentada no quadro de referências, crenças, valores, concepções de mundo e de conhecimento, permeando todas as decisões do pesquisar (FRANCO, 2003, p. 192).

Outro aspecto relevante é a interação que ocorre entre sujeitos da pesquisa e pesquisador, de modo que ambos estão em uma relação dialética, portanto, o saber produzido pode trazer um conhecimento transformador para ambos. A pesquisa, nesta perspectiva reflexiva, põe o pesquisador a pensar a representativa de sua presença neste cenário, observando questões como a posição hierárquica que ocupa no contexto profissional, a diferença intergeracional, suas características pessoais, como raça, gênero e idade, de modo a

(des)construir sua inserção no campo, minimizando estas diferenças em favor de um diálogo mais horizontal possível. Nesse sentido, Franco (2003) enfatiza a dialogicidade e a dialética presente no campo, ressaltando que:

O pesquisador deverá estar atento para realizar as interpretações em contexto; para perceber as mediações do particular com a totalidade; para perceber a dinâmica das contradições inerentes ao movimento histórico; deve saber respeitar as sínteses provisórias de saber que vão se constituindo. Será preciso saber trabalhar para além do observável, saber construir os referenciais teóricos que podem se mostrar adequados à busca da complexidade do concreto e saber, com recurso da teoria, retornar ao empírico para melhor compreendê-lo. (FRANCO, 2003, p. 201)

Diante desses pressupostos, delineia-se uma perspectiva compreensiva-dialógica, tendo como princípio norteador ouvir as vozes juvenis contando suas próprias histórias de vida, percepções, experiências vividas e interpretações subjetivas da realidade macro e micro social em que estão inseridas. A pesquisa qualitativa é de grande relevância para o estudo das relações sociais, devido à pluralização das esferas de vida e à crescente individualização das formas de viver, o que requer uma nova sensibilidade para o estudo em questão, postulando que o conhecimento científico deve ser concebido como uma construção histórica e, portanto, refutando a ideia de uma verdade única como explicação da realidade (FLICK, 2006; PESCE; ABREU, 2013).

É importante aqui ressaltar a definição que Flick (2006) faz para este tipo de abordagem de pesquisa:

[...] a era das grandes narrativas e teorias chegou ao fim. As narrativas agora precisam ser limitadas em termos locais, temporais e situacionais. [...] A mudança social acelerada e a conseqüente diversificação das esferas de vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais. Tratam-se de situações tão novas para eles que suas metodologias dedutivas tradicionais – questões e hipóteses de pesquisa obtidas a partir de modelos teóricos e testadas sobre evidências empíricas agora fracassam devido a diferenciação dos objetos. Em vez de partir de teorias e testá-las, são necessários ‘conceitos sensibilizantes’ para a abordagem dos contextos sociais a serem estudados (FLICK, 2006, p. 20-21).

1.2.1 Contexto e procedimentos da pesquisa

O local escolhido para a realização desta investigação foi o Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães, escola pública pertencente à rede estadual de educação da Bahia, que

está localizada no centro da cidade de Feira de Santana, na rua Vasco Filho, nº 15. A escolha desta escola se deu por duas razões prevaletentes: pelo perfil da escola e pela minha inserção na mesma, atuando como Coordenadora pedagógica, na função desde 2007, situações que irei aprofundar nos parágrafos a seguir.

Segundo dados do Anuário Estatístico da Educação da Bahia (2015), o município de Feira de Santana dispõe de 51 escolas pertencentes à rede pública estadual e com oferta de ensino médio, sendo 44 escolas na área urbana e sete escolas na área rural. O Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães é uma dessas escolas, e data relativamente como uma escola nova, fundada em maio de 1999. Em 1998, logo após o súbito falecimento do deputado federal Luís Eduardo Magalhães, filho do ex-governador da Bahia e então senador, Antônio Carlos Magalhães, foi decretada a construção de “colégios modelo” exclusivos para o ensino médio nas principais cidades da Bahia, os quais levariam o nome Luís Eduardo Magalhães como homenagem ao idealizador do projeto. As escolas foram construídas em menos de um ano, após a publicação do ato oficial nº 7.293 no Diário Oficial do Estado, do dia 05/05/1998, autorizando a sua criação. O Colégio Modelo, como é chamado por membros desta comunidade escolar, foi projetado como uma escola de características físicas de padrão diferenciado, com qualidade superior em suas instalações, sendo composta por: 12 salas de aula, com amplas janelas de vidro, rampas, banheiros femininos e masculinos, banheiros adaptados para pessoas com necessidades especiais em cada piso, laboratórios de ciências e informática, biblioteca pública com atendimento da comunidade escolar e externa, quadra poliesportiva descoberta, três salas ambientes destinadas para serem laboratórios de linguagens e sala de artes, com ambientes distribuídos em três pisos de construção. No térreo a escola possuía instalações administrativas, como a sala da direção e da vice-direção, secretaria, sala dos professores, sala da coordenação, banheiros, sala de mecanografia, pátio coberto e cantina. Ainda dispõe também de um auditório com 200 lugares, banheiros e camarins.

Fotografia 01 - Fachada do Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães em Feira de Santana



Fonte: arquivo institucional da direção da escola, 2020.

No entanto, com o passar dos anos, e com a grande procura por vagas nesta escola, que além da estética e instalações agradáveis, foi consolidando um trabalho pedagógico de tal modo que a comunidade feirense, e mesmo de cidades circunvizinhas, disputava vagas no período de matrícula. O documento interno da escola, o Projeto Político Pedagógico (PPP), relata que, por volta dos anos 2000, aos poucos os espaços físicos ociosos ou subutilizados foram sendo transformados em salas de aula para atender à demanda de vagas da comunidade. Assim, os laboratórios, as salas ambientes e até mesmo a sala de artes foram adaptadas para se transformarem em salas de aula, visto que esses espaços estavam ociosos na escola, por falta de verbas e profissionais para o funcionamento e manutenção adequados, e havia uma demanda por espaços a serem ocupados, de modo atender à pressão da comunidade por vaga na desejada escola, situação contraditória, visto que um dos elementos que diferenciava a escola era a oferta destes espaços específicos para vivências práticas de aprendizagens curriculares, agora seriam eliminados e transformados em mais salas de aula.

Tal decisão ocorreu em meio a intensas discussões permeadas de muitas divergências entre a direção e a opinião de alguns professores, que não concordavam com a

descaracterização do projeto inicial da escola, pela sua relevância na proposta pedagógica da instituição de ensino. Após realização de reuniões coletivas para discutir tal mudança, prevaleceu então a decisão da direção, pressionada pela comunidade e com a anuência de autoridades de instâncias institucionais superiores (NTE 19/SEC). Então, atualmente o prédio conta hoje com 20 salas de aulas, que funcionam nos três turnos de ensino, sendo no diurno a oferta do ensino médio regular e no noturno, além do regular, são ofertados o ensino profissionalizante e a EJA, todos voltados para o ensino médio ou técnico subsequente. O PPP ressalta que estas mudanças estruturais nunca foram aceitas por unanimidade pelos docentes desta unidade escolar. Por um lado, docentes não aprovaram as mudanças, visto que trouxeram a descaracterização do projeto inicial da escola, que implicava em promover espaços temáticos e apropriados para enriquecer a prática pedagógica; mas, por outro, alguns docentes entendiam que estas mudanças acolhiam estudantes e professores novos, além de manter todos os demais com programação de carga horária suficiente para a permanência na unidade escolar.

Sobre o quadro de docentes que atua no diurno, turnos que a pesquisa será desenvolvida, a escola conta com 55 professores, todos concursados e graduados na área de conhecimento que lecionam. Desse quadro, 36 são especialistas *latu sensu* (65,4%), quatro profissionais estão cursando mestrado, uma cursando doutorado (09%), 12 já possuem a titulação de mestre (21,8%) e dois possuem doutorado (3,6%). Se somados todos os docentes com pós-graduação, seja *lato sensu* ou *stricto sensu*, a escola apresenta um percentual aproximado de 90% de sua equipe docente com formação continuada, superando a meta 16, proposta pelo PNE, que preconiza que as redes de ensino alcancem o índice de 50% da equipe com pós-graduação. O relatório que apresenta o resumo técnico do estado da Bahia, produzido pelo Inep, divulgou, com base nos dados do censo escolar 2019, que esse índice na Bahia está em evolução, e para a rede registrou-se 41,7% de docentes com pós-graduação (tanto *lato sensu* como *stricto sensu*).

A equipe gestora que atende aos três turnos de funcionamento é composta por um diretor geral, duas vice-diretoras e a equipe pedagógica está constituída por duas coordenadoras e um coordenador. Atualmente, a escola conta com aproximadamente 2 mil alunos matriculados, tomando como base a matrícula realizada no ano letivo de 2020.

A escola tem apresentado resultados satisfatórios no que se refere a índices de aprovação dos alunos egressos em provas de vestibulares e pontuação de provas do Enem, as quais direcionam para o ingresso no ensino superior e provas oficiais do Sistema de Avaliação

Externa, tanto a nível nacional quanto a nível estadual. Em contato com a secretaria da escola, para ter acesso aos números de alunos egressos com aprovação em vestibulares, obtive a informação que estes números não estão catalogados e nem arquivados, mesmo havendo uma ficha apresentada pela secretaria em que os alunos solicitam o Histórico Escolar e justificam o motivo para o qual está fazendo tal requerimento, então, neste campo registravam a justificativa para a apresentação do documento na matrícula das respectivas instituições de ensino superior que obtiveram aprovação.

Quanto às avaliações externas, o quadro abaixo mostra resultados comparativos da prova do Sistema de Avaliação Básica (Saeb)⁵, edições 2017 e 2019, cujo resultado serve de elemento de cálculo para a nota do IDEB⁶, estando referenciado por escola, cidade, estado e país.

Quadro 1 - Comparativo de resultados do IDEB (2017 e 2019)

	Resultado 2017	Projeção para 2019	Resultado 2019		
Esfera	Média alcançada	---	Média alcançada	Proficiência em Língua Portuguesa (valor de referência no nível adequado 350)	Proficiência em Matemática (valor de referência no nível adequado 350)
Brasil	3,8	5,0	4,2	268,52	270,63
Bahia	3,0	4,5	3,5	261,77	263,71
Feira de Santana	2,5	2,8	3,1	251,07	252,44
Colégio Modelo	3,9	4,1	4,7	298,49	295,87

(SANTOS, 2021) Elaborado com base nos dados de resultados e metas do IDEB edições 2017/2019, disponíveis no site do Inep (<http://ideb.inep.gov.br/>)

⁵ O Saeb, de responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), é um sistema composto por três avaliações externas, que são aplicadas em larga escala, e tem como principal objetivo diagnosticar a Educação Básica do Brasil. O Saeb é obrigatório para as escolas públicas e facultativo para as escolas privadas. O resultado dessas avaliações é usado para calcular o IDEB, que também considera os índices de aprovação escolar fornecidos pelo Censo Escolar.

⁶ O IDEB é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007 pelo Inep, como um indicador para medir a qualidade do aprendizado nacional, ao passo que também estabelece metas para a melhoria do ensino. As metas estabelecidas pelo IDEB são diferenciadas para cada escola e rede. O índice final varia de 0 a 10.

Os resultados evidenciam uma diferenciação positiva do Colégio Modelo em relação às médias das escolas públicas de Feira de Santana, à média estadual e mesmo à média nacional, consolidando a referência da comunidade quanto à confiabilidade no desenvolvimento do trabalho pedagógico desta unidade escolar.

Outro aspecto que consta no PPP da escola é a heterogeneidade da clientela estudantil que compõe a instituição escolar. Como a escola está localizada em uma área central, tem um entorno bastante peculiar: ao norte, um posto do Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC); ao sul, a avenida Presidente Dutra (que liga a BR-324 à BR-101); ao leste, o órgão local representativo da Secretaria de Educação (SEC) – o NTE 19; e a oeste o Terminal Rodoviário de Feira de Santana. Além disso, no quarteirão temos duas grandes escolas, o Colégio Estadual Gastão Guimarães e o Centro Estadual de Educação (CEEP) Saúde do Centro Baiano. Com isso, os estudantes são oriundos de diversos bairros da cidade, de distritos da zona rural, bem como de cidades circunvizinhas, compondo um rico panorama de diversas juventudes e condições juvenis, convivendo em um mesmo espaço/tempo para fins educacionais.

Desde 2007, desempenho na escola a função de coordenadora pedagógica por meio de aprovação em concurso público. Essa implicação me trouxe o desafio de me despir de alguns posicionamentos e atitudes institucionais, compelindo-me a ampliar/redirecionar o olhar e a escuta diante dos sujeitos participantes da pesquisa, bem como frente aos dados produzidos neste percurso empírico. Sobre essa dualidade, Ferreira e Raimundo (2017) enfatizam tal situação, afirmando que:

Não é, contudo, um dado adquirido que a pertença e a familiaridade do investigador com o universo estudado sejam sinônimo de acesso privilegiado a informação e ao entendimento da mesma como alguns invocam. Não só porque obriga o investigador a maior reflexividade, cautela e atenção sobre enunciados que produz a respeito do fenômeno em causa, obrigando a descentrar-se de si próprio e a distanciar-se da sua experiência vivida. Também o obriga a estar consciente dos efeitos do *'background'* partilhado nos processos de interação e de identificação que decorrem no trabalho de campo, colocando-o num estatuto ambíguo entre o 'nós' e os 'outros', e tornando-o vulnerável a classificações judicativas e especulativas, a suspeitas e desconfianças, a naturalizações e adquiridos decorrentes do seu prévio compromisso com o fenômeno estudado (FERREIRA; RAIMUNDO, 2017, p. 82).

Elegi como participantes sujeitos deste estudo jovens estudantes do ensino médio, concluintes da 3ª série por adesão voluntária em todas as etapas, seguindo o cronograma

abaixo para trilhar o percurso metodológico delineado, com as devidas adaptações necessárias diante da situação pandêmica atravessada no contexto da pesquisa. Inicialmente duas turmas aleatórias de cada turno (matutino, vespertino e noturno) foram acessadas através do líder da sala, via contato pelo *whatsapp*. A partir desta etapa, foram participando os jovens que demonstraram interesse em prosseguir nas etapas seguintes.

Quadro 2: Cronograma de etapas de produção do percurso metodológico

Período	Recurso utilizado	Objetivos	Quantidade de participantes
Setembro/2020	Enquete através de formulário <i>online</i>	Proporcionar informações sobre como os jovens estavam vivenciando a pandemia e seus atravessamentos na vida escolar, em aspectos da saúde mental, nas questões socioeconômicas da família.	Vinte e dois estudantes
Junho/2021	Questionário <i>online</i>	Perfilamento do universo de jovens participantes da pesquisa através de sondagem de questões referentes à trajetória escolar, questões socioeconômicas, inserção no mercado de trabalho, projeções de futuro, cenário pandêmico; Triagem de participantes para o grupo de discussão, de acordo com a disponibilidade sinalizada.	Dezesseis estudantes
Julho/2021	Encontro virtual na primeira quinzena de julho com os estudantes voluntários, no	Dialogar com os estudantes sobre a definição de ser jovem; Identificar aspectos da trajetória escolar, os motivos da escolha da escola atual e a	Cinco estudantes

	formato de Grupo de discussão.	relevância atribuída ao papel da escola nas suas escolhas futuras.	
Agosto/2021	Envio de áudio ou vídeo pelos estudantes participantes que se voluntariaram para esta etapa, respondendo às entrevistas narrativas, a partir de questões da pesquisa.	Analisar como jovens concluintes do ensino médio elaboram seus projetos de futuro e como delineiam o ingresso no ensino superior; Identificar quais suportes os (as) jovens contam para a realização ou potencialização de seus projetos.	Sete estudantes

Fonte: SANTOS, 2021.

Neste percurso em busca dos sujeitos da pesquisa, os dados produzidos foram revelando o perfil dos jovens participantes, a partir do recorte das questões elencadas em consonância com os objetivos de cada etapa, características que apresentarei de forma mais generalizada no próximo tópico, e de forma mais individualizada no capítulo 2, quando apresento as narrativas destes jovens participantes das etapas finais, resultados da interação ocorrida através dos dois últimos instrumentos da pesquisa.

O sociólogo Ferreira (2017) alerta para a importância de “juvenilizar” os métodos para dialogar com os jovens, indicando que conversar com jovens e ouvir as histórias contadas por eles é uma forma privilegiada de entrar nas suas vidas e compreender as experiências vividas e realidades objetivas. O autor pontua o risco de seguir com rigidez caminhos em linha reta, tal qual está sugerido em manuais de metodologias, quando se trata de pesquisas com e sobre realidades juvenis, salientando que é preciso ir se desarmando de certezas teóricas ou regras metodológicas para o trabalho da empiria, sob o risco de não se chegar a lugares novos (FERREIRA, 2017, p. 18).

Portanto, neste desenho metodológico, a pesquisa vai buscando traçar caminhos para encontrar melhores formas de capturar a realidade dos jovens em suas complexidades, em suas diversas nuances, a partir de técnicas que priorizem a escuta, a interatividade e a dinamicidade deles e entre eles.

1.2.2 A aproximação com os participantes da pesquisa e os desafios durante a pandemia

Como forma preliminar de acessar esses jovens e seus atravessamentos no início da pandemia, em setembro de 2020 mantive contato com os líderes de turmas de 2ª e 3ª séries dos turnos matutino, vespertino e noturno (duas turmas de cada série), através de *WhatsApp*. Enviei um áudio explicando, em linhas gerais, a minha pesquisa de mestrado e, em seguida, após a confirmação deles em aceitar participar e/ou divulgar para o grupo de *WhatsApp* das suas respectivas turmas, enviei o texto que seria repassado para os grupos de salas com o link para responder ao questionário⁷ (Apêndice D). Vale enfatizar que, neste período, os índices da pandemia estavam em ascensão, já fazia seis meses que ocorrera a suspensão das aulas presenciais, e até então não havia previsão de retorno nem implantação do ensino remoto para alunos da rede pública. Foi desafiante estabelecer contato com os líderes para me apresentar enquanto pesquisadora em um momento tão incerto para o contexto educacional público, quando o que os estudantes mais queriam ouvir da coordenadora pedagógica da escola era um comunicado sobre o possível retorno das aulas, quer fosse presencial ou remoto. Além dos estudantes da 3ª série, participaram também estudantes da 2ª série com a perspectiva de dar continuidade na pesquisa em 2021, tendo no total 22 estudantes respondentes.

No segundo momento de acesso ao campo, realizado em junho de 2021, apliquei um novo questionário⁸ (Apêndice E) nas turmas contatadas em 2020, agora, restringindo mais o foco da pesquisa, direcionando para uma turma de 3ª série do turno matutino e uma turma de 3ª série do turno vespertino. O questionário visou coletar dados relativos à identificação pessoal, como idade, etnia, gênero; atual composição familiar em sua residência; aspectos socioeconômicos: se beneficiário de programas sociais dos governos federal/estadual; renda média familiar; ocupação no mercado de trabalho; aspectos ligados à relação atual com a escola, como o nível de satisfação com a modalidade de ensino remoto em que estão concluindo o ensino médio; seus objetivos nesta etapa de escolaridade; preparação para o ingresso no ensino superior, na modalidade de ensino remoto; questões sobre seus projetos de ingresso no ensino superior: conhecimento sobre as políticas públicas de democratização do ingresso e permanência no ensino superior, suportes materiais e sociais; e, por fim, questões

⁷ Link do questionário: <https://forms.gle/1fhyPSKFkW5C31Sy5>

⁸ Link do questionário: <https://forms.gle/wOp4uVNmt4QoUCKM6>

ligadas ao uso das mídias e acesso aos recursos tecnológicos, tanto para o estudo quanto para o lazer e outros objetivos. Para concluir, o questionário direcionou para a próxima etapa, convidando e sondando os jovens sobre a disponibilidade de horários e dias para participarem de um diálogo em grupo sobre a temática da pesquisa, ao passo que já informava a provável duração de tempo e quantidade de encontros.

A princípio, o formulário foi encaminhado para todos os estudantes que estivessem aptos a responder (maiores de 18 anos) através do líder de sala⁹ – o contato telefônico dos líderes foi disponibilizado previamente para a equipe gestora da escola, a fim de manter a comunicação entre líderes de sala e gestores, via grupo no *WhatsApp* já existente na escola, criado em 2019. Recebido o link enviado pela pesquisadora, o líder, por sua vez, repassou para o grupo de *WhatsApp* da sala, já criado e administrado pelos próprios estudantes. No entanto, alguns estudantes manifestaram querer participar da pesquisa, e estavam impossibilitados por serem menores de idade, foi quando, em acordo com minha orientadora, elaborei um termo de autorização para os pais (Apêndice B), via *Google* formulário também, apresentando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE Apêndice B) para que estes estudantes menores pudessem participar, e todos os estudantes voluntariados para a pesquisa assinaram digitalmente o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE – Apêndice A). O contexto escolar naquele momento estava organizado pela modalidade do ensino remoto, iniciado em 15 de março de 2021, com a retomada das aulas para as escolas públicas da rede estadual.

A adesão à pesquisa via questionários foi lenta e me surpreendeu, porque foi muito baixo o número de alunos respondentes, a princípio apenas nove, de um universo de, em média, 80 alunos somando as duas turmas. Com o passar dos dias, solicitei aos líderes de cada sala contactada que reenviassem o link e a mensagem nos grupos de *WhatsApp* das salas, e nesse período mais sete responderam, totalizando 16 participantes. Ao final, três estudantes declararam não ter interesse em participar da continuidade da pesquisa.

Apresento aqui alguns dados referentes ao perfil identitário e algumas características socioeconômicas dos 16 estudantes respondentes do segundo questionário. São jovens na faixa etária entre 16 e 19 anos, sendo dez do sexo feminino e seis do sexo masculino, sobre os quais apresento o quadro abaixo com um resumo das principais informações referentes a

⁹ Uma chapa de líder e vice-líder é eleita como representante da turma com votos dos respectivos colegas de turma no início do ano letivo, em processo de eleição mediado pela coordenação pedagógica da escola.

demarcadores identitários. Para melhor visualização das composições juvenis nesta unidade escolar, o quadro abaixo apresenta os dados produzidos na etapa citada, em porcentagem.

Quadro 3: Perfil socioeconômico dos 16 sujeitos da pesquisa, com dados em porcentagem

MARCADOR	RESPOSTAS ÀS ALTERATIVAS	RESULTADOS %
Etnia/cor	Declarados pardos	50%
	Declarados brancos	37,5%
	Declarados negros/pretos	12,5%
Composição familiar	Mora com pai, mãe, irmão(s), irmã(s)	37,5%
	Mora com mãe e irmão(s), irmã(s)	12,5%
	Mora com avô/avó, tio/tia, outros familiares	
	Mora com companheiro	6,3%
	Mora com padrasto, mãe, irmão, avó	6,3%
	Mora com mãe, avó	6,3%
	Mora com pai, mãe e irmão	6,3%
	Mora com pai e mãe	6,3%
	Mora com pai, mãe, tia e irmã Mora com mãe e padrasto	6,3%
Média de renda familiar	De 01 salário mínimo	31,3%
	De 01 a 03 salários mínimos	50%
	De 03 a 06 salários mínimos	6,3%
	Estudantes que não informaram a renda	12,5%
Vínculo empregatício	Estudantes que não trabalham	81,3%
	Estudantes que trabalham	18,8%
Família/benefício social	Estudantes que recebem auxílio emergencial, em virtude da pandemia do	50%

	coronavírus (auxílio federal)	
	Recebe Bolsa família e é beneficiário também do programa Casa Verde Amarela (auxílios federais)	6,3%
	Recebe Bolsa presença (auxílio estadual)	6,3%
	Não são cadastrados para recebimento de benefício social	37,5%

Fonte: SANTOS, 2021. Dados extraídos de questionários virtuais aplicados pela pesquisadora nos meses de junho a julho de 2021.

O quesito referente à etnia revela uma maioria de jovens estudantes que se autodeclara parda e preta, chegando à aproximadamente 90% do universo da pesquisa. Dados que dialogam com os índices nacionais recentes apresentados da pesquisa PNAD Contínua de 2019, na qual a população declarada de cor branca, naquele ano, representava 42,7% da população residente, ao passo que a de cor preta era de 9,4% e pardos correspondiam a 46,8%. Em 2012, essas estimativas eram respectivamente, 46,6% branca, 7,4% preta e 45,3% parda. Nota-se um aumento da autodeclaração de pretos e pardos, fato que pode indicar um processo de autorreconhecimento, como fruto da valorização e respeito às diversidades ocorrida, sobretudo, nas décadas anteriores, através das políticas públicas neste campo social.

Os dados revelam um perfil de jovens estudantes de escola pública pertencentes ao grupo de brasileiros marcado por condição socioeconômica de baixa renda, visto que, dos 16 respondentes, 13 jovens estão na faixa de renda familiar de um a três salários-mínimos, compondo um mosaico típico da clientela das escolas públicas brasileiras, o que a torna principal responsável pela escolarização de crianças e jovens pobres. Ainda neste quesito de renda, dez estudantes afirmaram ser beneficiários de programas sociais do governo, com destaque para o recebimento do auxílio emergencial em virtude da pandemia por parte de oito respondentes. Assim, os dados da escola pesquisada referentes aos marcadores de condição socioeconômica espelham um recorte da sociedade brasileira, onde a pobreza se constitui em um marcador importante na condição juvenil, conforme analisam Dayrell e Carrano (2014):

Segundo o Censo de 2010, a população jovem no Brasil, compreendida na faixa de 15 a 29 anos, era de cerca de 51,3 milhões, correspondendo a um quarto da população total do país. Desse total, a maioria (85%) vivia nas áreas urbanas e, em grande medida, se inseriam em famílias com renda per capita de um salário mínimo, o que significa que grande parte da população juvenil se encontra nas

camadas mais empobrecidas da população. Ao lado da sua condição como jovens, alia-se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro (DAYRELL, CARRANO; 2014, p. 113-114).

Um dado que chama a atenção é que quase não há distorção série/idade nesta amostra de jovens pesquisados, apenas uma jovem com 19 anos cursando a última série do ensino médio, revelando uma possível interrupção ou reprovação em sua trajetória escolar. A amostragem revela que esta escola não enfrenta a realidade de dados elevados de distorção série/idade (6,3%), comparando com dados do Censo Escolar da Bahia 2019 (INEP/MEC 2020), o qual apresenta que as maiores taxas de distorção de série/idade do ensino médio encontram-se na 1ª série, 49,3%, enquanto na 3ª série é de 40,6%.

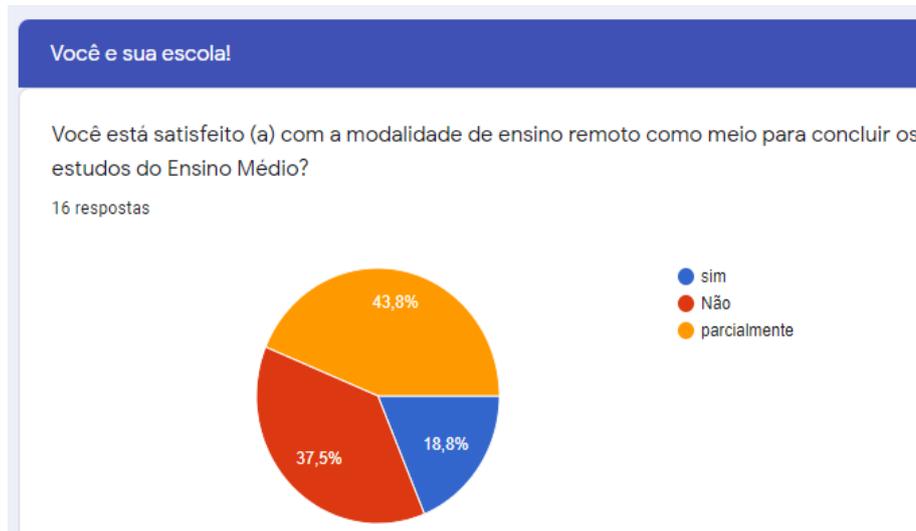
Na composição familiar, os dados revelam os múltiplos arranjos familiares que caracterizam os lares brasileiros na atualidade, com discreto predomínio (seis jovens) da composição familiar tradicional composta de pai, mãe e irmãos.

Acerca da questão de inserção no mercado de trabalho, 13 jovens declararam não trabalhar, apesar de quatro desses afirmarem que ajudam pai/mãe em um negócio próprio. No entanto, dentro desse grupo, dez estão à procura de emprego, revelando uma necessidade de autonomia financeira ou necessidade para ajudar nas despesas familiares. E dos três que declararam que trabalham, dois fazem estágio remunerado e uma é autônoma. Sobre esta realidade, Corrochano (2013) pontua que:

No Brasil, a relação dos jovens com o trabalho é marcada por muitas desigualdades, e o Ensino Médio parece ser um espaço significativo para evidenciar esse fenômeno. Para uns, o tempo no Ensino Médio é vivido como etapa de formação e preparação para o acesso à universidade, ficando o trabalho como um projeto para depois da conclusão do Ensino Superior. Porém, para a maior parte daqueles que tiveram acesso a esse nível de ensino nas duas últimas décadas, a realidade de trabalho, de bicos ou de um constante se virar para ganhar a vida combinam-se às suas vidas de estudantes (CORROCHANO; 2013, p. 2006).

Sobre as questões relacionadas à escola, as respostas dos jovens demonstraram um impacto muito forte da pandemia na vida escolar deles e na projeção do futuro, dados que iremos analisar em profundidade no próximo capítulo. Por hora, apresento alguns desses dados, através dos gráficos abaixo, com as respostas dos jovens.

Gráfico 1 - Satisfação com a modalidade de ensino remoto para conclusão do ensino médio



Fonte: SANTOS, 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

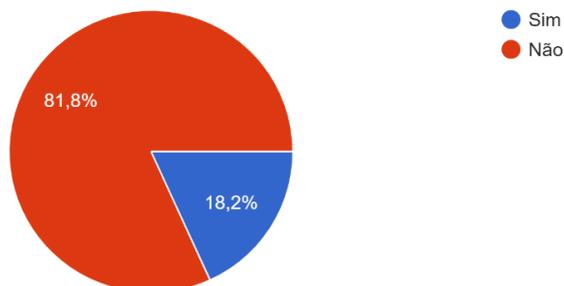
Os dados coletados na primeira etapa, realizada em setembro de 2020, reforçam o cenário delineado na pesquisa nacional realizada pelo Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE), citada anteriormente. No segundo questionário, onde 22 estudantes responderam, a maioria disse não se sentir preparada para as provas do Enem (2020), conforme indicam os gráficos 1, 2, e 3 abaixo, e esperavam definições de estratégias de retomada dos estudos pelos governantes responsáveis ou mesmo o cancelamento do ano letivo. Também relataram possíveis prejuízos em seus projetos de futuro, dadas as incertezas do momento, inclusive também a possibilidade de abandonar os estudos.

O gráfico abaixo evidencia que a grande maioria dos estudantes não se sentia preparada para a realização das provas do Enem 2020.

Gráfico 2- Preparação para realização das provas do Enem 2020/2021

Você se sente preparado para realizar as provas do Enem 2020/2001?

22 respostas



Fonte: SANTOS; 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

O gráfico a seguir revela as respostas de como os estudantes sentem os efeitos da pandemia em seus estudos, e um percentual maior sinaliza o medo do adiamento dos planos futuros, sinalizando as suas construções de percepções de projetos de futuro.

Gráfico 3 - Efeitos da pandemia nos estudos

Na sua condição de estudante de escola pública, como você descreve os efeitos da pandemia em seus estudos?

22 respostas

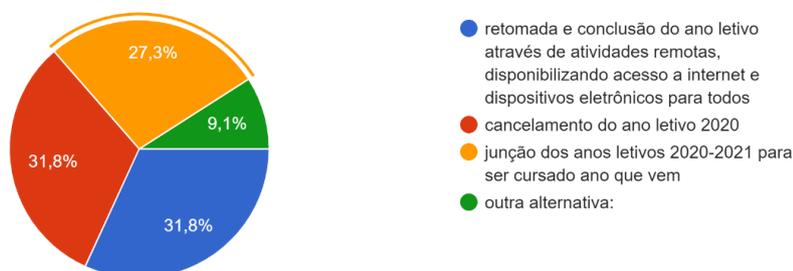


Fonte: SANTOS; 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

E neste gráfico está representado o percentual de respostas quanto as opções que os estudantes indicaram como caminho viável para a retomada dos estudos diante da pandemia em 2020, com votação maior entre duas opções: o cancelamento do ano letivo e a retomada das atividades letivas através do ensino remoto.

Gráfico 4 - Conclusão do ano letivo 2020 em meio à pandemia

Na sua opinião e no lugar de aluno de escola pública, qual seria a melhor forma que os governantes e autoridades deveriam adotar para a... dos estudos e conclusão do ano letivo de 2020?
22 respostas

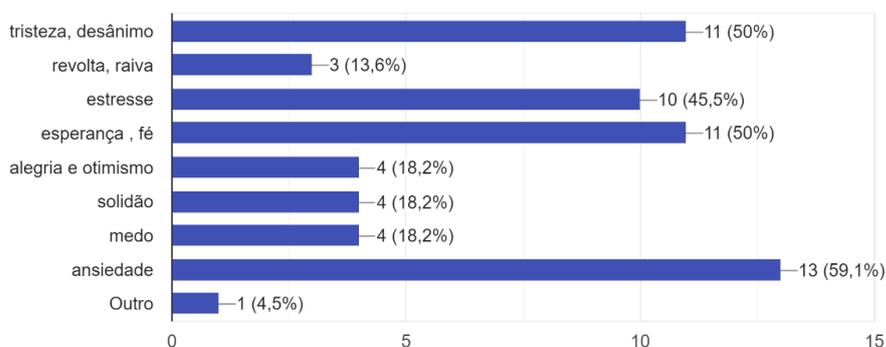


Fonte: SANTOS; 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

No campo emocional, os dados coletados também dialogam com os dados da pesquisa nacional, onde há a prevalência de sentimentos como ansiedade, tristeza e estresse, por conta do contexto pandêmico e as alterações causadas no cotidiano dos jovens.

Gráfico 5 - Sentimentos durante a pandemia e o distanciamento social

Quais sentimentos/attitudes tem sido mais frequentes em você durante este período de distanciamento social e suspensão das aulas prese... durante a pandemia. Marque até 03 alternativas:
22 respostas



Fonte: SANTOS; 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

Após a leitura e análise das respostas do segundo questionário apresentadas acima, listei os nomes e os contatos telefônicos dos alunos e das alunas que sinalizaram ter interesse em participar da segunda etapa da pesquisa em 2021, que seria uma discussão em grupo via plataforma *Google Meet*. Com isso, criei um grupo de *WhatsApp* na primeira quinzena do mês de julho, a fim de agendar diretamente com os participantes o melhor horário para nosso encontro. Neste grupo consegui inserir apenas oito participantes dentre os nove que haviam sinalizado, porque o telefone de um deles não apareceu como disponível para *WhatsApp*. No grupo formado, fiz então uma votação para escolherem o melhor dia para o encontro virtual anunciado, sendo o sábado à tarde a opção mais votada. No horário combinado compareceram cinco estudantes, sendo que uma delas logo saiu, justificando que apareceu um imprevisto e ela não podia participar.

Pautamos o encontro com a apresentação da pesquisa e discussão de questões das juventudes que atravessam os estudantes concluintes do ensino médio, aproveitando a interação entre a pesquisadora e entre os pares, para fazer algumas provocações a respeito da condição de ser jovem, da relação atual com a escola e das perspectivas de futuro (Apêndice F), que durou em torno de 60 minutos. Estabelecer esse diálogo de forma virtual foi um grande desafio, tendo em vista que, além de ser à distância, todos os participantes optaram por não abrir as câmeras, apenas a pesquisadora manteve a câmera aberta durante todo o encontro, enquanto que a interação com os participantes foi exclusivamente através das vozes, canal escolhido por eles para responder e interagir com a pesquisadora, ficando esse momento limitado à imagem deles na foto do perfil e à expressão das ideias e emoções exclusivamente nas falas. Apesar deste cenário, os/as jovens participantes demonstraram alegria e entusiasmo na interação com os colegas e com a pesquisadora, ressaltando a importância de estarem juntos para dialogarem sobre seus projetos de futuro.

Os participantes foram convidados a depois enviar um áudio ou fazerem um vídeo, respondendo quatro questões em forma de narrativas (Apêndice F). Este áudio deveria ser postado via *WhatsApp* (privado) da pesquisadora, com o prazo de uma quinzena. No entanto, duas semanas depois, apenas quatro estudantes enviaram o áudio. Então, fui em busca de outros estudantes concluintes que eu já tinha o contato telefônico, convidando-os a participarem da pesquisa, neste caso, se aceitassem responderiam ao segundo questionário e enviariam o áudio narrando suas trajetórias apresentando questões do passado, presente e do futuro. Dos cinco estudantes contactados, quatro responderam ao segundo questionário, no entanto, apenas dois aceitaram participar e enviar áudios respondendo às questões com

narrativas pontuadas, somando-se aos quatro que já haviam participado do diálogo virtual. Assim, do universo dos 16 estudantes participantes na segunda etapa do questionário, permaneceram para as entrevistas narrativas sete estudantes.

O ato de narrar as próprias vivências tem sido incorporado como importante elemento de compreensão das realidades em diversas pesquisas acadêmicas. As pesquisadoras Barbato, Alves e Oliveira (20019), baseadas em estudos anteriores de Bruner (1970), Gergen (2000) e Benjamim (1983; 1985) ressaltam que:

A narrativa é uma experiência cultural que organiza os eventos vividos pelas pessoas, produzindo significados. Ela estrutura enunciados que mediam a práticas canônicas e inovadoras das historicidades envolvidas e o idiossincrásico orientado por crenças e valores. A partir das suas histórias, as pessoas se identificam consigo e com os outros, com os lugares e práticas culturais, transformando-se e produzindo interpretações do passado e de futuros possíveis. O narrador atualiza, modificando-mantendo o passado e gera expectativas de futuro a partir do que é relevante no presente, canalizando os traços de significação que vão ficar/mudar ao serem enfatizados na relação entre sincronia (o que é dito) e diacronia (alternativas históricas sobre o que poderia ser preferencialmente dito), entre presenças e ausências (paradigmas) atualizadas no discurso, gerado nas conexões entre os processos socio históricos e pessoais (BARBATO; ALVES; OLIVEIRA, 2019, p. 24).

Sobre as entrevistas narrativas, como metodologia de pesquisa em busca das singularidades dos participantes, a pesquisadora francesa Delory-Momberger (2012) faz a seguinte análise:

Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência. Para dizê-lo de modo mais sintético: o objeto visado pela pesquisa biográfica, mediante esses processos de gênese socioindividual, seria o estudo dos modos de constituição do indivíduo enquanto ser social e singular. Essa é, então, a singularidade que a pesquisa biográfica se dá por tarefa apreender, mas não é uma singularidade solipsista, é uma singularidade atravessada, informada pelo social, no sentido em que o social lhe dá seu quadro e seus materiais (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524).

As narrativas sempre estiveram presentes em vários tipos de sociedade e em diferentes épocas, utilizadas pelas pessoas como forma de explicar a si e ao mundo em que vivem, buscando lhes atribuir sentidos e significados. Sua utilização nas pesquisas acadêmicas também vem ganhando espaço e notoriedade nas investigações na área das ciências sociais.

Jovchelovitch e Bauer (2008) detalham esta minuciosa tarefa, afirmando que o ato de contar uma história é relativamente simples. Baseando-se em Ricoeur (1980), eles afirmam que, ao narrar os sujeitos, colocam um número de ações e experiências em uma sequência, organizada de forma cronológica, com a figuração de um enredo, sendo esse crucial para a constituição de uma estrutura narrativa. Assim, as narrativas não se resumem a uma listagem de acontecimentos, mas a uma ligação desses acontecimentos no tempo e aos seus sentidos. Nessa perspectiva, coletamos narrativas de seis jovens estudantes, numa interlocução que se assemelhava à construção de uma linha do tempo, ao passo que os participantes iram situando suas histórias de vida e suas relações com a escola, sua atual condição de estudantes de 3ª série do médio, articulando esses fatos às suas projeções de futuro.

A experiência de pesquisa com a escuta das narrativas dos sujeitos por meio virtual foi muito desafiadora, por não poder contar com elementos que, junto com a oralidade, vão se manifestando na interação com o pesquisador, como os olhares, a movimentação gestual, a posição corporal, compondo a história narrada. No entanto, mesmo com o recurso apenas das vozes, as questões lançadas para os sujeitos da pesquisa os fizeram pensar em suas trajetórias, em uma espécie de breve linha do tempo, e à medida que iam respondendo, ficava notório a imersão na própria história para dar conta de responder aos questionamentos. Alguns participantes enviaram áudios mais sucintos, outros mais prolixos e detalhistas. As provocações das discussões iniciadas no grupo de discussão via *Google Meet*, foram muito relevantes, pois serviram de elemento disparador para os jovens fazerem uma (auto)reflexão sobre seus projetos de futuro e as trajetórias percorridas até o presente, sobretudo enfatizando a relação deles com a família e a escola. Tal feito desta pesquisa, via recursos virtuais, pode ampliar o campo de pesquisa com e sobre jovens, visto que a tecnologia tem sido um elemento cada vez mais presente no cotidiano, possibilitando assim o acesso às vozes juvenis, as quais expressaram singularidades e pontos comuns em suas vivências.

1.3 Procedimentos de análise de dados

A condução da pesquisa exige do pesquisador uma postura conhecedora dos instrumentos e técnicas escolhidas para a produção de dados no percurso metodológico desenhado, bem como fundamentado teoricamente.

O trato das informações dos questionários de entrada no campo, na fase exploratória da pesquisa, foram catalogados, registrados e organizados em tabelas para traçar o perfil

socioeconômico dos participantes e para posterior consulta e articulação de informações, bem como realizei a captura dos gráficos disponibilizados pelo *Google Forms* com o resumo das respostas e as devidas porcentagens por grupo de respostas.

Para a análise dos dados produzidos nas discussões de grupo, seguimos as seguintes etapas: transcrição das falas dos participantes nas gravações dos encontros virtuais e das narrativas, através de áudios via *WhatsApp*, e partir daí seguimos as etapas elencadas por Weller (2006): primeira fase de interpretação, denominada interpretação formulada, que compreende os seguintes aspectos: divisão da entrevista por temas e subtemas ou passagens e subpassagens, indicando se um tema foi iniciado pelo grupo ou se partiu de uma pergunta do entrevistador; seleção das passagens centrais; seleção das passagens relevantes para a pesquisa; transcrição da passagem inicial, das passagens de foco e daquelas relevantes para a pesquisa; reconstrução da estrutura temática da passagem a ser analisada, que também poderá ser dividida em temas e subtemas. Weller (2006) afirma que:

Durante a interpretação formulada, busca-se compreender o sentido imanente das discussões e decodificar o vocabulário coloquial. Em outras palavras, o pesquisador reescreve o que foi dito pelos informantes, trazendo o conteúdo dessas falas para uma linguagem que também poderá ser compreendida por aqueles que não pertencem ao meio social pesquisado (WELLER, 2006, p. 251).

A segunda etapa foi a interpretação refletida, a qual está embasada no referencial teórico e suas observações do meio empírico para realizar as interpretações dos dados. Nesta etapa, o pesquisador deve levar em conta os seguintes aspectos:

Na análise de uma entrevista de grupo, o primeiro momento da interpretação refletida é dedicado à reconstrução da organização do discurso e à análise da interação entre os participantes, por exemplo: a forma como se referem uns aos outros ou umas às outras, a dramaturgia e a densidade do discurso. Durante a interpretação refletida, quer dizer, no processo de explicação de uma norma, de um modelo ou quadro de orientação, o pesquisador busca analisar não somente questões temáticas que possam parecer importantes, mas também padrões homólogos ou aspectos típicos do meio social (WELLER, 2006, p. 251, 252).

A produção de dados nos remeteu às categorias teóricas na construção de categorias analíticas que nos possibilitassem uma leitura interpretativa das múltiplas realidades juvenis. Assim, no processo investigativo qualitativo, Minayo (2002, p. 19) enfatiza que “a teoria é um conhecimento de que nos servimos no processo de investigação como um sistema organizado

de proposições, que orientam a obtenção de dados e a análise de documentos, e de conceitos, que veiculam seu sentido”.

Nesta perspectiva, para a análise de dados da etapa das entrevistas narrativas seguimos os passos elencados por Jovchelovitch e Bauer (2008), para proceder o tratamento dos dados produzidos: a) os textos foram transcritos na íntegra, depois reduzido às ideias principais e, por último, às palavras-chave; b) a partir desta etapa, foram levantadas as quatro categorias analíticas (significado da vida escolar para alunos concluintes; transição do ensino médio para o ensino superior; projetos de futuro em tempos de pandemia e campo de possibilidades; suportes com que os jovens contam em seus projetos de futuro; c) após a categorização, foi realizada a interpretação das entrevistas, juntando estruturas relevantes dos informantes. As perspectivas das narrativas foram descritas e analisadas qualitativa e quantitativamente, e muitas vezes optei pela transcrição de trechos na íntegra, para obter mais fidedignidade às vozes juvenis e suas expressões tão peculiares. Ancorada na abordagem compreensiva apresentada por Delory-Momberger (2012), as análises das narrativas partem do pressuposto que:

O devir biográfico é sempre o produto de uma interação entre a ação dos indivíduos e o determinismo das estruturas. E a maneira como as pessoas dão conta (também a si próprias), pelo relato, dos caminhos e processos por meio dos quais se constituíram não pode deixar de recortar as estruturas sincrônicas e diacrônicas que modelam os percursos individuais. Todavia, o que a entrevista de pesquisa biográfica procura apreender e compreender é justamente a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 526).

A triangulação de dados nesta pesquisa, com utilização de estratégias diversificadas, justifica-se pela ampliação das possibilidades de aproximação com o fenômeno em estudo. Os pesquisadores Santos *et al* (2020), apoiando-se em Flick (2011), realçam que, devido à pesquisa social estar preocupada com problemas e pontos de vistas variados, o uso de apenas uma perspectiva metodológica não seria suficiente para tornar empiricamente compreensível um evento complexo, sendo, portanto, a abordagem da triangulação extremamente importante nesse processo, pois permite a consideração dos diferentes níveis de profundidade que o desvelamento de um fenômeno exige.

Neste percurso, também utilizei a ferramenta do diário de campo como forma de registrar os dilemas, as dificuldades e desafios que permearam todo o processo investigativo,

pautando-me em um movimento reflexivo sobre a pesquisa, refletindo sobre o meu papel e como acessar de forma respeitosa o contexto social e simbólico dos jovens, considerando as diversas formas de interações entre estes. O uso de diários me possibilitou enriquecer a minha formação enquanto pesquisadora, bem como deixar registrado para futuros pesquisadores os possíveis percalços a serem enfrentados, ainda que não sejam os mesmos, mas com o intuito de explicitar as particularidades de cada caminho metodológico, para além da mera descrição de etapas e resultados, atitude salientada pelo pesquisador Ferreira (2017):

Não ter medo de reconhecer e discutir publicamente as instabilidades em cada processo de pesquisa revela, por parte do investigador, cuidada atenção à forma como o percurso de investigação está a decorrer, uma atitude de reflexividade metodológica constante, enquanto ato contínuo de pensar a pesquisa a partir dos contextos de sua produção, do lugar tomado pelo investigador, e do lugar a ele atribuído pelos sujeitos investigados. Manifesta também sensatez e maturidade enquanto pesquisador ao tentar corrigir o que não está bem. Invisibilizar os altos e baixos e o constante vaivém do processo da pesquisa é uma atitude que acaba por potencializar a replicação dos “erros” que poderiam ser evitados por outros incautos, caso estes estivessem sido previamente sensibilizados para a probabilidade de sua ocorrência (FERREIRA, 2017, p. 20).

Segue um recorte do diário que escrevi após o encontro virtual, através do *Google Meet*, citado acima. Tais registros favoreceram o resgate dos detalhes do momento, bem como a reflexividade dos percalços vivenciados, buscando modos de acessar os sujeitos para a próxima etapa da pesquisa.

Estabelecimento de contatos e a receptividade deles:

Não tem como não citar a frustração de não poder contar com a participação de todos, que em algum momento já haviam sinalizado interesse em continuar na pesquisa. Mesmo sendo chamados minutos antes do encontro virtual, alguns jovens não participaram. Aqueles que participaram, mantiveram suas câmeras fechadas o tempo todo, utilizando inicialmente o chat, mas depois apenas o microfone, porém com ótimo nível de participação e entusiasmo por estarem participando da pesquisa e, sobretudo, alegaram a relevância do assunto em discussão e seus desdobramentos.

Avaliação:

Momento positivo, apesar de não poder ainda ser presencial, o que proporcionaria uma leitura gestual, interação maior entre os pares, conversas antes e depois do momento formal da pesquisa. Ainda assim, o recurso da tecnologia possibilitou que acontecesse o encontro virtual entre jovens participantes da pesquisa e a pesquisadora, ambiente que já se tornou habitual e familiar em tempos de ensino remoto.

Na construção deste diário, registrei os seguintes aspectos: data, descrição/ação, interpretação/análise, estabelecimento de contato e receptividade, primeiras

conclusões/dúvidas e desafios e avaliação. O diário não se constituiu em uma ferramenta específica da pesquisa, mas um suporte para as minhas reflexões e registros, inspirada na definição abaixo:

Por ser também um instrumento de registro de atividades de pesquisa, Triviños (1987) considera o diário de campo uma forma de complementação das informações sobre o cenário onde a pesquisa se desenvolve e onde estão envolvidos os sujeitos, a partir do registro de todas as informações que não sejam aquelas coletadas em contatos e entrevistas formais, em aplicação de questionários, formulários e na realização de grupos focais. Para o autor, as anotações realizadas no diário de campo, sejam elas referentes à pesquisa ou a processos de intervenção, podem ser entendidas como todo o processo de coleta e análise de informações, isto é, compreenderiam descrições de fenômenos sociais, explicações levantadas sobre os mesmos e a compreensão da totalidade da situação em estudo ou em um atendimento (LIMA; MIOTO; PRÁ, 2007, p. 100).

CAPÍTULO 2 DIÁLOGOS E NARRATIVAS JUVENIS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

O objetivo deste capítulo é apresentar a análise e discussão dos dados, a partir do referencial teórico que norteia este trabalho e da produção de sentidos resultantes do encontro dialógico entre os jovens e a pesquisadora. A escuta e valorização das percepções juvenis sobre a escola e seu futuro, bem como o registro de suas narrativas, carregadas de singularidades, ao mesmo tempo revelam traços da coletividade, do meio social e do tempo histórico em que se desenvolvem suas trajetórias.

Neste capítulo serão apresentados os dados referentes a três etapas do processo investigativo, contudo, com maior ênfase às duas últimas etapas do trabalho de campo: a discussão em grupo, de modo virtual, sobre questões iniciais e mais amplas que envolvem a vivência da juventude, conceitos e concepções subjacentes e as respostas às entrevistas narrativas as quais discorreram questões mais subjetivas, referentes às trajetórias escolares, perspectivas de vida no presente e no futuro e significado do ingresso no ensino superior. Para melhor compreensão, as respostas foram organizadas por categorização e estão apresentadas na seguinte ordem: significado da vida escolar para os alunos concluintes, e sua relação com o saber; a transição do ensino médio para o ensino superior; projeto de futuro em tempos de pandemia; e os suportes com que os jovens contam para incentivo/realização de seus projetos. Em todo o processo de transcrições foi mantida a fidedignidade às falas para evidenciar a integridade das expressões juvenis e o encadeamento das ideias e opiniões, ressaltando a valorização das marcas peculiares às juventudes, também manifestadas através da linguagem.

Nesta perspectiva de trazer os jovens como autores de si próprios, ou seja, como interlocutores privilegiados, que precisam ter suas narrativas valorizadas, buscamos utilizar estratégias dialógicas para a produção de dados como as entrevistas narrativas, por meio da produção livre dos áudios ou vídeos a partir de perguntas norteadoras, sem muito direcionamento da pesquisadora, respeitando a alternância de poder e reconhecimento do seu protagonismo. Essa escolha se justifica por possibilitar uma forma de compartilhar as perspectivas de futuro e interpretações da realidade em que os (as) jovens estão inseridos. O uso das entrevistas narrativas apresenta-se como o meio de explorar os processos individuais nos espaços sociais e coletivos, de mostrar como os jovens dão significado às suas experiências e às suas formas de ser e estar no mundo. Posto isso, faz-se importante apresentar os sujeitos que interagiram comigo durante a pesquisa, compartilhando aqui

algumas características que os situam no tempo e espaço socio-histórico e cultural, por onde constroem suas biografias na travessia da juventude.

Por questões de ética e para permanecerem sob o anonimato, os nomes foram substituídos por nomes fictícios, escolhidos aleatoriamente inspirada em nomes mais recorrentes na atualidade. Apresentarei em mais detalhes os/as jovens na medida em que iniciar a apresentação de suas falas.

Vitória: é uma jovem de 17 anos, do sexo feminino, de cor parda, que nasceu em Ilhéus e se mudou na primeira infância para Salvador, quando os pais já estavam separados. De Salvador, por volta dos 9 anos, veio com a mãe, irmã e padrasto para morar em Feira de Santana. Atualmente mora com a mãe e a irmã, mas ressalta que ainda tem um vínculo positivo com o padrasto, e tem contato também com o pai biológico. Estudou o ensino fundamental e o 1º ano do ensino médio em escola particular, e está trabalhando no momento com estágio remunerado. Fez inscrição para as provas do Enem 2021, para o qual diz estar apreensiva por ser a primeira vez que vai fazer o exame. Se autodefine como uma jovem ambiciosa e perfeccionista, mas uma pessoa “boa de lidar”, e pretende cursar Bacharelado em Direito.

Camila: é uma jovem de 18 anos, do sexo feminino, branca e atualmente mora com o companheiro. Nascida em Feira de Santana, cursou o ensino fundamental em escolas da rede pública e se autodefine como uma jovem esforçada e muito resiliente, que não desiste diante das dificuldades. Decidiu não se inscrever no Enem 2021 para ter foco apenas na conclusão do ensino médio. Não trabalha e está procurando emprego. Define-se como uma jovem esforçada, determinada e resiliente, e também pretende cursar Bacharelado em Direito.

Mateus: é um jovem de 17 anos, do sexo masculino, branco. É filho único, mora com pai e mãe, e é filho adotivo. Cursou parte do ensino fundamental em escola particular e concluiu em escola pública. Não trabalha e não está procurando emprego. Está se dedicando à conclusão dos estudos e também está inscrito no Enem 2021, mas relata que, como não está estudando para o exame, vai considerar essa prova como um “teste”. Se autodefine como um jovem Queer¹⁰ e pretende cursar Licenciatura em História.

Maria Julia: é uma jovem de 17 anos, do sexo feminino e parda. Mora com os pais, o irmão e uma tia. Sua trajetória escolar, até o ensino médio, foi realizada em escolas particulares, e escolheu o Colégio Modelo pela fama de escola “boa”, em termos de qualidade

¹⁰ Termo abrangente que se refere a alguém que não se identifica como homem nem como mulher, e se identifica como um terceiro gênero, gênero não-binário. Está representado pela letra Q na sigla do Movimento LGBTQ+. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/>. Acesso em outubro 2021.

de ensino em escola pública. Atualmente trabalha como autônoma, com um brechó virtual (roupas), e pretende cursar Ciências Farmacêuticas.

Lucas: jovem de 18 anos, do sexo masculino e pardo. Mora com a avó. Oriundo de escolas públicas, atualmente trabalha em estágio remunerado no setor de segurança pública. Não se inscreveu para o Enem 2021, pretende fazer ensino superior, só não decidiu quando e qual o curso, e pensa em talvez fazer um curso técnico de teatro.

Pedro: jovem de 18 anos, do sexo masculino e branco. Mora com a mãe e o padrasto. Teve a trajetória escolar realizada, parte em escola privada e parte em escola pública. Não trabalha e está procurando emprego. Está inscrito para fazer as provas do Enem 2021. Adora andar de *skate* e pretende cursar Artes Cênicas ou Cinema.

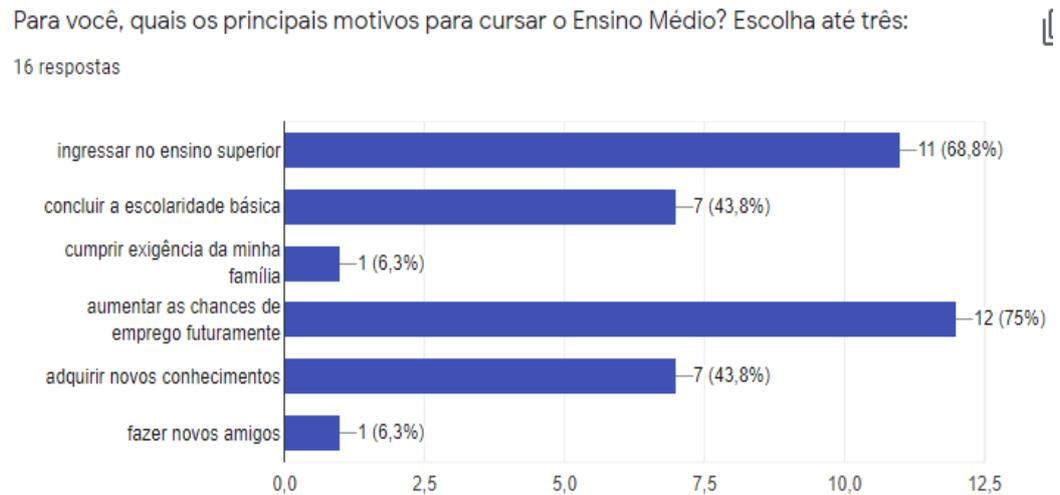
Danielle: jovem de 18 anos, do sexo feminino e negra. Oriunda de escola pública, mora com a mãe e atualmente trabalha. Não se inscreveu para realizar as provas do Enem 2021. Diz que ser jovem é uma mistura de emoções. Pretende ingressar no ensino superior, mas está na dúvida entre Publicidade e Bacharelado em Direito.

2.1 O que a escola significa para estes jovens concluintes?

Como já pontuado aqui, em outros momentos, a expansão das matrículas ocorridas inicialmente na década de 1990 trouxe para a escola segmentos das camadas populares com suas especificidades, culturas, lacunas e, sobretudo, seus desejos e aspirações, ao terem acesso a conhecimentos escolarizados tão valorizados e requisitados como chave de acesso a diversos setores da sociedade. No entanto, a discussão do significado do ensino médio para a clientela juvenil, a quem prioritariamente se destina, tem sido alvo de constantes debates, marcados principalmente pelo viés político-ideológico, o qual tem direcionado a tomada de decisões, diretrizes curriculares e organização estrutural das escolas para atender aos interesses dos sujeitos a quem este ensino médio é destinado, assentando-se, sobretudo, nas diferenças das classes socioeconômicas das quais esses jovens são oriundos.

Ao me propor a pesquisar jovens estudantes na saída do ensino médio, interessou-me saber o que de fato motiva esses jovens a frequentarem o ambiente escolar. Qual o significado que a escola assume para esses sujeitos, para além da obrigatoriedade? O gráfico abaixo traz informações sobre as motivações desses 16 jovens, resultado extraído do formulário digital aplicado na segunda etapa da pesquisa (conforme cronograma detalhado no capítulo anterior).

Gráfico 6 - Motivação dos estudantes para cursar o ensino médio



Fonte: SANTOS; 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

Os motivos mais citados, por ordem de frequência, foram: aumentar as chances de emprego futuramente; ingresso no ensino superior; e empata as opções de adquirir novos conhecimentos e conclusão da escolaridade básica. Constatamos, então, uma perspectiva futura depositada a partir da titulação que a escola ofertará, sobretudo com vistas à inserção no mercado de trabalho, como forma de garantir sua sobrevivência ou custear seus projetos futuros e, em seguida, o ingresso no ensino superior.

Essa relação dos jovens com a escola denota um pressuposto teórico defendido pelo educador francês Bernard Charlot (1996), quando afirma que a relação com o saber é uma relação social no sentido que exprime as condições sociais do indivíduo, assim, a expectativa de “vida melhor”, em comparação com as condições socioeconômicas de sua família de origem, leva os jovens a depositarem na escola essa missão de preparação para um emprego que irá promover tais mudanças na vida e, por conseguinte, no padrão de consumo e acesso aos bens materiais. O autor ressalta também que este padrão de significado da escola é fruto do modelo da sociedade e suas evoluções sociais, econômicas e tecnológicas que vêm ocorrendo nas últimas trinta décadas, refletindo então nas expectativas de futuros destes jovens as relações sociais que estruturam a sociedade.

A opção de adquirir novos conhecimentos, ou seja, a relação dos jovens direta com o saber, com o conhecimento, aparece com menor representatividade entre os entrevistados. Charlot (2002) ainda coloca a instituição escolar para pensar sobre a prática pedagógica,

sobretudo referindo-se à escola pública, enquanto espaço de democratização dos saberes, e isto propõe uma reflexão sobre o que de fato está sendo ensinado e como está sendo ensinado, ao afirmar o seguinte:

A questão do saber é central na escola. Não se deve esquecer que a escola é um lugar onde tem professores que estão tentando ensinar coisas para os alunos e os alunos estão tentando adquirir saberes. Aí está a definição fundamental da escola. Estou falando do saber num sentido geral, que inclui imaginação, exercício físico, estético e sonhos também. Mas a escola é um lugar de saber e isso é muito importante (CHARLOT, 2002, p. 24).

Observa-se então uma lacuna no sentido atribuído ao fato de frequentar a escola, é que uma parcela dos estudantes não encontra sentido nem prazer no aprender, no saber propriamente dito, o que importa é ter na escola um passaporte para o futuro. Esse é um dos pontos que resultam no fracasso escolar, pela falta do cotidiano escolar no presente. O relato das jovens a seguir dialoga com tal afirmação:

A maioria dos alunos só está se esforçando para fazer as atividades, respondendo e enviando, e o conhecimento zero. (Danielle, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Ninguém mais está se esforçando pra aprender de verdade. Tipo: Ah, eu quero aprender isso! Só realizar atividade e pronto, é o que está acontecendo, vamos ser sincera, né gente? Pelo amor de Deus. A maioria dos alunos só quer se livrar do 3º ano, por exemplo, eu. (Camila, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Dentro desta perspectiva, outro ponto que apareceu com muita força nas narrativas dos jovens durante a discussão em grupo (via *Google Meet*) foi a continuidade dos estudos, quando coloquei em pauta para discorrerem sobre suas trajetórias escolares, conforme relatos abaixo:

Minha relação com a escola foi sempre foi tranquila, sabe? Nunca fui uma aluna levada, eu baguncei, já baguncei né... bagunçar, eu falo assim, de amizade, ficar conversando, essas coisa assim. Eu acho que curti todas as minha fases de estudante. Aquele medo de perder de ano, aquele negócio todo, sabe? Conhecer pessoas novas e ai se enturmar, mas nunca perdi de ano, nunca! Nunca repeti o ano, já fiquei de recuperação, já fiquei em recuperação, mas repeti não... e o que eu almejo é, eu quero fazer Direito pra ingressar no ensino superior, pra isso eu vou fazer o Enem (Camila, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Minha relação com a escola sempre foi muito boa, nunca cheguei a sofrer bullying, bullying mesmo, só assim, tipo uma brincadeirinha de um colega ou outro, mas nunca me incomodava. E eu tenho mais momentos bons do que ruins no colégio, pra falar a verdade, né? Sempre me destaquei como aluna, é aluna modelo, né? Digamos assim, exemplar, que tirava boas notas, que se envolvia nos projetos xadrez/campeonato de xadrez, soletrando, gincanas, enfim, eu sempre me envolvia muito, e tanto no Modelo como no antigo colégio, sempre me apoiaram muito, nos projetos, nas minhas descobertas, conquistas, os professores também sempre incentivando meu futuro próximo, como estou no 3º ano do ensino médio, então, planejo entrar na universidade, passar no Enem desse ano, agora em novembro, e ano que vem, se Deus quiser, já entrar, começar o ano na universidade (Maria Julia , 17 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

A narrativa a seguir ainda traz mais um elemento neste cenário de desafios que os jovens passam na etapa final de conclusão da escolaridade básica, que é de conciliar os estudos com a necessidade do trabalho:

Em relação à escola eu me cobro muito, mas ao mesmo tempo sou desleixada, até certo ponto eu era uma aluna exemplar. Minha mãe nem precisava ser chamada na escola, quando era chamada, as professora perguntavam porque dela estar lá, porque não tinha porquê. Só que até um certo momento na escola é muito difícil as coisas, porque a gente tem que ter um foco, e eu acabei ficando desgostosa. Hoje em dia mesmo, eu tô concluindo o ano, mas não satisfeita comigo em relação a meus estudos, porque eu sei que poderia tá fazendo mais, mas é aquela coisa também, que a gente vai crescendo, precisa trabalhar, precisa ter as responsabilidades, e infelizmente eu coloquei meus estudos de lado, uma coisa que eu não queria. Mas eu tô vendo que o que está me dando retorno é o meu trabalho, porque eu sei que se eu largar meu trabalho, como é que vou ter uma fonte de renda? Não que eu passe fome, nem nada, mas eu gosto de ser independente (Vitoria , 17 anos, entrevista narrativa através de áudio).

Observa-se, então, que para estes jovens a escola ocupa uma centralidade, como instituição responsável pela emissão de credenciais que permitem tanto avançar na escolaridade como pleitear postos de trabalho com melhor prestígio social. Fato que Brenner e Carrano (2014) reiteram como típico da escola nas sociedades contemporâneas. Tendo em vista que dada as diversas possibilidades de ter acesso à informação e conhecimentos nesta sociedade, pautadas nas tecnologias, esta missão de fonte de conhecimentos para as novas gerações não é exclusividade das escolas, antes se constitui também como importante local de

convívio social com elementos necessários para o processo de individuação. As narrativas das jovens trazem questões subjetivas que marcam também essa trajetória escolar, como a relevância da socialização entre os pares, os conflitos em forma de *bullying*, as atividades propostas pela escola, sobretudo de caráter intelectual e cognitivo, bem como o desafio de conciliar estudos e trabalho. Sobre a proposta pedagógica da escola, alguns estudantes pesquisados demonstraram confiança na qualidade do ensino administrado e o entusiasmo em aprender e obter aprovação:

Meu 1º ano eu passei direto, todo mundo falava “o 1º ano no Modelo é isso, é aquilo, todo mundo perde”. Pra mim foi tranquilo, passei direto (Camila, 17 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Mas realmente muita gente perde porque a sala lá do lado... É questão do aluno, é questão do interesse da pessoa, teve muita sala que muita gente perdeu, porque não assistia aula, porque brincava. Ninguém vai passar de ano sem assistir aula e brincando, né? E também tem muita influência, tem gente que tem mente fraca, que acaba se influenciando com os outros e acaba se dando mal (Danielle, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Oh, Pró, a coisa que me impressionava bastante era o nível dos profissionais que a gente tem lá no Modelo, como professores, sabe? Eu nunca gostei de Exatas, mas era apaixonado pela aula de Química com a professora Ana Lúcia. Ensino de muita qualidade (Mateus, 17 anos grupo de discussão, 17/07/2021).

No último ponto, trabalho e estudo, cabe à escola incluir em sua agenda de discussões a realidade desses jovens do ensino regular que, por motivações e necessidades distintas, precisam equilibrar a experiência escolar com a inserção no mercado de trabalho, seja ele formal ou informal. Vale ressaltar que na etapa do questionário digital, dos 16 jovens respondentes, 13 afirmaram que não trabalhavam, contudo, desse universo, dez afirmaram que estavam à procura de emprego. Portanto, em um cenário nacional marcado pela escassez de empregos formais, precarização dos contratos de trabalho, disseminação dos conceitos de empreendedorismo e de uma superqualificação para garantir postos de trabalho, cabem discussões na esfera escolar, a fim de não pesar apenas sobre o indivíduo jovem a culpabilidade pelas dificuldades para sua inserção qualificada no mercado de trabalho (CORROCHANO, 2013).

É neste cenário que revisito o conceito de prova escolar citado por Martuccelli (2013), enfatizando a necessidade de a escola estar atenta às diferentes trajetórias e singularidades dos jovens em um contexto que tende a ser tão homogeneizador como é o ambiente escolar. O

autor afirma ainda que o processo de escolarização acaba sendo um desafio existencial, e situações que ficam claras nas falas registradas acima, permeadas de tensões e conflitos que vão além do cognitivo, são fatores que impõem a necessidade de a escola enxergar as diferenças entre os indivíduos, a fim de promover a democratização real deste espaço aberto há tão pouco tempo na história da educação brasileira para as classes populares.

2.2 Transição do ensino médio para o ensino superior: quais caminhos os jovens estão trilhando

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, até por volta de metade do século passado, a transição para a vida adulta atendia certa previsibilidade e linearidade dos fatos que ocorreriam na vida dos jovens, de certo modo em situações sociais semelhantes e favoráveis, tornando-se quase um ideário coletivo a sucessão destes fatos o mais próximo possível, alcançando o ideal de juventude partindo do padrão de jovens burgueses. Pautava-se na terminalidade da escolaridade básica, na inserção no mercado de trabalho, na saída da casa dos pais, na constituição de sua própria família, fatores que iam indicando a entrada do mundo adulto, pressupondo, de certo modo, a autonomia financeira e a independência familiar.

No entanto, para os trabalhadores e pertencentes às classes menos favorecidas, esta sucessão não ocorria de forma tão romantizada, pois não são raras as vezes em que interrompiam os estudos, necessitavam ingressar no mercado de trabalho e constituíam famílias ou mesmo apenas os filhos, assumindo precocemente papéis da vida adulta. Com isso, pensar em transições juvenis remete a uma pluralidade de possibilidades, ao invés de um limiar pré-definido a ser atravessado e vislumbrado para a fase adulta. Os processos históricos, culturais e econômicos, ao mesmo tempo em que são produtores, também recebem influências destas novas gerações, evidenciando essa falta de linearidade sobre os fatores que marcariam esta transição. Sobre este fenômeno, Carrano (2001) afirma que:

[...] em algumas sociedades, os rituais de passagem para a vida adulta são bem delimitados e se configuram em ritos sociais. Em nossas sociedades urbanas, principalmente, as fronteiras encontram-se cada vez mais borradas e as passagens de épocas geracionais não possuem marcadores precisos. [...] A perda da linearidade nesse processo pode ser apontada como uma das marcas da vivência da juventude na sociedade contemporânea (CARRANO, 2011, p. 10).

É importante destacar neste contexto fenômenos sociais que foram acontecendo na segunda metade do século XX e foram contribuindo para “desalinhar” a ordem ou mesmo a

realização dos marcadores sociais de transição da infância para a vida adulta. Sposito (2003) compara que, se no início do século as transições eram demarcadas em três etapas importantes, que eram a partida da família de origem, a entrada na vida profissional e a formação da própria família, sobretudo para jovens da classe trabalhadora, as transformações escolares que foram chegando para esses segmentos, aumentando o acesso/tempo na escola, a inserção no mercado de trabalho sem necessariamente ter saído de casa ou ter constituído sua própria família, foram exigindo novas formas de compreender essa passagem. Por outro lado, o sociólogo Pais (2005) ressalta a fragmentação das trajetórias juvenis contemporâneas, denominando essa nova geração de *ioiô*, por terem seus percursos marcados pela reversibilidade para a vida adulta, oscilando de um lado para o outro entre casamento/divórcio, emprego/desemprego, abandono/retorno à escola ou à família, demonstrando fluidez entre as fronteiras de transição.

Sposito (2003) ainda salienta que vem ocorrendo a “desinstitucionalização” do ciclo da vida, e a “descronologização” do percurso das idades, indicando não mais haver linearidade neste caminho, e nem sequer a existência de um só caminho, mas há múltiplas possibilidades. A autora cita fenômenos como a “descristalização”, que é o exercício de algumas funções adultas, a exemplo do exercício da sexualidade na adolescência e a “latência”, que é a posse de alguns atributos sem, contudo, poder exercê-la, como no caso de qualificação profissional em nível secundário sem, contudo, encontrar oportunidades no mercado de trabalho. Nesse mesmo sentido, foi constatado, mesmo tendo as condições necessárias para a emancipação, um prolongamento da juventude com diferimento da entrada na vida adulta, no qual muitas vezes os jovens têm condições de tomar decisões, como sair da casa dos pais, assumir a constituição da própria família, no entanto, eles optam por não fazê-lo, por não se emanciparem, permanecendo em lugares comuns ao início da juventude.

Sobre esse processo de transição juvenil assentado em novos referenciais, a pesquisadora Falcão (20015) apresenta o seguinte conceito, o qual está presente neste trabalho:

O que pode ser generalizado acerca dos novos padrões de transição é que a sequência típica que outrora predominou já não é vivida pela maioria dos jovens em virtude, tanto de mudanças socioeconômicas e culturais mais amplas, quanto por questões que se operam no campo subjetivo. Em seu lugar vão surgindo trajetórias diversificadas que emprestam sentidos diferentes a cada uma das etapas isoladamente e também às relações estabelecidas entre estas (FALCÃO, 20015, p. 6).

Diante do enfraquecimento dos sentidos das instituições tradicionais, como a escola, a família e a igreja, e na amplitude de processos societários da sociedade globalizada, os jovens se encontram diante de uma multiplicidade de caminhos e possibilidades, o que requer escolhas identitárias, ainda que condicionadas pelas estruturas sociais e econômicas em que estejam inseridos. Pode-se dizer que o processo de transição juvenil segue cada vez menos linear e baseado no cumprimento de etapas para um processo cada vez mais individualizado. Analisando as falas dos jovens participantes desta pesquisa, observamos caminhos distintos, mesmo em contextos socioeconômicos bem semelhantes, sobretudo no que se refere a suas escolhas profissionais, eles e elas não se reportaram ao peso ou mesmo influência da família nas decisões para a carreira profissional e, de certa forma, minimizaram também a influência da vida escolar, citando profissões que podem seguir, partindo de suas próprias intenções e desejos. No entanto, como veremos adiante nas análises, apontam os pais como principais suportes existenciais e na configuração de seus projetos, assim como uma individualização desses suportes, quando a desinstitucionalização do presente parece ameaçar algumas certezas quanto ao futuro (profissional, econômico, social).

Nesta perspectiva, Dayrell (2007) faz uma importante análise sobre as trajetórias dos jovens brasileiros, ponderando os seguintes aspectos:

Podemos dizer que, no Brasil, o princípio da incerteza domina o cotidiano dos jovens, que se depara com verdadeiras encruzilhadas de vida, nas quais as transições tendem a ser ziguezagueantes, sem rumo fixo ou predeterminado. Se essa é uma realidade comum à juventude, no caso dos jovens pobres os desafios são ainda maiores, uma vez que contam com menos recursos e margens de escolhas, imersos que estão em constrangimentos estruturais (DAYRELL, 2007, p. 1113-1114).

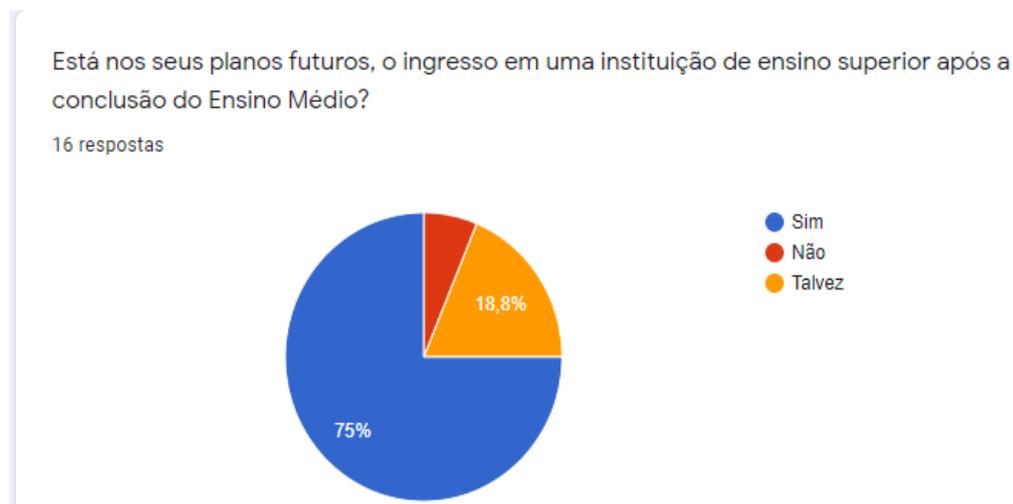
O processo de democratização de acesso à educação escolarizada é tardio, desigual e ainda precário no país. É fato que as políticas públicas implementadas a partir de 1990 para a expansão das matrículas no ensino médio trouxe um aumento expressivo da presença de jovens de camadas populares nas escolas, que por sua vez gerou uma demanda para o acesso ao ensino superior. A partir dos anos 2000, foram sendo criadas e implementadas políticas de expansão de oferta e democratização de acesso a esta etapa de ensino, historicamente destinada as jovens e adultos pertencentes às classes economicamente privilegiadas. No entanto, a oferta da modalidade do ensino superior ainda tem um longo caminho a percorrer. Como dito anteriormente, segundo dados da PNAD Educação 2019, publicados pelo IBGE, apenas 21,4% de jovens, entre 18 e 24 anos, estão matriculados em cursos de educação

superior, e o Plano Nacional de Educação (PNE) prevê uma elevação dessa taxa para 33%. Para estudantes de escola pública, realizar essa meta de ingresso no ensino superior significa ter um trajeto árduo e cheio de desafios, até chegarem à conclusão da escolaridade básica e estarem aptos para pleitear uma vaga nas universidades/faculdades. Sobre tal situação, Senkevics e Carvalho (2020) pontuam que:

Do ponto de vista substantivo, a quantidade de anos de estudo que um indivíduo completa é menos importante que os certificados escolares que o mesmo indivíduo obtém ao longo de sua trajetória de vida. Cada etapa de ensino concluída é, ao mesmo tempo, o fim de um ciclo e o início de um ciclo seguinte. Por isso, as transições educacionais são, em um mesmo movimento, um avanço e um fardo; podem suscitar tanto o gosto da vitória em face do que já se cumpriu, quanto à sensação de frustração diante das novas barreiras que se colocam (SENKEVICS; CARVALHO, 2020, p.337).

Para os jovens participantes desta pesquisa, quando perguntados sobre a intenção quanto à continuidade dos estudos, após a conclusão do ensino médio, a grande maioria assinalou a intenção de continuar a trajetória escolar, almejando o ingresso na educação superior, conforme representado no gráfico abaixo:

Gráfico 7 - Intenção dos jovens quanto ao ingresso no ensino superior



Fonte: SANTOS; 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

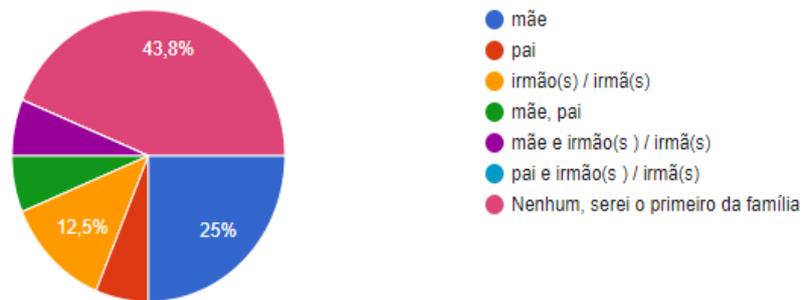
Vale pontuar que, conforme ilustra o gráfico a seguir, dos 16 respondentes deste questionário, sete jovens (43,8%) serão os primeiros da família a ingressar no ensino superior, de acordo com suas perspectivas futuras, corroborando com os estudos que apontam para o

aumento de estudantes de classes populares tendo acesso ao ensino superior, sendo pioneiros na família (D’AVILA; KRAWULSKI; VERIGUINE; SOARES, 2011; DAYRELL, 2013; LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011).

Gráfico 8 – Familiares próximos com nível superior

No seu núcleo familiar mais próximo, qual (is) deles tem nível superior completo?

16 respostas



Fonte: SANTOS; 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

Os estudos de Dubet (2011), citados por Brenner e Carrano (2014), corroboram com tais resultados, quando o autor elenca as três principais motivações dos jovens para continuar os estudos: *habitus* e capital¹¹ cultural que estabelecem continuidade entre cultura familiar e cultura escolar; percepção da utilidade dos estudos para seguir adiante; e motivação por razões intelectuais, por sentir verdadeiro interesse pelo conhecimento. Quanto ao *habitus* e capital cultural, há que se considerar nesse grupo de jovens que nove deles têm pai, mãe e/ou irmão com nível superior, sendo, portanto, um elemento relevante para suas escolhas futuras, pelo fato de pertencerem a um ambiente com familiares escolarizados, associado a outros fatores do contexto macrossocial em que esses jovens estão inseridos. Os dados suplementares da PNAD de 2014, divulgada pelo IBGE, apontam que o nível de escolarização dos pais influencia na formação profissional e no nível de instrução dos filhos. Na pesquisa realizada, a escolaridade dos pais exerce forte influência na trajetória dos filhos, com repercussão na escolaridade e na renda. Para pessoas com nível superior, havia distância marcante de renda

¹¹ Conceitos oriundos do ensaio do sociólogo francês Pierre Bourdieu, intitulado “As formas do capital” (1985), no qual denomina de *habitus* o conjunto de disposições intelectuais inculcadas pela família, pelo ambiente familiar e pelas interações sociais; e capital cultural é o conjunto de conhecimentos e habilidades intelectuais.

quando o pai ou mãe também tinham nível superior em relação ao rendimento obtido quando não tinham instrução, ou seja, a renda era maior para aqueles que tinham mais instruções.

No contexto desta pesquisa, tem um fator que chama a atenção, que é o motivo pelo qual optaram por se matricular na escola *locus* da pesquisa e não em outra, ou mesmo a escola do bairro. Tal escolha deixa, de forma explícita, um dos elementos para o significado atribuído à escola e uma das estratégias para a continuidade dos estudos:

Eu quis o Modelo porquê... a fama, né? de lá! O ensino médio lá é bom, é isso, é aquilo. É um colégio grande, eu não queria colégio pequeno, só por esse motivo mesmo, e a fama era muito boa, né? Do ensino (Camila, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Eu vim da Escola São João da Escócia, lá na [Avenida] Maria Quitéria e ... eu fui pro Modelo pelo mesmo motivo de Camila (risos)... Não, na verdade porque minhas primas estudaram aí, e me falaram que o ensino era muito bom e tal, aí eu pedi pra minha mãe me matricular. E também porque todo mundo lá do 9º ano, que a gente estudou junto o último ano, a maioria, todo mundo decidiu ir pro modelo, acabou que todo mundo se separou, porque teve gente que conseguiu de manhã e outros de tarde (Danielle, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Eu vim do Colégio Suporte e eu fui pro Modelo por causa da fama, né? Porque eu queria fazer meu ensino médio em colégio público, e aí eu escolhi o modelo, por causa da fama que tinha... de ensino bom. De dentro dos Colégios públicos, o melhor, sabe? Digamos assim ... (Maria Julia, 17 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Os meus motivos são parecidos com os das meninas, muitos dos meus colegas escolheram ir pra o Modelo também, e eu precisava escolher dentre dois colégios que minha mãe me deu opção: dentre o Colégio Rotary e o Modelo, e eu acabei escolhendo o Modelo, por ser um colégio grande, e também porque minha prima estudava no Rotary e eu não queria ficar no mesmo colégio dela. E outra coisa também, o Rotary não é exatamente um colégio completamente público, porque ele tem um braço de uma comunidade lá dentro, se não me engano. E eu queria ir pra o Modelo, por ser uma repartição completamente pública e com uma boa reputação, né? E algumas pessoas dizem que... eu já vi alguns colegas dizerem que se decepcionaram, que tinham expectativas muito altas sobre o colégio, mas eu não me decepcionei, não (Mateus, 17 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Tais narrativas nos remetem às questões do ensino médio nacional de um modo geral, que vem atravessando dificuldades, como falta de identidade, escolas precarizadas com

insuficiência nas estruturas físicas e pedagógicas, falta de investimentos em recursos, comprometendo os resultados desta etapa de escolaridade. O que percebemos é que a comunidade fica buscando uma escola na qual possa acreditar, que garanta um ensino de qualidade, assegurando conhecimentos necessários e adequados para tal etapa de escolarização, quando na realidade essa deveria ser a característica de todas as escolas.

Sobre essa realidade bem presente no país, Leão (2018) constata que:

A massificação do ensino médio, seja na primeira onda expansionistas dos anos 1970 e 1980 ou no crescimento acelerados das matrículas a partir dos anos 1990, não contou assim com o efetivo compromisso do Estado, gerando grandes problemas em relação às condições de atendimento, especialmente nas escolas públicas estaduais, responsáveis por 85% das matrículas. Aqui podemos falar de uma segunda dualidade recorrente na história da escola pública no Brasil. Aquela que se estabelece sobre a divisão entre boas escolas (públicas ou privadas) e escolas precárias (públicas ou privadas). Algumas poucas escolas públicas e privadas de alto padrão funcionam como verdadeiros “condomínios fechados do conhecimento escolar”, ao lado da maior parte das escolas públicas pauperizadas, que enfrentam muitas dificuldades no seu cotidiano (LEÃO, 2018, p. 7).

Outro ponto questionado aos jovens participantes foi sobre a importância de se cursar uma graduação, que significado eles atribuíam ao ingresso no ensino superior, e eles sinalizaram a perspectiva relacionada diretamente ao mercado de trabalho, apresentando as seguintes repostas, durante o grupo de discussão:

A pessoa sem curso (graduação) não consegue muita coisa não. Quem não tem curso, não consegue nada (Camila, 18 anos, 27/07/2021).

E isso é fato, só precisa olhar os dados, é muito mais fácil... Existe um número muito mais alto de pessoas empregadas com nível superior do que sem, sabe? Falando de porcentagem, isso daí não precisa ser discutido ou opinado, é fato (Mateus, 17 anos, 27/07/2021).

Sem contar que a maioria dos concursos públicos também, as melhores vagas para quem tem curso superior [...]. Quero ingressar numa faculdade para ter uma boa qualidade de vida (Maria Julia, 17 anos, 27/07/2021).

A princípio, a oportunidade de ingresso no ensino superior aparece fortemente vinculada ao fator de estratificação social. A educação superior proporcionaria melhores postos de trabalho e, por consequência, um fator de mobilidade social, saindo da classe social de origem para uma classe econômica mais elevada. Os pesquisadores Mendes e Costa (2015)

ênfatizam que, apesar de não haver uma relação direta entre alcance educacional e classe social, o desempenho educacional oferece diversas possibilidades de desenvolvimento para os indivíduos, em especial para aqueles oriundos de estratos socioeconômicos mais baixos. Ainda sobre esta mesma percepção, Senkevics e Carvalho (2020) também colocam a graduação como uma perspectiva concreta de ascensão social aliada à realização pessoal.

Mas, infelizmente, o fato de concluírem a escolaridade básica ainda não assegura a esses jovens estudantes a realização dos seus propósitos futuros quanto ao ingresso no ensino superior. Certamente, irão passar pelo gargalo injusto do sistema educacional brasileiro, fruto da tensão constante causada pela demanda crescente por oportunidades de vagas para níveis e modalidades educacionais em progressão, sem ocorrer, em paralelo, a oferta equivalente de vagas nos sistemas públicos educacionais ou nas faculdades particulares participantes dos programas de políticas públicas federais de democratização ao acesso ao ensino superior. Partindo das reflexões sobre esse tensionamento, Senkevics e Carvalho (2020), pontuam que:

Somando-se os valores relativos à população jovem que frequentava o Ensino Médio ou que já o havia concluído, tem-se uma estimativa da demanda potencial por Ensino Superior no Brasil: 16,8 milhões de jovens, sendo aproximadamente 10,5 milhões entre 18 e 24 anos e 6,3 milhões entre 25 e 29 anos. Considerando que esse nível de ensino comportava, em 2015, 8,0 milhões de matrículas – quantitativo inferior à metade da demanda potencial –, das quais 2,5 milhões são de ingressantes, é previsível que, caso o sistema de Ensino Superior não tenha seu acesso ampliado anualmente, se manterá a oportunidade de acesso restrita a uma parcela selecionada da população. Se, de um lado, há cada vez mais jovens dentro das faculdades e universidades pelo território nacional, também é preciso reconhecer, de outro, que há cada vez mais jovens, elegíveis ao Ensino Superior, do lado de fora – em 1995, eles eram 12% da juventude; em 2015, são 34% (SENKEVICS; CARVALHO, 2018, p. 341-342).

Porém, essas dificuldades não estão distribuídas de forma igual para todos os/as jovens candidatos ao ensino superior. Nesses dados existem variações para mais ou para menos, quando se considera os recortes populacionais com atravessamentos de marcadores sociais (étnicos, de sexo, e, sobretudo de classe social). Senkevics e Carvalho (2020) relatam que:

Ainda que se reconheça as consequências do acirramento da disputa sobre a seletividade do ingresso, isto pouco diz sobre o perfil de quem ingressa. [...] Vemos que, no início da década de 1990, quase 20% dos jovens do quintil mais rico acessavam o Ensino Superior, em comparação à virtual inexistência dos três quintis mais pobres. Pouco mais de vinte anos depois, o 5º quintil termina a série histórica com cerca de 54% de seus jovens

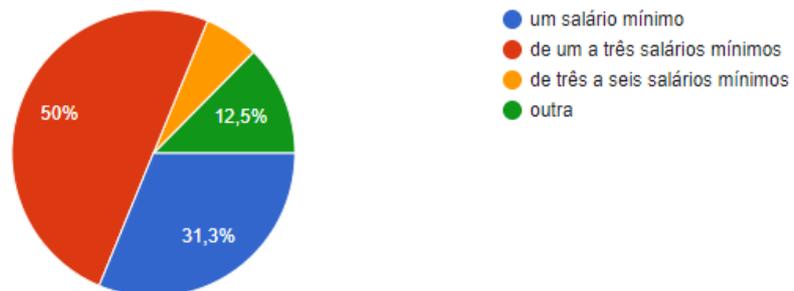
acessando o nível superior, contra a metade (27%) do quintil imediatamente inferior, e somente 6% no 1º quintil. Há pelo menos dois pontos a se observar nesses dados. Primeiro, a desigualdade é notória e, mesmo após uma expansão sem precedentes na história nacional, o Brasil ainda observa uma estratificação persistente, em que o acesso dos jovens pertencentes aos 20% mais ricos da sociedade é visivelmente contrastante com o acesso dos demais. Segundo, o crescimento do acesso nos demais quintis não deve ser ignorado. Em especial para os três quintis mais pobres, é possível visualizar uma relativa estagnação ao longo da primeira década e meia, tendo sua evolução se concentrado nos últimos dez anos da série histórica (SENKEVICS; CARVALHO, 2018, p. 344).

De acordo este cenário, os jovens estudantes participantes desta pesquisa fazem parte da parcela da população na qual o desafio de conseguir uma vaga em instituições de ensino superior é amplificado, na condição de serem pertencentes ao quintil mais pobre da população, conforme responderam na pesquisa.

Gráfico 9 - Referente à renda familiar dos jovens pesquisados

Qual a média de renda familiar em sua residência?

16 respostas



Fonte: SANTOS; 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

Sobre essa realidade que limita ou dificulta a concretização dos sonhos, um dos jovens participantes desabafa, quando perguntado sobre as condições em que vivenciam a juventude:

A nossa realidade, ela é muito limitada. Sabe, pró, sobre o que a gente pode ser! Eu acredito que é mais fácil você se tornar um artista ou qualquer outra profissão que não é tão valorizada aqui, bem mais nos Estados Unidos ou em qualquer país desenvolvido na Europa do que é no Brasil, sabe? Ou seja, a gente é obrigado a seguir uma carreira, uma faculdade que a gente não ama, não gosta, somente pelo fato de precisar sobreviver (Mateus, 17 anos, através do áudio via WhatsApp).

Assim, neste cenário marcado pelas desigualdades de condições de acesso, os jovens participantes desta pesquisa se depararam com mais um elemento que veio amplificar as dificuldades já existentes: o enfrentamento à pandemia do novo coronavírus, decretada no Brasil em março de 2020, e os inúmeros desdobramentos que a pandemia trouxe. Para jovens concluintes do ensino médio das escolas públicas baianas, a suspensão do ano letivo das escolas públicas da Bahia, conforme Decreto Estadual 19.586 (DOE 27/03/2020), e a posterior retomada deste ano letivo apenas em 2021, sendo de forma remota e com um currículo contínuo (cursar duas séries em apenas um ano, a série não cursada em 2020 progressivamente com a série de 2021), reduziram ainda mais as chances deles concorrerem com êxito a uma vaga nas instituições de ensino superior.

As narrativas desses jovens, durante as discussões em grupo, mostram o impacto desta realidade pandêmica na condição de estudante concluinte:

Eu não me sinto como concluinte, porque eu acho que eu nunca tive ensino médio, por causa da pandemia, é claro. E pelo sentimento de não ter vivido o ensino médio, eu não me sinto um concluinte, mas sim uma pessoa que está sendo expulsa da rede de ensino, sabe? Mas, enfim... eu tenho perspectiva de entrar na faculdade porque é algo que almejo em minha vida e eu sei que em algum momento eu vou conseguir entrar... mas eu não tenho um sentimento de concluinte (Mateus, 17 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

É pró, porque o ensino médio, eu não aprendi nada, pra te falar a verdade, viu? Porque com esse ensino remoto eu não estou tendo uma aprendizagem, assim como eu tive no (Colégio) Gamaliel. Minhas notas no Gamaliel era tudo alta, aí quando entrei no Modelo também foi alta no 1º ano, mas no 2º (ano), quando entrou essa pandemia, que inventaram esse negócio de aula pelo celular... sinceramente! (Camila, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Ano passado, né? Eu via muito a rotina das pessoas que era o 3º ano. Era Simulado, Provão, essas coisas assim, eu estava esperando o meu momento, ia ser esse ano, mas... Enfim, no EAD não, inclusive eu acho que, até certo ponto, pode está atrapalhando mais do que ajudando (Maria Julia, 17 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

O impacto da pandemia na educação pública já tem demonstrado uma reverberação na realização das provas do Enem, com uma queda acentuada no número de inscritos para o a edição de 2020, como resposta para o ano letivo que não houve ou houve de forma precarizada nas redes públicas de ensino Brasil a fora. Quando perguntados sobre a realização da inscrição para as provas do Enem 2021, os jovens demonstraram insegurança para enfrentar tal situação:

Esse ano não vou fazer Enem não, porque eu vou... porque eu não vou conseguir administrar Enem e escola, eu me entendi e não vou ficar me torturando não, estudando pra Enem e matando pra colégio, fazendo atividade todo santo dia. Então, vou concluir o colégio e, ano que vem, aí sim eu foco em uma coisa só, mas ficar me matando não, que eu não mereço isso não (Camila, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Eu me inscrevi pro Enem, mas não estou estudando é ... sabe? Com o objetivo de passar. Eu tento fazer minhas atividades da escola e organizar meu tempo para eu revisar alguns assuntos, mas eu tô fazendo esse ano mais como um teste mesmo, porque eu nunca fiz, e vou tá me inscrevendo pra concorrer mesmo ano que vem (Mateus, 17 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Eu não me inscrevi porque sei que não estou preparada pra fazer, então vou deixar pra ano que vem (Danielle, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

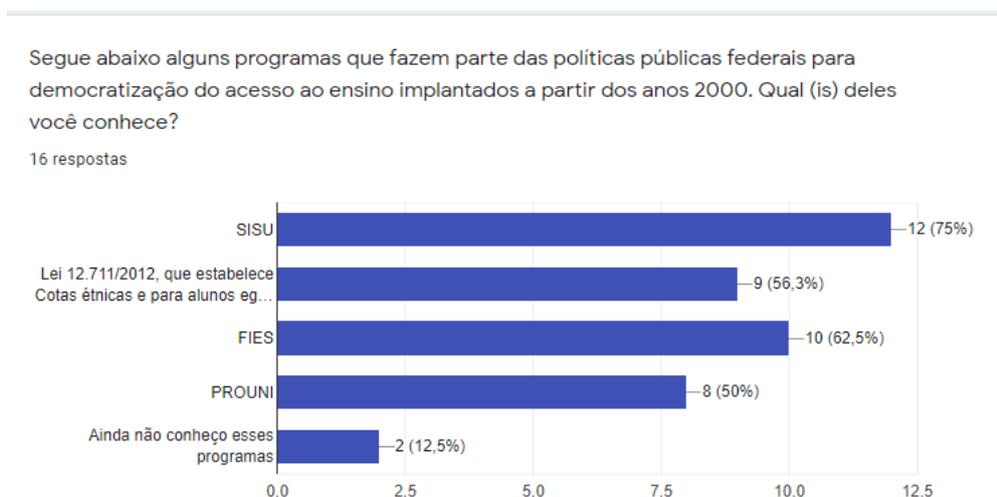
Minha preocupação com o presente é pandemia, né? Claro, que a gente está enfrentando. A gente não sabe quando vai acabar e tal, e as suas sequelas, tipo... em mim, vou falar por mim. É, minha ansiedade aumentou muito. Eu tô fazendo o ensino médio, tô no 3º ano do ensino médio e ainda dando conta de estudar pra o Enem sozinha, sem o apoio, digamos assim, sabe? E aí é muito difícil, porque tanto no presente quanto pensando, também no futuro eu fico: Meu Deus, será que vou passar, será que vou conseguir entrar numa universidade, no curso que realmente quero? O curso que eu me vejo fazendo, e aí é tudo muito incerto, pronto, a palavra é essa, é tudo muito incerto, tudo tá incerto. (Maria Julia, 17 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Não sei ainda se de cara, quando sair do colégio, irei iniciar o ensino superior. Pretendo fazer nível superior, mas não quando sair do Colégio (Lucas, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Esses dados locais dialogam com resultados nacionais, obtidos na segunda edição da pesquisa “Juventudes e a pandemia do Corona vírus”, realizada pelo CONJUBE, em maio de 2021, com aplicação de questionários para mais de 68 mil jovens, de todos os estados brasileiros. Em blocos temáticos, os jovens responderam questões referentes ao perfil sociodemográfico, saúde, educação, trabalho e renda e vida pública. Interessa-nos aqui em especial, os dados referentes ao impacto da pandemia no quesito educação, os quais apontam resultados similares ao desta pesquisa. Apenas 26% dos jovens da pesquisa nacional pretendiam realizar o Enem 2021. Em 2021 havia mais indecisos em relação à realização da prova do que em 2020, e nota-se um crescimento na proporção de jovens que já pensaram em desistir. Além disso, reduz de 33% para 25% o número de jovens que estão conseguindo estudar e aumentam de 56% para 74% aqueles preocupados com seu desempenho no Enem 2021.

Os jovens desta pesquisa relataram, como apresentado acima, a insegurança quanto à preparação no momento de transição para o ensino superior, que basicamente ocorre através das notas obtidas nas provas do Enem. O Enem, por sinal, aparece como parte da política pública de democratização do acesso ao ensino superior que os jovens mais demonstraram conhecimento, que é o Sistema de Seleção Unificada – o SISU (75%), seguida da política de financiamento (62,5%) e, em terceiro lugar, foi selecionada a política de cotas étnicas e sociais (56,3%), conforme demonstra o gráfico abaixo.

Gráfico 10 - Lista de programas de políticas públicas para democratização de acesso ao ensino superior que os jovens têm conhecimento



SANTOS; 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

O desafio de conciliar os conhecimentos elencados para serem trabalhados no ensino médio frente à realidade do ensino remoto, implantado em março de 2021 nas escolas públicas estaduais da Bahia, criou uma situação de desapontamento para os jovens concluintes. A precariedade dos recursos tecnológicos para os alunos, a falta de metodologia apropriada por parte dos professores (tiveram que se adaptar em tão pouco tempo à nova realidade) e a situação em que os saberes e conhecimentos de cada série deveriam ser trabalhados em um semestre, resultou em frustrações e, de certa forma, em um retrocesso para esses jovens, que compartilharam suas experiências e sentimentos, ao serem solicitados a falar de suas expectativas como concluintes, e agora no ensino remoto:

Eu acho que o problema não tá nem no formato EAD, porque, assim, o formato EAD pode funcionar, o que não dá certo pra gente é o tempo limitado que a gente tem, sabe? De ter que fazer dois anos em um, essa carga pesada que colocaram pra gente, e da gente não ter tempo de desenvolver nossos conhecimentos como a gente teria se fosse no presencial, sabe? A questão de ter só um encontro, geralmente as matéria terem só um momento síncrono por semana, ter só três aulas ao dia, entendeu? Não ter o contato, sabe? Não ter tido o auxílio do governo para que as aulas fossem de boa qualidade (Mateus, 17 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Porque é muito complicado, é tanta... Agora mesmo acabou de chegar atividade, às vezes a gente não tem nem como estudar, porque atividade tudo pra entregar, você acaba focando só em responder em vês de: “Oh, vou tentar aprender o assunto”! Porque não dá nem tempo de aprender o assunto. A maioria dos alunos só está se esforçando para fazer as atividades, respondendo e enviando e o conhecimento zero (Danielle, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Ninguém mais está se esforçando pra aprender de verdade, “Ah eu quero aprender isso”, só realizar atividade e pronto, é o que está acontecendo. Vamos ser sincera, né, gente? Pelo amor de Deus. Porque a sensação de você tá vendo ali aquele assunto e você aprender é muito satisfatório, e agora não estou tendo isso não, entendeu? E ninguém está se esforçando, não tem como não. (Camila, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Eu acho que é mais correto dizer que ninguém tá aprendendo, porque se esforçar a gente tem bastante, por causa do nível de atividade, principalmente para os alunos (Mateus, 17 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

As narrativas desses jovens concluintes nos remetem às lacunas do ensino médio que ainda busca firmar sua identidade e atingir os propósitos a que se destina, fato que leva muitas vezes estudantes de escolas públicas a desistirem de prosseguir com os estudos ou quando tentam, acabam ocupando as vagas de faculdades privadas, por terem processos seletivos com menor concorrência (através dos programas de financiamento público), corroborando para a injusta pirâmide educacional brasileira, conforme enfatizam Carmo *et al* (2014):

As deficiências não sanadas no ensino médio dificilmente serão resolvidas no ensino superior, onde a abordagem e a complexidade dos conteúdos são diferentes, tornando-se um fator complicador nessa esfera de ensino. O que tem ocorrido, na verdade, é uma transposição desse problema do ensino médio da rede pública para o ensino superior da rede privada, isso porque os estudantes de nível médio da rede privada, ao obterem melhores pontuações no Enem, garantem para si as vagas mais concorridas das universidades

públicas, enquanto os estudantes de nível médio da rede pública, com defasagem de conteúdo, ficam em desvantagem na concorrência (CARMO; CHAGAS; FIGUEREDO FILHO; ROCHA; 2014, p. 315).

Um ponto fulcral capturado nas falas dos jovens sobre esta transição é que, mesmo acreditando na escola escolhida, tendo como sua maior referência a qualidade de ensino ofertada, os jovens lamentam a ausência dos espaços para dialogar sobre esse momento de conclusão da escolaridade básica. São uníssonos quanto à carência de informações e discussões sobre o ensino superior, os desafios da nova modalidade de educação, as possibilidades de escolhas profissionais, faculdades, enfim, requerem mais espaços e interlocuções da escola com suas projeções futuras, conforme relatos abaixo, nas conversas do grupo de discussão:

Na aula nunca, nenhum professor parou pra conversar, pra dar conselho sobre como entrar na universidade, sobre: “Ah, vocês têm que fazer isso, aquilo, sabe... contando experiência de vida, o que eles passaram, como realmente acontece, umas dicas pra passar no Enem, nunca teve essas dicas não. [...] Eu pelo menos, né? A primeira vez que estou falando de universidade é com a senhora. Mas professor, assim, é difícil, eu nunca tive não (Camila, 18 anos, grupo de discussão grupo de discussão, 17/07/2021)

É, realmente, pró, a primeira pessoa que está falando isso aqui agora é a senhora. Nunca vi nenhum professor, tipo assim, meio que parar a aula pra perguntar sobre isso... planos, não, nenhum! É só atividade, assunto e a aula acaba e pronto. (Danielle, 18 anos, grupo de discussão grupo de discussão, 17/07/2021).

Oh, pró, eu vejo alguns professores falarem da questão da faculdade periodicamente, não é algo, assim, sabe... profundo. (Mateus, 17 anos, grupo de discussão grupo de discussão, 17/07/2021).

As narrativas dos jovens evidenciam um chamamento para o debate no cotidiano escolar sobre as diversas possibilidades de trajetórias juvenis e seus entrelaçamentos com as dimensões socioculturais, históricas e individuais. A escola, enquanto instituição de referência bem presente na condição juvenil, necessita trazer à tona a tensão entre a rigidez de seus programas curriculares, os quais ocorre muitas vezes de forma dispare com as experiências e expectativas juvenis. O fazer pedagógico deve buscar se pautar em minimizar esse descompasso entre a realidade desses jovens plurais e singulares, e as suas aspirações sobre o futuro, cujo papel a ser cumprido vai além da certificação de títulos de escolaridade. Os jovens estudantes, ao mesmo tempo em que desejam uma escola que garanta um bom ensino,

também requerem uma escola que olhe para o momento de transição que vivem, com suas expectativas, tensões, dúvidas e inquietações, ou seja, necessitam que observe a condição juvenil em que se encontram e como suas trajetórias estão se configurando no presente. É necessário, assim, um processo de aproximação e conhecimento dos estudantes que chegam à escola como jovens, sujeitos de experiências, saberes e desejos. Eles se apropriam do social e reelaboram práticas, valores, normas e visões de mundo, a partir de uma representação de seus interesses e de suas necessidades; interpretam e dão sentido ao seu mundo e, nessa direção, a escola não pode trabalhar com a noção de que existe uma juventude, pois são muitas as formas de ser e de se experimentar o tempo de juventude e suas interlocuções com o presente e com o futuro (DAYRELL; CARRANO, 2014).

2.3 Projetos de futuro em tempos de pandemia: entre os sonhos e a realidade

Os projetos juvenis em relação ao futuro, após a saída do ensino médio, foram muito impactados pela situação pandêmica que envolveu o planeta, a partir de início de 2020. Abordarei aqui como os jovens se definem enquanto sujeitos, suas perspectivas futuras e os condicionantes que a pandemia trouxe para este cenário que já não era tão promissor. É importante situar que, como destaca Velho (2006), é importante a concepção de projeto, a partir da problemática mais ampla de indivíduo e sociedade, entendendo projeto como conduta organizada para atingir finalidades específicas. Ao destacar aspectos da tríade juventudes, trajetórias e projetos na sociedade atual, o autor ressalta que permeiam questões antropológicas e filosóficas associadas ao tema da liberdade individual e de suas limitações e relativizações (VELHO, 2006, p. 195).

Nesse contexto de projetar-se no futuro, precedem questões de identidade, de como esses jovens se veem e se autodefine, para além do marco etário. Seguem as definições de alguns deles, fomentadas pela pesquisadora, ao solicitar que discorressem sobre o que eles e elas definem o que é ser jovem ou como definem a juventude. As respostas seguem permeadas das transitoriedades e incertezas que marcam tão bem essa fase, cantada muitas vezes em verso e prosa.

Rapaz, ser jovem é tanta coisa, sei lá... é tanta fase ao mesmo tempo, é quebrando a cara, é aprendendo, é tudo; é ... sei lá, às vezes não pensa em nada, daqui a pouco está pensando tudo ao mesmo tempo, é uma doidice. Não tem como definir ser jovem não, porque... não tem uma definição certa não (Camila, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

É muito complicado, pró, é muita coisa... é Errando, aprendendo e acabando errando de novo... E assim vai... rs...Tudo ao mesmo tempo (Danielle, 18 anos, grupo de discussão, 17/07/2021.).

Como as garotas disseram ai, dar uma definição de ser jovem é um pouco complicado, porque eu acredito que você pode ser jovem até o último suspiro de sua vida, porque eu acredito que ser jovem está muito mais ligado às suas atitudes do que à sua idade em si; e eu acho que o significa ser jovem é o não ter medo de errar, o não ter medo de inovar, o não ter medo de tentar de novo; é ter energia pra fazer essas coisas (Mateus, 17 anos, grupo de discussão).

Quem sou eu é meio difícil de responder, porque vocês não me conhecem, mas eu me conheço, e eu sou eu (risos) mas pra ... eu acho que vou responder três coisas boas em relação a mim, e três coisas ruins... Sei lá. Eu sou uma pessoa brincalhona, quando tem que ser ... às vezes passo do ponto (risos)... mas eu também sou sério. Deixa eu ver outra coisa boa... não sei, é muito difícil (risos.) Tem muita coisa boa sobre mim, mas é muito difícil falar assim Eu, quando eu quero uma coisa, eu consigo e conquisto essa coisa. Três coisas ruins: quando estou certo de uma coisa eu só vou falar que tô errado quando me mostrarem pontos que tô errado, e isso é meio ruim, porque às vezes eu tô muito errado e não tem como provar esse ponto, aí fico nesse... na chatice... eu sou chato (risos), esse é o segundo e o terceiro... bom ... eu não sei... eu sou meio preguiçoso. (Pedro, 18 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

Nasci em Ilhéus, eu tenho 17 anos, de onde me mudei quando tinha uns 5 ou 6 anos. Isso, me mudei de Ilhéus, fui pra Salvador, de Salvador vim pra cá, pra Feira. Isso, meus pais são separados desde quando eu nasci, praticamente, e o pai da minha irmã eu considero como pai, apesar de eu ter contato com pai biológico, mas, por via das dúvidas, pra quem pergunta o meu pai é ele, porque me cria até hoje, mesmo também ele separado da minha mãe, ele me cria ainda como se eu fosse filha dele, sem distinção nenhuma entre eu e minha irmã. Nisso eu me considero uma jovem ambiciosa, não sei se ambiciosa seria a palavra, mas eu sou e também sou muito perfeccionista, eu gosto de tudo certo, perfeito e muitas vezes acabo me estressando por conta disso, eu sei que é um erro meu, porque conta de que eu quero tudo do meu jeito, então porque eu quero tudo do meu jeito acabo me estressando, mas ainda assim, me considero uma pessoa tranquila de se lidar, sabe? E eu procuro coisas boas pra mim, apesar de eu estar meio perdida agora, está sendo um momento bem difícil pra mim, porque eu estou me sentindo perdida, não vou mentir, e tá sendo um momento no qual eu quero desistir de tudo, por não achar uma coisa que me identifique agora, e por ter muita coisa na cabeça, adolescente, né? (Vitoria, 17 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

As narrativas trazem uma marca muito forte da juventude, como uma fase em que prevalece a liberdade de experimentação, de conhecer o novo, de ter direito a tentar seguir seus próprios rumos. Os jovens acima não trazem o peso das determinações das famílias, das regras a serem seguidas ou os fatos cronologicamente determinados pela sociedade que

marcaram por muito tempo a transição juvenil, ao contrário, enfatizam a observância do direito de tentar, de errar, de acertar, de ser diferente, evidenciando o que citamos aqui, em outro momento do texto, que é um peso menor atribuído às instituições e tradições frente às possibilidades plurais de se vivenciar a condição juvenil atualmente. Os projetos são cada vez mais individualizados e deslocados dos suportes sociais e institucionais. Prevalece a experiência de fazer por si mesmos e de atribuir o peso dos erros e acertos a uma condição muito individual e particular, o que leva os jovens a perderem a percepção de cidadania e participação social (MARTUCCELLI, 2007).

Esses trechos de diálogos e de narrativas também revelam os desafios que os jovens têm em buscar uma autodefinição para esta fase da vida, ao passo que pululam dos textos questões subjetivas que os individualizam, tornando-os singulares em suas trajetórias aparentemente comuns: o jovem que deixa em evidência a sua identidade *queer*, a jovem que convive com os novos arranjos familiares, as indecisões nas escolhas futuras, o jovem que é skatista, são expressões concretas de presenças afirmativas que a escola muitas vezes invisibiliza ou mesmo tenta silenciar nas relações pedagógicas escolares. A construção de uma sociedade democrática não pode desconsiderar os desafios e dilemas vividos pelos diferentes sujeitos sociais nos seus ciclos de vida. Esse desafio está colocado para os jovens, para o mundo adulto e, principalmente, para os professores das escolas de ensino médio (DAYRELL; CARRANO, 2014).

Ainda sobre esse movimento de identidades juvenis, Dayrell e Carrano (2014) pontuam que:

Na sociedade atual é evidente que tanto a construção das identidades quanto a elaboração de projetos de vida, se mostram um desafio cada vez maior para os jovens. [...] Os jovens são aqueles que mais sentem os efeitos da ampliação do acesso às informações, do crescimento dos estímulos e das oportunidades para a ação individual, tanto reais quanto simbólicas. Isso porque são mais receptivos à dimensão simbólica e porque são os destinatários de todo um fluxo de mensagens da indústria cultural, que nutre e amplia esse imaginário. Assim, experimentam uma ampliação dos campos cognitivo e emocional: tudo se pode conhecer, tudo se pode provar. Experimentam a reversibilidade de escolhas e decisões; tudo é passível de mudança. Vivenciam a ampliação das experiências simbólicas: tudo pode ser imaginado. Mas esse processo se dá num contexto de ampliação das incertezas diante do qual a sociedade não dá referências para que o jovem construa sua própria identidade. Estão cada vez mais diluídas as fronteiras etárias e o jovem não conta com sinais externos que lhe indique as possíveis mudanças. Assim, é cada vez mais difícil construir sua identidade, pois ele tem de tomar a si mesmo como medida frente às mudanças obrigatórias (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 124-125).

E o contexto de incertezas e das volatilidades, que são marcas da contemporaneidade, veio a ser intensificado com a pandemia. No Brasil, o impacto negativo no campo educacional foi amplificado pelas desigualdades sociais que já marcam o país que, de acordo com o coeficiente de Gini, que mede a concentração de renda, o Brasil ocupa 10^a posição entre os países mais desiguais do mundo, com índice mais elevado que países africanos (LUZ *et al*; 2021). Assim, a ausência de ações e políticas públicas nas esferas federal, estadual e municipal, para dar continuidade ao direito à educação, mesmo com a suspensão das atividades presenciais, evidenciou a distinção entre a educação recebida por crianças e jovens, de acordo a sua pertença socioeconômica, impactando no presente e nas projeções futuras. Se, por um lado, crianças e jovens estudantes de escolas privadas tiveram acesso a aulas e atividades síncronas, com acesso a dispositivos eletrônicos, internet de qualidade e condições no ambiente doméstico para acompanhar e desenvolver as atividades escolares, por outro lado, os estudantes de escolas públicas penaram com a carência ou precariedade de dispositivos individuais para poder acompanhar as aulas, ausência total de internet ou internet de baixa qualidade, além do ambiente doméstico, na maioria das vezes, não oferecer condições físicas e acústicas para a aprendizagem.

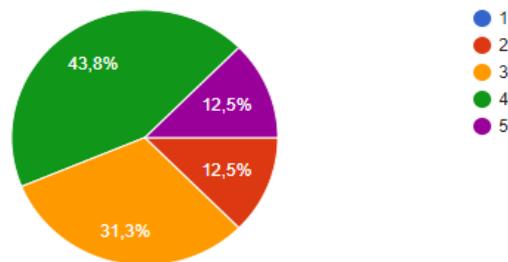
Com a retomada do ano letivo na rede pública estadual baiana, em março de 2021, os alunos foram empurrados para o ensino remoto, sem os devidos suportes tecnológicos para os discentes, de um lado, e de outro lado, os docentes foram levados também para uma situação extremamente desafiadora, que foi ministrar aulas através de plataformas virtuais, transpor a experiência de uma prática pedagógica pautada em saberes de décadas no modo presencial para um sistema de ensino e aprendizagem totalmente virtual. Esse novo contexto educacional gerou muitas insatisfações nos jovens estudantes, que se apoiavam na qualidade do ensino da referida escola para planejar conquistas futuras. Os estudantes, em sua grande maioria, têm acompanhado as aulas através de celular próprio (56,3%), outros assinalaram ter notebook (25%) ou computador (12,5%), apenas um jovem, dentre os 16 (6,3%). No entanto, todos informaram possuir internet por empresa contratada.

Os dados do questionário, apresentados no gráfico abaixo, evidenciam o quanto a nota atribuída ao ensino da escola teve redução, quando se compara o modo presencial ao modo remoto.

Gráfico 11 - Notas atribuídas ao ensino da escola no modo presencial.

Antes da pandemia, no ensino presencial, que nota você atribuiria a sua escola num escala de 1 a 5 ,no quesito de preparação para o ingresso no ensino superior?

16 respostas

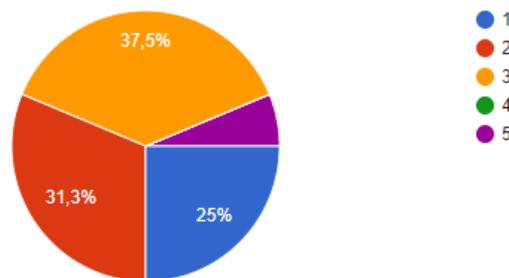


Fonte: SANTOS; 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

Gráfico 12 - Notas atribuídas ao ensino da escola no modo remoto.

Agora, na modalidade remota, que nota você atribui à sua escola, de acordo as orientações da questão anterior? (preparação para o ingresso no ensino superior)

16 respostas



Fonte: SANTOS; 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

Observa-se que, no modo presencial, em torno de 55% dos participantes atribuem as notas mais altas (4 e 5) ao ensino da escola, e a nota mais baixa (1) não apareceu em nenhuma indicação. No entanto, quando a avaliação é sobre o ensino remoto, 25% dos estudantes atribuem a nota mínima para o ensino da escola, quase 70% dos estudantes avaliam o ensino remoto com as notas 2 e 3, e a nota máxima aparece com o voto de apenas um aluno, equivalente a 6,3%. Este novo cenário educacional refletiu com muita intensidade nas projeções de futuro desses jovens, somado à crise econômica e política que o país vem atravessando. As narrativas de alguns deles evidenciam essa temeridade, quando perguntados

sobre as suas principais preocupações no presente e no futuro, a incerteza esteve presente, como uma tônica fundamental na questão do futuro:

Atualmente a pandemia e a resolução dela, e as cicatrizes que ela vai deixar em nossa economia, principalmente em nosso sistema educacional, e falta de oportunidades pra gente conseguir construir uma vida de qualidade.[...] O meu sentimento tem muito mais a ver com perda, porque o espaço da escola era onde tudo acontecia pra mim na minha vida, ou seja, a minha vida sempre foi voltada para o espaço acadêmico, isso desde criança, desde os meus quatro anos de idade, desde a primeira vez que fui na escola eu dizia que queria ser professor, e desde então tudo na minha vida vem cercada, vem sido voltado para a minha carreira acadêmica, porém, com a pandemia, e como aluno de escola pública, a gente passou e tá passando por muitas dificuldades e muitas incertezas, às vezes o ânimo é algo, ter mesmo o ânimo de fazer alguma coisa é difícil de se alcançar (Mateus, 17 anos, grupo de discussão, 17/07/2021).

Pró, é praticamente isso aí, eu acho que não traço mais um caminho, porque em 2019 eu pensava tanta coisa, e veio essa pandemia pra acabar com tanto plano que eu nem imaginava que ia acontecer isso. É, mais a pandemia mesmo... uma incerteza muito grande (Camila, 18 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

Pró, é mais a pandemia mesmo, muita coisa mudou, ninguém esperava isso, achava que ia ser um vírus que poderia acabar rápido, hoje em dia já vai fazer dois anos nessa, então, ficou tudo uma confusão, uma loucura, é ... (Danielle, 18 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

A falta de oportunidade que já persiste e que eu não consiga ingressar em uma área (na universidade), pois não estou tendo uma certa base na escola como incentivo, devido às aulas remotas (Vitória, 17 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

Devido à pandemia meus planos tiveram que mudar, minha preocupação é de correr atrás do tempo perdido (Lucas, 18 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

O jovem acima se refere ao tempo do ano letivo de 2020, que não houve devido à pandemia, e não houve nenhuma política de implantação de ensino remoto durante o período de suspensão das aulas, como uma das medidas de distanciamento social. Nos questionários os jovens pontuaram também questões econômicas do cenário nacional, incidindo diretamente sobre seus sonhos, pontuando medos e preocupações como: não conseguir uma bolsa de estudo ou dinheiro para pagar a faculdade, estudo e trabalho, corte de gastos (investimentos em setores públicos), fim das universidades públicas e escassez de concurso público, a crise e falta de fundos, essas foram respostas que demonstraram a conexão que eles fazem entre os

que sonham com a realidade em que se encontram no plano macrossocial. O cenário sócio-político e econômico já estava marcado por altas taxas de desemprego, desmonte das políticas sociais e intensos cortes de investimentos em saúde, educação e pesquisa no Brasil, na gestão do atual presidente Jair Bolsonaro (sem partido, 2019-2022), tem no atravessamento da pandemia um agravamento desse quadro, conforme revelam os dados abaixo:

A pandemia chegou ao Brasil com a economia semiparalisada. O Brasil viveu uma recessão entre 2015 e 2016 e entrou numa estagnação, apresentando um crescimento de 1,1% do PIB em 2019. Segundo informações da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a pandemia encontrou esse setor operando com capacidade produtiva já reduzida a 77%, desde junho de 2018, caindo para 76% em março deste ano, quando se inicia uma tendência de queda mais acentuada. A situação do mercado de trabalho, que já era ruim, ficou ainda pior. Krein e Borsari (2020) apresentam dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) indicando que o ano de 2019 terminou com 16,2 milhões de desempregados ([desemprego] aberto e [por] desalento) e 6,7 milhões de subocupados por insuficiência de horas, além do forte peso do trabalho informal, 38,4 milhões de trabalhadores (subocupados inclusos neste contingente), quadro relativamente estável desde 2016. (LUZ *et al*; 2021).

Como pano de fundo destes temores citados pelos estudantes acima, está presente a política de cortes de verbas federais destinadas à educação na atual gestão do governo federal. O presidente determinou cortes orçamentários para o setor de educação, conforme o Decreto nº 10.686, publicado no dia 23/04/21, que determina o bloqueio de R\$ 2,7 bilhões e veta R\$ 2,2 bilhões. Além disso, a Lei Orçamentária Anual determinou corte de R\$ 1 bilhão às universidades federais, comprometendo serviços de ensino, pesquisa, extensão e programas de assistência estudantil destinados a estudantes de baixa renda. Este mesmo fio condutor de desmonte de políticas públicas e intensos cortes em serviços públicos essenciais, como saúde e educação, também levou o governo federal a vetar o Projeto de Lei (PL) 3477/20, que previa garantir verbas para o acesso à internet para alunos e professores das redes públicas de ensino, em decorrência da pandemia, em uma escalada de verdadeiro retrocesso nas conquistas de direitos sociais.

Assim, tal delineamento de escolhas futuras ocorre de modo pautado numa constante negociação entre as questões subjetivas e questões objetivas, levando os sujeitos jovens a transitar entre suas escolhas sonhadas e as limitações da realidade. Sobre tal situação, Velho (2006) aponta que, em uma sociedade complexa moderno-contemporânea, o indivíduo transita por diferentes mundos, ou fronteiras simbólicas, com mais ou menos

facilidade, decorrente de seu potencial de metamorfose – trânsito este que revela seu campo de possibilidades. É nesse movimento que surge o processo de negociação, no qual o indivíduo, ao seguir seu projeto traçado, segue negociando com as diferenças contempladas, singularizando suas escolhas e metamorfoseando sua trajetória, ainda que limitado pelas objetividades da realidade em que está inserido (DE LUCA *et al*; 2016). É também neste contexto que recorro ao conceito de provas, definido em Martuccelli (2013) como os desafios históricos, socialmente produzidos, desigualmente distribuídos, que os indivíduos são constrangidos a enfrentar e, ao vivenciarem tais provas, vão inscrevendo suas trajetórias, tornando-se, ao mesmo tempo, um processo de singularização onde cada indivíduo é fruto de uma série de diferentes experiências, para além de seu contexto histórico e social. (MARTUCCELLI *apud* SETTON; SPOSITO, 2013, p. 259, tradução nossa).

Este trânsito entre os projetos e os limites da realidade está bem presente nos trechos a seguir. Os/as jovens se veem limitados por circunstâncias concretas, como territorialidade, questões econômicas e, sobretudo, a pandemia, como possíveis empecilhos ou mesmo elementos impeditivos de alçarem voos mais altos, em busca da concretização de suas metas traçadas, situação que reflete o campo de possibilidades delineado por Gilberto Velho (2003), que é a condicionalidade objetiva sobre os projetos elaborados. Quando foram interrogados sobre o que poderia impactar a concretização dos seus sonhos e projetos futuros, os jovens falaram o seguinte:

Antes da pandemia eu tava estudando muito teatro porquê... além da escola, porque eu quero fazer artes cênicas, juntar uma renda e levar teatro, proporcionar o teatro pra quem não conhece o teatro, que tem muita gente no Brasil a fora que não conhece, então meu desejo mesmo é juntar uma grana, bastante dinheiro, pegar uns cenários, um carro e viajar pelo interior do Brasil, apresentando peças em praças pra quem não conhece. Só que esse é um desejo muito difícil, eu vou ter que focar muito, em questão de dinheiro, em questão de estudo, questão do conhecimento, vou ter que focar muito e esse foco tá meio difícil com a pandemia. Antes da pandemia, eu tinha muita força de vontade, embora eu era meio pra baixo e tal... quando tava sozinho... quando eu tava com meus amigos ou meus familiares eu era bem normal, só que com a pandemia, e eu ficando sozinho, foi aumentando, e cheguei no momento que fiquei só hibernando e não produzi nada, só fiquei deitado... enfim, com meus pensamentos (Pedro, 18 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

A jovem a seguir destaca, além das incertezas futuras, quanto à instabilidade causada na sociedade pela pandemia, a questão da redução das oportunidades de qualificação

profissional na área que ela almeja ingressar, quando compara sua cidade de origem aos grandes centros urbanos:

Minhas inseguranças vêm por causa da pandemia, que tá tudo muito incerto, eu não sei o que vou fazer esse ano, o que vou fazer ano que vem, se eu passar (Enem) vai ser presencial? Eu vou ser chamada? Eu quero ter mestrado, doutorado, quero fazer... Até porque eu quero trabalhar em laboratório, eu quero ir até pra o exterior, sabe? Porque, infelizmente, o Brasil não reconhece os cientistas, e aí tem que ir pra o exterior [...] Pró, as oportunidades são diferentes, né? Primeiro, que por falta do meio cultural acaba sendo diferente e também por questão de... como posso falar... oportunidades. Não dá pra comparar uma oportunidade de que eu, morando aqui em Feira vou ter, se eu tivesse morando em São Paulo, ou se eu morasse em São Paulo comparada oportunidade de trabalho e de estudos se eu tivesse morando lá nos Estados Unidos, por exemplo (Maria Julia, 17 anos).

A jovem Vitória revela projeções futuras que englobam independência financeira e familiar, atrelada aos estudos de nível superior, quando se refere ao “seu diploma”, no entanto, se vê atualmente desafiada a superar a instabilidade emocional e social deixada pela pandemia:

Eu quero sim conquistar minhas coisas, eu tenho em mente também, né? O meu futuro de uma forma que eu planejo há muito tempo, é só frustração mesmo, por planejar uma coisa e não sair como eu queira, por conta também da situação atual que a gente tá. É difícil a gente tá pensando no futuro assim, por ser uma situação difícil, pegou todo mundo de surpresa essa pandemia e isso me pegou também, né? Mas eu me vejo sim, bem sucedida, com minha casa, com meus estudos, com meu diploma, mas que é uma coisa que, como eu disse, eu estou desleixada no momento, não sei nem o que eu quero, mas... eu preciso ainda me encontrar pra botar isso em prática (Vitória, 17 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

Os trechos das narrativas demonstram que esse grupo de jovens já delinearam seus projetos futuros, buscando equilibrar seus desejos e sonhos com as situações reais em que se encontram e, no momento, o que mais tem impactado negativamente suas percepções de futuro é a vivência da pandemia do coronavírus. Os relatos acima mostram os diversos impactos que a pandemia trouxe nesta etapa de vida: afetou o lado emocional, a qualidade do ensino ministrado pela escola em que estão matriculados (ensino remoto), a convivência com seus pares, e trazem também a incerteza do que estar por vir no cenário nacional. Indiretamente, sem citar especificamente o governo federal atual, citaram decisões políticas

que estão afetando também suas perspectivas futuras, sobretudo no que se refere às políticas públicas que incidem no ensino superior. Outrossim, os projetos de futuro são delineados no presente, trazendo elementos das vivências experimentadas no passado ou presente, porém, eles são dinâmicos e flexíveis, de acordo com as questões que circunscrevem o que esses jovens sujeitos querem em seus aspectos individuais e subjetivos, como em aspectos do contexto social e coletivo. Sobre essa projeção futura, Galvão (2020) pontua que:

Nesse sentido, projetos individuais interagem com projetos coletivos, como os de uma família ou grupo social específico, podendo inclusive contrastar e gerar conflitos ou reposicionamentos, a partir do campo de possibilidades existente. Além disso, considera-se o aspecto temporal e dinâmico dos projetos de vida, que podem se transformar ao longo do tempo e de acordo com o contexto. Não se trata, portanto, de algo estanque, mas que pode ser permanentemente reelaborado, assim como a própria identidade é considerada dinâmica, e que implica a vivência da temporalidade (GALVÃO, 2020, p. 37).

Ainda sobre o futuro, na perspectiva juvenil dentro do cenário atual, Luz *et al* (2020) enfatizam que:

A incerteza quanto ao futuro se inscreve como marca indelével da atual geração juvenil. A crise multidimensional que afeta a sociedade brasileira, agravada pela pandemia, turva o horizonte e inibe os jovens na construção de projetos ajustados a seu campo de possibilidades. A transição para a vida adulta, no quadro histórico atual, revela-se uma realidade de riscos e incertezas (LUZ *et al*, 2020, p. 199).

A trajetória desses jovens de classe econômica de baixa renda está sujeita às próprias condições que ocupam na sociedade, marcada por desafios e percalços constantes relativos à escassez de recursos econômicos e suas privações correlatas. No entanto, muitas vezes, apesar do entrelaçamento dos fatores externos, seguem trilhando seus caminhos, acreditando, sobretudo, no poder do agenciamento individual como principal elemento responsável pelas suas conquistas e fracassos.

2.4 Com quem os jovens contam em seus projetos de futuro?

As experiências juvenis estão permeadas de descobertas, alegrias, prazeres e desafios. A interação entre os pares tem um peso relevante nas culturas juvenis, quando no processo de construção de suas próprias identidades os jovens valorizam as interações sociais na escola, no bairro, igrejas, atividades esportivas, redes sociais etc. É nas experiências coletivas que os

jovens se poiam e se reconhecem. No entanto, com o advento das redes sociais, a partir dos anos 2000, e a progressiva popularização de dispositivos móveis, cada vez mais as redes sociais têm ocupado espaço e tempo na rotina dos jovens.

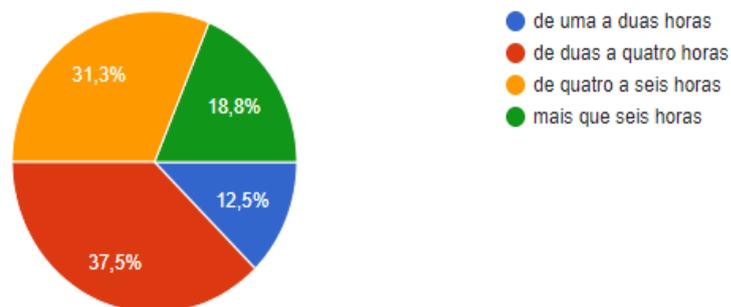
Partindo da compreensão de que as juventudes do início do século XXI estão cada vez mais imersas no universo tecnológico, fazendo desse um ambiente primordial de relacionamentos via redes sociais e, portanto, considerando-as como ferramentas indispensáveis à vida moderna, a cibercultura e o ciberespaço se tornaram elementos constitutivos agora das vivências juvenis, consumindo parte do dia desses indivíduos. Em um cenário de distanciamento social provocado pela pandemia, a relevância da interação por meios digitais veio a se intensificar e ganhar uma importância ainda maior para os jovens se relacionarem com as pessoas e com o mundo.

Os dados da pesquisa abaixo mostram o quanto os jovens valorizam e investem parte de seu tempo e atenção conectados com a internet, sobretudo utilizando as redes sociais. Um percentual significativo (18,8%) destina mais que seis horas diárias ao uso das redes sociais. A maior parte dos respondentes (37,5%) destina de duas a quatro horas, e uma parcela bem próxima da primeira (31,3%) destina de quatro a seis horas de seu tempo diário para acessar as redes sociais.

Gráfico 13 - Tempo destinado pelos jovens às redes sociais

Quantas horas em média, por dia, você utiliza/acessa as redes sociais?

16 respostas



Fonte: SANTOS, 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

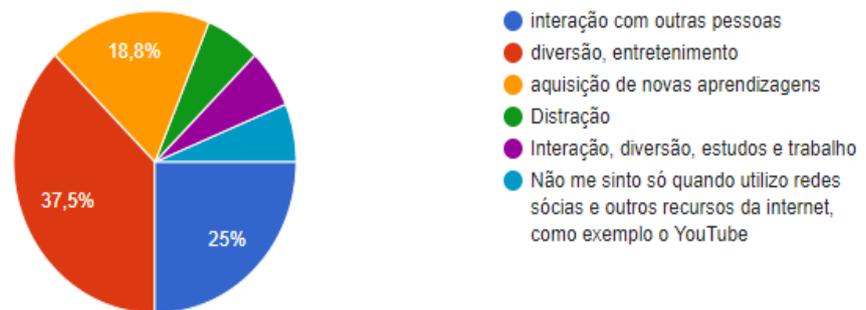
E quando perguntados sobre qual o campo de maior interesse, ao utilizarem as redes sociais, a diversão e o entretenimento apareceram em primeiro lugar (37,5%), seguido da interação com as pessoas (25%). O uso das redes sociais como ferramenta para aprendizagem

de novas surge em terceiro lugar, com 18,8%, com uma diferença de mais de seis pontos para o assunto segundo colocado.

Gráfico 14 - Objetivo dos jovens quanto ao uso das redes sociais

Com qual objetivo você mais utiliza as redes sociais?

16 respostas



Fonte: SANTOS, 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

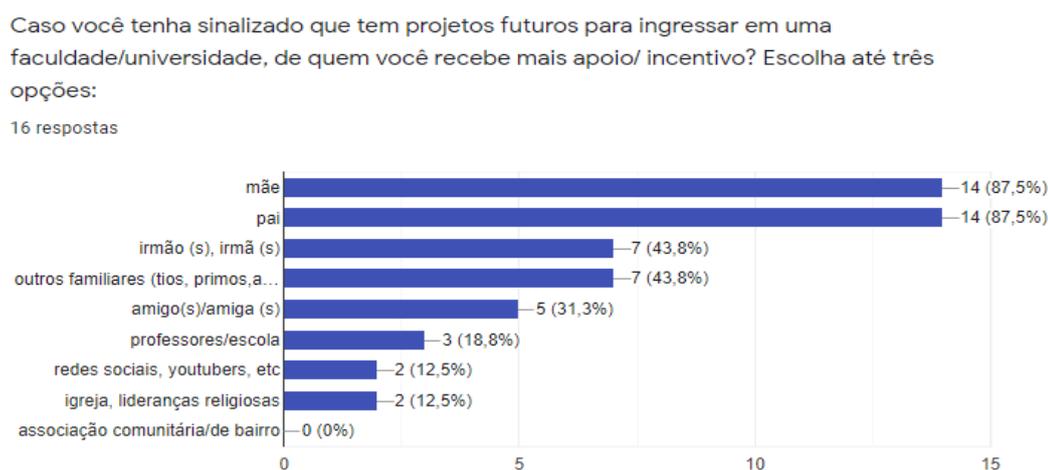
Apesar de todos terem citado em seus projetos de futuro o ingresso no ensino superior, o uso da internet não está associado pelos jovens entrevistados para ajudar a atingir tal meta. A diversão, o entretenimento e a interação com pessoas aparecem como prioridade. Se, por um lado, para nós, adultos, esse fato causa estranhamento, estudiosos do tema juventudes e tecnologias apresentam uma outra conotação. Por exemplo, Bassalo e Weller (2015) acentuam que:

Assim, podemos dizer que os jovens da contemporaneidade constituem um grupo geracional que tem como singularidade, entre outras características, a subversão dos sentidos relativos à convivência social, na medida em que as relações no campo virtual assumem maior relevância do que a comunicação face a face com seus pares. Ao fazerem uso da internet com tanta intimidade e frequência, pode-se afirmar que esses jovens constituem a “Geração Internauta” (BASSALO; WELLER, 2015, p. 238).

Vale ainda frisar também que o lazer e o uso do tempo livre são referências também para os jovens criarem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os tornam diferentes do mundo adulto (BRENNER; DAYREL; CARRANO, 2008). No entanto, esse uso das redes sociais, como uma das principais fontes de lazer, requer uma análise mais aprofundada, visto que muitas vezes os jovens se tornam meros consumidores de produtos patrocinados, ideologias preconceituosas e fascistas, modos

e estilos de vida financiados por grupos específicos, disfarçados nos supostos anonimatos do mundo virtual e, sem se darem conta, os jovens vão criando afinidades e comunhão de ideias, sem a devida análise do contexto em que está em contato virtualmente. Essas são reflexões que cabem em outro estudo das juventudes, que não iremos aprofundar aqui. Por ora, destacamos que, para alcançar os objetivos delineados pelos jovens para suas projeções futuras, as redes sociais aparecem na sétima posição, dentre as nove opções oferecidas pelo questionário, conforme o gráfico abaixo ilustra.

Gráfico 15 - Incentivo para o projeto de ingresso no ensino superior



Fonte: SANTOS, 2021. Questionário digital elaborado pela pesquisadora utilizando a ferramenta *Google Forms*.

Os principais atores elencados como incentivadores e apoiadores pelos jovens para suas projeções futuras foram os pais. Nesse universo de 16 jovens respondentes do questionário, pai e mãe aparecem aqui com a mesma frequência nas respostas (87,5%), representando os referenciais mais citados por uma grande maioria. Seguido de outros familiares (irmãos, tios, primos) que ocupam o segundo lugar da lista citada (43%). Os trechos das narrativas abaixo destrincham com mais detalhes e sentimentos o papel que o núcleo familiar representa para esses jovens, figurando enquanto seu principal suporte, retomando o conceito utilizado por Martuccelli (2007), como o conjunto de recursos materiais ou simbólicos que os indivíduos articulam como uma rede de apoio para se sustentarem no seu entorno social. Isso também pode estar associado ao menor capital social desses jovens, cujas redes de conhecimentos e influências pode ser menor, quando comparado às famílias de elite, por exemplo, ou ainda está relacionado com uma questão geracional do esvaziamento de

confiança nas instituições públicas. Através dessa noção de suporte, Martuccelli (2007) destaca as relações que amparam os indivíduos no enfrentamento de seus desafios existenciais, como os laços de reciprocidade, redes de amizade e sociabilidade ou, então, a articulação de aparatos institucionais que garantam e/ou promovam condições para que os sujeitos efetivem seus projetos e/ou logrem seguir em disputa. A fala do jovem Mateus, logo abaixo, provoca uma relevante reflexão, no tocante ao papel dos suportes institucionais, promovendo um contraponto com a individualização dos suportes (muitas vezes imaginários, inclusive), com a desinstitucionalização do presente, e certo estreitamento dos campos de possibilidade, quando se conta com tão poucos suportes materiais e sociais.

A minha família e meus amigos apoiam bastante meus objetivos, porém, muitas vezes sinto a falta de oportunidades, que só podem ser criadas pelo Estado Mateus, 17 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

Os jovens participantes desta pesquisa, através de suas narrativas, colocaram na família um papel de destaque em suas projeções futuras, apesar de a família ter perdido a força, enquanto instituição social na contemporaneidade. Aqui ela se revelou como instituição social de primordial relevância, enquanto suporte emocional e social na construção dos projetos de futuro das juventudes:

E com quem eu posso contar? Com minha mãe, sem dúvidas, minha irmã, apesar de pequena, ela me apoia muito, e o meu pai, que me incentiva muito, apesar do jeito meio grosso dele, mas ele me apoia muito, me incentiva. (Vitória, 17 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

Meu pai, minha mãe, meu padrasto, são pessoas muito presentes em minha vida e que sempre estão aqui, são minha base, mas o mais principal, eu, só eu posso conquistar o que eu quero, só eu posso fazer isso, ninguém mais pode, é... eu e eu mesmo (Pedro, 18 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

As pessoas que podem me ajudar são o povo da minha família mesmo e os amigos mais próximos (Lucas, 18 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

A escola, mesmo ofertando a última etapa da escolaridade básica, contraditoriamente, só aparece em sexto lugar (12,5%) na escolha dos jovens como suporte em seus projetos futuros, empatando percentualmente com igrejas e lideranças

religiosas. Em suas narrativas, os jovens participantes são bem enfáticos em suas percepções sobre com quem pode contar em suas projeções futuras, colocando também em relevância o envolvimento e o compromisso individual em seus propósitos.

A escola não influencia em nada, nada, nada, nada, é uma escolha minha e eu vou fazer com fé em Jesus. Sobre com quem eu conto para os meus projetos? Só comigo mesmo (Camila, 18 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

Os conhecimentos adquiridos na escola interferem sua escolha? Não, não, na verdade não, tem muita coisa na escola que não vejo necessidade de aprender, mas isso não vem ao caso. (Pedro, 18 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

E o que ou quem pode me ajudar aonde eu quero, né? Os estudos, com certeza, eu mesma, me esforçando, me dedicando, colocar na minha cabeça que só depende de mim. Minha família também, me apoia muito e meus professores. (Maria Julia, 17 anos, narrativa através de áudio via WhatsApp).

Os trechos acima coadunam com estudos que relacionam as lacunas presentes no ensino médio, no que se refere à promoção de espaços-tempos, que dialoguem com os jovens estudantes sobre as especificidades das vivências juvenis, diante das possibilidades do que estar por vir após a conclusão desta etapa de escolarização. Apesar do reconhecimento do papel positivo que desempenhavam na formação deles, os estudantes deixam nas entrelinhas a fragilidade que acompanham a execução de muitas dessas experiências. As relações pessoais e de convivência estabelecidas no espaço escolar, os conhecimentos e aprendizagens promovidos através dos componentes curriculares, e tantas outras situações do cotidiano escolar, vão criando um mosaico de elementos que certamente contribuem para a construção de projetos de futuro. No entanto, como esses elementos não são problematizados e tensionados em rodas de diálogos com os jovens, eles não conseguem elencar o papel direto da escola incidindo sobre suas escolhas, e muitas vezes até afirmam que a escola “atrapalha” esse caminhar em busca de algo melhor, como disseram os estudantes abaixo:

Enfim, no EAD não (ajuda), inclusive eu acho que, até certo ponto, pode está atrapalhando mais do que ajudando (Maria Julia, 17 anos, grupo de discussão).

Vamos ser sincera, né gente? Pelo amor de Deus. A maioria dos alunos só quer se livrar do 3º ano, por exemplo eu (Danielle, 18 anos, grupo de discussão)

A situação que a gente tá, nessa altura do campeonato, a maioria dos alunos só quer passar mesmo, porque a escola passou a se tornar algo que pesa mais pra gente do que atribui (Mateus, 17 anos, grupo de discussão).

As falas acima colocam um desafio para o cotidiano das escolas que ofertam ensino médio. É fato, como já sinalizado pelos jovens em outros momentos, o impacto da pandemia no trabalho pedagógico desenvolvido pela escola. Porém, ainda assim, evidenciam também a urgência da escola de olhar para estes indivíduos na sua condição juvenil no presente, suas angústias, anseios, vivências e, nesse diálogo, buscar promover oportunidades de reflexão sobre o futuro, discutindo quais elementos seriam potencializadores ou entraves para suas projeções futuras e, enquanto instituição, colaborar de forma intencional e planejada nesse processo.

Neste cenário contemporâneo, marcado por quebra de paradigmas, experienciar a juventude requer um posicionamento ativo frente às precariedades e multiplicidades que despontam no horizonte, um processo de assunção de seus próprios projetos de vida. Processo esse que constitui na sua essência um paradoxo, em que escola e a família não ocupam mais exclusividade nos processos de socialização juvenil, pois concorrem com as redes sociais, a mídia, a rede de amigos etc. Nesse processo é colocada na frente dos jovens uma realidade plural, e eles podem ter dificuldade em ter um ponto de referência para a definição do seu percurso biográfico e escolhas futuras, e acaba mergulhando em diferentes grupos de forma experimental e transitória, muitas vezes vivendo o dilema de expectativas, frustrações e adiamento de frustrações (MELUCCI, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresento, neste capítulo, a finalização do texto dissertativo, encerrando neste momento o processo de investigação a que se propôs este trabalho. No entanto, deixo evidente que as questões apresentadas não se encerram por aqui. A produção de conhecimento e a interpretação da realidade são passíveis de mudanças, a depender da própria dinâmica da realidade, do ângulo da pesquisa e do recorte e olhares de outros pesquisadores. Mesmo trazendo resultados, ora conclusivos, ora inconclusivos, esta pesquisa traz contribuições para o debate no campo das juventudes, temática tão cara, não apenas no meio acadêmico, mas principalmente na sociedade mais ampla e na formação de professores. Acredito também que, ao me propor a pesquisar sobre jovens, a autenticidade da captação das subjetividades e das expressões juvenis ocupa um lugar de destaque, se a pesquisa coloca os indivíduos como os principais interlocutores, e esse ponto foi mantido durante todo o processo do trabalho investigativo.

Dessa forma, perscrutando as vozes juvenis, foi possível evidenciar elementos acerca do significado da escola para eles e como representam essa transição para o ingresso no ensino superior, contudo, a tônica da vivência da pandemia, iniciada em 2020, aparece como um fator muito presente em diversos momentos de suas falas e projeções. Assim também como para nós, pesquisadores, constituiu-se um grande desafio repensar o processo de imersão no campo investigativo, após as mudanças no modo de viver o cotidiano que a pandemia nos impôs; a restrição de vê-los e ouvi-los de modo presencial, deixou um sentimento de frustração na pesquisadora, quanto ao que foi delineado nos primeiros passos do projeto de pesquisa, ainda assim, a oferta desse espaço de diálogo com os jovens, mesmo que virtual, foi notificada por eles como uma experiência única e muito positiva para dialogar sobre suas projeções futuras. Outro desafio foi o de me distanciar deles, enquanto coordenadora pedagógica, quando as questões abordadas tinham pontos críticos com relação à escola. Mas, empenhei-me para que, ao enfatizar o meu papel enquanto pesquisadora e as diretrizes da própria pesquisa, esse limite foi ficando claro para eles, e então foi criada uma ambiência para falarem o mais naturalmente possível sobre as lacunas que observaram na relação deles com a escola e a configuração dos seus projetos futuros.

Nesse âmbito, após a análise das narrativas juvenis durante o trabalho investigativo, foi possível registrar que a grande maioria dos jovens estudantes do ensino médio desta unidade escolar (75%) almeja a continuidade dos estudos, com vistas ao ingresso no ensino

superior, ainda que não seja de imediato à conclusão do ensino médio, e um percentual menor ainda se colocou na dúvida (18,8%). É válido pontuar, os que estavam na dúvida quanto ao ingresso no ensino superior seriam os primeiros da família a cursarem graduação. São jovens majoritariamente pertencentes à classe de baixa renda, com predominância da etnia preta e parda, e quando interrogados sobre suas escolhas futuras, os participantes explicitaram nas suas narrativas que o principal motivo de elegeram o Colégio Modelo para cursarem o ensino médio (dentro das opções de escola pública na cidade) foi a crença depositada na escola, que apresenta um potencial de ensino diferenciado, de modo a qualificá-los melhor em termos de conteúdo/conhecimentos requisitados nas provas do Enem.

Contraditoriamente, essa mesma escola, não aparece para esses estudantes como promotora de espaços de diálogos sobre o ingresso no ensino superior. Os participantes da pesquisa foram enfáticos ao dizerem que a escola não aborda de forma sistematizada o caminho a ser percorrido para o ingresso no ensino superior, não oferecendo orientações para escolha de cursos e mesmo de instituições, discussão sobre as políticas de democratização do acesso às universidades/faculdades, diálogos sobre o ofício de ser estudante universitário, ou seja, existe uma lacuna sobre a possível transição do ensino médio para o ensino superior. Alguns professores dialogam superficialmente sobre tais possibilidades, mas os jovens se mostraram desejosos de um debate mais amplo sobre suas projeções futuras, caminhos, possibilidades e desafios a serem superados.

Para os jovens que se mostraram convictos do desejo de ingressar em uma universidade/faculdade, eles atribuíram a esta etapa de ensino um significado imediato de ligação ao mercado de trabalho, atrelando este nível de escolaridade a oportunidades de melhores salários, melhores postos de trabalho e, por conseguinte, melhores condições de vida, bem como o aumento da possibilidade de realização dos sonhos em outras esferas (constituição de família, aquisição de bens de consumo etc.). As escolhas dos cursos pontuadas pelos jovens pesquisados não apareciam pelo *status* ocupado na sociedade brasileira, e sim por motivações ligadas à afinidade da área profissional: eles pontuaram cursos como Direito, Publicidade, Ciências Farmacêuticas, Licenciatura e Artes Cênicas. No entanto, alguns jovens, ao refletirem sobre suas possíveis escolhas profissionais, enfatizaram os entraves socioeconômicos que teriam que enfrentar por não serem profissões de alto prestígio/reconhecimento social, como o jovem que deseja viver de arte e a jovem que deseja ser pesquisadora. A titulação em nível superior está diretamente ligada ao alcance de uma

profissão melhor, quer seja de carreira ou em concurso público, e partir daí a tão sonhada independência financeira.

Em nenhuma das falas a instituição de ensino superior aparece como capaz de promover um crescimento humano, científico e intelectual, nem aparecem nas respostas uma formação profissional voltada para o bem comum ou coletivo da sociedade, refletindo, de certa forma, o individualismo e a visão imediatista que marcam a percepção do tempo na contemporaneidade, já pontuados no texto dissertativo deste trabalho.

Para a realização da transição entre o ensino médio e o superior, a estratégia que esses estudantes têm conhecimento e afirmam que irão utilizar é o ingresso através da pontuação obtidas nas provas do Enem. Atribuem muito esse êxito ao campo individual, enfatizando qualidades como esforço, dedicação e foco nos estudos. É relevante destacar que dois jovens, que anunciaram que estavam trabalhando na época da entrevista, afirmaram não ter condições pessoais de pensar no Enem em 2021, ainda enquanto aluno concluinte, pois estavam muito assoberbados, e que só pensariam no Enem/ingresso no ensino superior após a conclusão do ensino médio, que teriam mais tempo para focar nos estudos para a aprovação no exame. No objetivo referente à identificação das estratégias desenhadas pelos jovens para o ingresso no ensino superior, as narrativas dos sujeitos participantes não deixaram evidente, elencaram estratégias apesar de serem provocados durante os nossos diálogos, o que pode indicar a necessidade de investir nesse desdobramento em outras pesquisas e mesmo no ambiente escolar.

Os relatos juvenis sinalizaram para a importância de trazer o debate na dinâmica escolar, promovendo espaços de diálogos e problematizações sobre as perspectivas de ingresso no ensino superior, com seus desafios e possibilidades, aumentando o campo de conhecimento para esses jovens elegíveis para tal etapa de escolaridade. Há que se considerar que, pelo contexto de desigualdades e injustiças sociais que marcam as juventudes brasileiras, a promoção deste debate que coloca a escola em um patamar de referência positiva, enquanto instituição justamente responsável pela produção/ampliação de conhecimentos, é muito positivo. Por ser um espaço que marca uma etapa importante da identidade juvenil, faz-se necessário que a escola esteja atenta às demandas crescentes das juventudes populares que já estão em um patamar diferenciado, pelo fato de estarem concluindo o ensino médio em um país que ainda não universalizou esta etapa de estudo para todos. Faz-se necessário, pois, promover ciclos de debates e ciclos formativos para as perspectivas futuras destes jovens na

saída do ensino médio, com espaços garantidos de fala e escuta dos jovens nesse processo formativo/informativo.

Nesse cenário de transição e projeções futuras, os jovens destacaram o papel da família, sobretudo dos genitores, como principais suportes para o alcance de suas metas, citados em primeiro lugar por quase 90% dos entrevistados. A família desempenha o papel de incentivo e de mantenedora emocional, ao passo também que cobra desses jovens que trilhem caminhos promissores, sobretudo pautados no aumento do nível de escolaridade. Após os jovens pesquisados terem sinalizado familiares e amigos como principais incentivadores, os professores são citados também como potenciais incentivadores, contudo, este incentivo se limita às falas pontuais em sala de aula, estimulando a escolha para o ingresso no ensino superior após a conclusão do ensino médio.

É curioso destacar que, apesar de a grande maioria dos jovens (em torno de 70%) dedicarem, em média, quatro horas diárias de seu tempo ao uso das redes sociais, as redes sociais não aparecem como um recurso que colabora no alcance das perspectivas futuras traçadas pelos jovens. O principal objetivo do uso das redes sociais e internet está ligado à diversão e entretenimento e interação com as pessoas, apenas como terceiro lugar que a motivação de acessar novos conhecimentos através da aparece para os jovens entrevistados.

Mediante o exposto, inferimos que, a partir dos contextos e histórias de vida desses jovens estudantes concluintes, a escola deveria ir tecendo uma rede de discussões, articulando elementos das juventudes em suas diversidades, englobando questões de etnia, orientação sexual, religião, gênero, com elementos no campo macrossocial, envolvendo o cenário político, questões de ordem econômica, sobretudo na ordem das desigualdades, realizando o entrelace crítico desses elementos na vida atual desses jovens e nas suas projeções de futuro na saída do ensino médio, contrapondo as suas projeções e o campo de possibilidades em que estão inseridos.

Assim, considerando a questão central desta pesquisa, a escola, apesar de preocupar em garantir os conhecimentos e saberes que serviram de passaporte para os jovens, quer seja para o ingresso no ensino superior, que seja para o mercado de trabalho, não estabelece espaços-tempos de diálogos sobre tais questões. A pesquisa evidencia essa lacuna na instituição, que lida exclusivamente com jovens, justamente na última etapa da escolaridade básica, sinalizando que a escola precisa estar atenta a esse papel de promover diálogos e momentos de escuta desses jovens ávidos por partilhar suas dúvidas, inquietações, sonhos e projeções futuras. É importante frisar que a intenção não é culpabilizar as escolas, visto que

estas são pertencentes às redes, e devem também estar vinculadas às políticas públicas que assegurem a autonomia dos jovens, e que enfatizem as possibilidades de continuidade dos estudos após o ensino médio, com todos os elementos necessários para o ingresso e permanência nesta etapa educacional. A escola, enquanto espaço de formação, é também construtora de valores e atitudes, logo, pode contribuir positiva ou negativamente nas projeções futuras dos jovens, ao lado da instituição familiar, que aparece tão fortemente indicado pelos jovens pesquisados.

Reporto-me também às conquistas que as juventudes atuais alcançaram em comparação à minha trajetória juvenil, em meados da década de 1990, quando tudo que eu contava era com o suporte familiar e muita força de vontade para conseguir concluir a graduação em outra cidade. Atualmente, o acesso às políticas públicas de democratização do ensino superior, os recursos de informação e aquisição de conhecimentos além da escola e uma possibilidade maior de oferta de cursos e instituições de ensino superior na cidade e região próxima, são fatores que democratizam ainda mais o ingresso de jovens de camadas populares ao ensino superior.

Destaco a relevância desta pesquisa na formação e capacitação de docentes e gestores, assim como eu, enquanto coordenadora pedagógica, promovendo uma oportunidade de aprofundamento teórico e de mudança de perspectiva de compreensão das juventudes em suas trajetórias plurais e, sobretudo, a quebra de paradigma da linearidade nas etapas e decisões que demarcariam a transição para a vida adulta. Tal análise, das vivências e experiências juvenis no cotidiano escolar e na sociedade, trouxe para mim uma perspectiva desmitificada que desejo que seja também reverberada nas escolas da educação básica. Longe de esgotar a temática, este trabalho se insere como relevante para o campo de estudos sobre juventude, sobretudo pelo momento histórico em que foi realizado, atravessado pelo início da implantação da reforma do ensino médio, a implementação de projeto de vida como componente curricular no ensino médio, o contexto pandêmico e suas reverberações em diferentes campos da vida em sociedade. As questões suscitadas por esta pesquisa abrem espaço para outras temáticas de estudo, visto que o campo de estudo sobre e com jovens constitui-se como muito dinâmico, cujas categorias teóricas precisam ser constantemente revisitadas e atualizadas para compreender melhor os fenômenos multifacetados das juventudes plurais e seus atravessamentos na atualidade tais como: efeitos da pandemia a médio e longo prazo, o uso das redes sociais e seus efeitos na escolarização, novas

configurações na transição para a vida adulta, biografização das trajetórias de vida, dentre outras. .

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ALMEIDA, Rachel de Castro; CHAVES, Miguel. **Empreendedorismo como escopo de diretrizes políticas da União Europeia no âmbito do ensino**. Educ. Pesqui, São Paulo, v. 41, n. 02, p. 513-526, abr./jun. 2015.
- BAHIA, Diário Oficial do Estado, 28/03/2020.
- BAHIA, Secretaria de Educação do Estado. **Documento de apresentação do ano letivo 2020-2021 para a rede estadual da Bahia**. Disponível em <http://jornadapedagogica.educacao.ba.gov.br/>. Acessado em outubro de 2021.
- BARBATO, Silviane; ALVES, Priscila Pires; OLIVEIRA, Valéria Marques. **Narrativas e dialogia em estudos qualitativos sobre a produção de si**. Revista Valore, Volta Redonda, 5 (Edição Especial): 22-36, 2019.
- BASSALO, L. de M., B; WELLER, V. Jovem e mulher: um estudo sobre os posicionamentos de internautas feministas. In: SOUSA, C. A. M. (Org.). **Juventudes e tecnologias sociabilidades e aprendizagens**. Brasília: Liber Livro, 2015. p. 235-254.
- BORGES, Luís Paulo Cruz. **A escola e o futuro nas vozes de jovens-estudantes do Ensino Médio: contribuições etnográficas à educação**. 39ª Reunião Nacional da ANPED, Rio de Janeiro, 2019.
- BRASIL, Conjuve. **Juventudes e a pandemia do Coronavírus**. Relatório de resultados. Junho de 2020. Disponível em <https://juventudeepandemia.com>. Acesso em agosto 2020.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas Sociais. Pnad Continua 2014**. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29521-pnad-continua>. Acesso em novembro de 2020.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em outubro de 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação. **ENEM Apresentação**. Disponível em: portal.mec.gov.br/enem. Acesso em novembro de 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE/CP nº 05, nº 09/2020, nº 11/2020. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/pec-g/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/85201-parecer-cp-2020>.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior de 2019**. Brasília, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Resumo técnico do estado da Bahia: Censo da Educação básica de 2019**. Brasília, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico especial 35**. Secretaria de Vigilância em Saúde, 4ª Semana Epidemiológica 41 (04/10 a 10/10/2020). Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun 2014. Disponível em: <https://planalto.gov.br/Acesso> em outubro 2020.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30. ago. 2012.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Projeto de lei nº 8.035, de 2010. **Plano Nacional de Educação 2011-2020**.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude Brasileira: Culturas do Lazer e do Tempo Livre. In: Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil** / Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz.– Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, p. 29-44.

BRENNER, Ana Karina. CARRANO; Paulo Cesar Rodrigues. **Os sentidos da presença dos jovens no ensino médio**: representações da escola em três filmes de estudantes. Educ. Soc., Campinas, v. 35, nº. 129, p. 1223-1240, out.-dez., 2014.

CARMO, Erinaldo Ferreira; CHAGAS, José Aercio Silva; FIGUEREDO FILHO, Dalson Britto; ROCHA, Enivaldo Carvalho. **Políticas públicas de democratização do acesso ao ensino superior e estrutura básica de formação no ensino médio regular**. Rev. bras. Estud. pedagógicos. (Online), Brasília, v. 95, n. 240, p. 304-327, maio/ago. 2014.

CARRANO, Paulo. **Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência**. Revista Teias v. 12, n. 26, 07-22, set./dez. 2011.

CHARLOT, Bernad. **Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia**. Tradução: Neide Luzia de Rezende. Cad. Pesq., São Paulo, n.97, p. 47-63, maio, 1996.

CHARLOT, Bernard. **Relação com a escola e o saber nos bairros populares**. Perspectiva. Florianópolis, v.20, n. Especial, p. 17-34, jul./dez.2002.

- CORROCHANO, Maria Carla. **Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior**. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 23-44 mar. 2013.
- D'AVILA, Geruza Tavares; KRAWULSKI Edite; VERIGUINE Nadia Rocha; SOARES, Dulce Helena Penna. **Acesso ao ensino superior e o projeto de “ser alguém” para vestibulandos de um cursinho popular**. Psicologia & Sociedade; 23 (2): 350-358, 2011.
- DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc. Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- De LUCA Gabriela; OLIVEIRA, Sidinei Rocha; CHIESA, Carolina Dalla. **Projeto e Metamorfose: Contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreiras**. RAC, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, art. 4, pp. 458-476, Jul./Ago. 2016.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.
- DIEESE. Juventude e trabalho na região metropolitana de Feira de Santana. Sistema de pesquisa de emprego e desemprego, Feira de Santana, 2013.
- FALCÃO, Nádia Maciel. **Possibilidades de compreensão da transição para a vida adulta na atualidade**. Florianópolis, 37ª Reunião Nacional da ANPED, 2015.
- FERREIRA, V. S. Caminhos e desafios metodológicos na pesquisa com jovens. In: Vitor Sérgio Ferreira. (Org). **Pesquisar Jovens: caminhos e desafios metodológicos** (org.). Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2017, p. 17-31.
- FERREIRA, V. S.; RAIMUNDO, Alexandra. Conversas entre jovens: o uso youthfriendly de grupos focais. In: Vitor Sérgio Ferreira. (Org). **Pesquisar Jovens: caminhos e desafios metodológicos**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2017, p. 57-90.
- FLICK, Uri. Pesquisa qualitativa: por que e como fazê-la. In: _____. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p 20-38.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **A metodologia de pesquisa educacional como construtora da práxis investigativa**. NUANCES: estudos sobre educação – ano IX, v.09, nº 9/10, jan./jun. e jul./dez. 2003.
- FREITAS, M. V. de. (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- GALVÃO, Ayla Arapiraca. **Onde Está o Futuro? Projetos de vida de jovens da periferia a partir das suas vivências de tempo e espaço**. Orientadora: Profª Drª Giuseppina Marsico Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia, Salvador, 2020. Versão eletrônica.
- IBGE – Instituto de Geografia e Estatística. Pnad Contínua Educação 2019. Junho de 2020.

- IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – 2013. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível: [pnad_2013_v33_br.pdf \(ibge.gov.br\)](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/publicacoes/pnad_2013_v33_br.pdf) Acesso em 23 set. 2021.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KRAWCZYK, Nora. **Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje**. Cadernos de pesquisa, v. 41 n.144 set./dez. 2011.
- KRAWCZYK, Nora. Uma roda de conversa sobre os desafios do Ensino Médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo** (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LARANJEIRA, Denise Helena Pereira; IRIART, Mirela Figueiredo Santos; RODRIGUES, Milena. **Problematizando as transições juvenis na saída do ensino médio**. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 117-133, jan./mar. 2016.
- LEÃO Geraldo, DAYRELL Juarez Tarcísio, REIS Juliana Batista dos. **Juventude, projetos de vida e ensino médio**. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011.
- LEÃO, G.M.P. **Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n.1, p. 31-48, jan./abr. 2006.
- LEÃO, Geraldo. **O que os jovens podem esperar da reforma do ensino médio brasileiro?** Educação em Revista Belo Horizonte|n.34,2018.
- LECCARDI, Carmen. **Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamasso; PRÁ, Keli Regina Dal. **A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo**. Revista Textos & Contextos Porto Alegre v. 6 n. 1 p. 93-104. jan./jun. 2007.
- LUZ; FEFFERMANN; ABRAMOVAY; WEISHEIMER; FERREIRA; CAVALCANTE; SILVA; LOPES. **Os jovens brasileiros em tempos de covid-19**. Revista Princípios nº 160 nov./2020–Fev./2021.
- MAIA, Ana Augusta Ravasco Moreira, MANCEBO, Deise. **Juventude, trabalho e projetos de Vida: ninguém pode ficar parado**. Psicologia, ciência e profissão, 2010, 30 (2), 376- 389.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo: la sociedade a escala del individuo**. 1. Ed. Santiago de Chile: Lom Ediciones, 2007. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/72259015/martuccelli-cambio-de-rumbo-pdf>. Acesso em 27 de novembro 2020.
- MELLUCCI, Alberto. **A experiência individual na sociedade planetária**. Lua Nova, nº 38 - 1996.pag. 199-221.

- MELLUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **In Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).
- MENDES, Igor A. Assaf; COSTA, Bruno Lazzarotti. **Considerações sobre o papel do capital cultural e acesso ao ensino superior: uma investigação com dados de Minas Gerais**. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.31, n.03, p.71-95, julho-setembro 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C. de S. (org); DESLANDES, S, F. :NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.
- OLIVEIRA, Amurabi. **Etnografia e pesquisa educacional: por uma descrição densa da educação. Educação**. Unisinos, volume 17, número 03, setembro-dezembro 2013.
- OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de, SILVA, Jorge Luiz da, ANDRADE André Luiz Monezi, MICHELI Denise De ,Diene Carlos ,MONIQUE Marta, SILVA Angélica Iossi . **A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review**. Cad. Saúde Pública 2020.
- PAIS, José Machado, CAIRNS David, PAPPÁMIKAIL Lia. **Jovens europeus retrato da diversidade**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, 2005.
- PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude - alguns contributos**. Análise Social. vol. XXV (105-106), (1º, 2º), 139-165, 1990.
- PAIS, José Machado. **A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse**. Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.3, p.371-381, 2009.
- PAIS, José Machado; LACERDA, Miriam Pires Corrêa; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais José Machado Pais**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017.
- PESCE, Lucila; ABREU. Claudia Barcelos de Moura. Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 19-29, jul./dez. 2013.
- PICANÇO, Felícia. **Juventude por cor e renda no acesso ao ensino superior: somando desvantagens, multiplicando desigualdades**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 30 N° 88,2015.
- REDIN, Ezequiel. **Políticas educacionais e juventude rural no ensino superior**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 63, p. 237-252, jan./mar. 2017.
- SANTOS, Karine da Silva Santos; RIBEIRO, Mara Cristina Ribeiro; QUEIROGA, Danlyne Eduarda Ulisses; SILVA, Ivisson Alexandre Pereira; FERREIRA, Sonia Maria Soares. **O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo**. Ciência & Saúde Coletiva, 25(2):655-664, 2020.

- SANTOS, Maria Cecília Pereira dos Santos. **O estudo do universo escolar através da voz dos jovens: o grupo de discussão.** Revista Portuguesa de Educação, 2009, 22(1), p. 89-103.
- SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, Marília Pinto de. **Novas e velhas barreiras à escolarização da juventude.** Estudos avançados ,34 (99), 2020.
- SETTON Maria da Graça Jacintho; SPOSITO Marília Pontes. **Como os indivíduos se tornam indivíduos? Entrevista com Danilo Martuccelli.** Educ. Pesqui. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 247-267, jan./mar. 2013.
- SOUZA, Davisson Charles Cangussu; VAZQUEZ Daniel Arias. **Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho.** Educ. Pesqui. São Paulo, v. 41, n. 02, p. 409-426, abr./jun. 2015.
- SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro; MARTONI, Paulo. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** Rio de Janeiro: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.
- SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas.** São Paulo: Ação Educativa, 2003.
- SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César R. Juventude políticas públicas no Brasil. In: LEÓN, Oscar D. **Políticas Públicas de juventude na América Latina: políticas nacionais.** CIDPA, 2003.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Zahar,2003.
- VIANA Maria José Braga; Flavia Pereira XAVIER. **Expectativas e projetos de continuidade dos estudos de alunos do ensino médio de uma escola pública estadual.** 37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.
- WEISHEIMER, Nilson. **A situação juvenil na agricultura familiar.** Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- WELLER, Vivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.
- ZAGO, Nadir. **Migração rural-urbana, juventude e ensino superior.** Revista Brasileira de Educação v. 21 n. 64, jan.-mar. 2016.
- ZAGO, Nadir; PAIXÃO, Lea P.; PEREIRA, Thiago I. **Acesso e permanência no ensino superior: problematizando a evasão em uma nova universidade federal.** Educação em Foco, ano 19 - n. 27 - jan./abr. 2016 - p. 145-169.

ZAGO, Nadir. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares.** Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.

ZAGO, Nadir. **Migração rural-urbana, juventude e ensino superior.** 36^a Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO

APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Prezado/Prezada estudante,

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa Juventudes, projeto de futuro e ingresso no ensino superior. O objetivo desta pesquisa é conhecer e analisar como os jovens constroem seus projetos de futuro com perspectivas de ingresso no ensino superior, quais suportes auxiliam nesse processo, quais desafios enfrentam e como sintetizam tais elementos em sua trajetória pessoal e delineamento de escolhas futuras.

Caso você concorde em participar, você irá responder este questionário virtual, instrumento da primeira etapa da pesquisa, no qual consta questões básicas para identificação socioeconômica, dados de identificação escolar e dados relativos à sua vivência no cenário atual marcado pela pandemia da coronavírus. Esta pesquisa não tem riscos para os/as participantes. A pesquisa por sua metodologia privilegiando a escuta, permite aos estudantes concluintes do ensino médio, refletirem sobre suas experiências pessoais e perspectivas futuras atravessadas por questões de ordem subjetivas, social, econômica e própria da trajetória escolar. Os resultados poderão constituir fontes de esclarecimentos importantes para estudos e ações que possam promover o ingresso de maior número de jovens elegíveis para o acesso ao ensino superior.

Devido a suspensão das aulas presenciais ocorridas no mês de março em todo o país, em atendimento as recomendações da Organização Mundial de Saúde e autoridades sanitárias determinando o distanciamento social como meio de evitar a propagação do coronavírus, a aplicação desta etapa da pesquisa será de modo virtual, através do Google formulário. Tal formato também está previsto como modelo de TCLE e TALE através da resolução CNS nº 510/16.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização, conforme orienta a resolução CNS nº 466/12. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Neste termo de consentimento, sua assinatura digital será através do preenchimento da alternativa “concordo”, logo ao final deste texto. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o/a pesquisador/pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
Prezados Pais e responsáveis,

Seu/sua filho/filha está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa Juventudes, projeto de futuro e ingresso no ensino superior. O objetivo desta pesquisa é conhecer e analisar como os jovens constroem seus projetos de futuro com perspectivas de ingresso no ensino superior, quais suportes auxiliam nesse processo, quais desafios enfrentam e como sintetizam tais elementos em sua trajetória pessoal e delineamento de escolhas futuras.

Caso você aceite a participação, você irá responder este questionário virtual, irá responder as perguntas abaixo e assinalar a opção “concordo com a participação do meu/minha filho/filha”.

Esta pesquisa não tem riscos para os/as participantes. A pesquisa por sua metodologia privilegiando a escuta, permite aos estudantes concluintes do ensino médio, refletirem sobre suas experiências pessoais e perspectivas futuras atravessadas por questões de ordem subjetivas, social, econômica e própria da trajetória escolar. Os resultados poderão constituir fontes de esclarecimentos importantes para estudos e ações que possam promover o ingresso de maior número de jovens elegíveis para o acesso ao ensino superior.

Devido a suspensão das aulas presenciais ocorridas no mês de março de 2020 em todo o país, em atendimento as recomendações da Organização Mundial de Saúde e autoridades sanitárias determinando o distanciamento social como meio de evitar a propagação do coronavírus, a aplicação desta etapa da pesquisa será de modo virtual, através do Google formulário. Tal formato também está previsto como modelo de TCLE através da resolução CNS nº 510/16.

Para participar deste estudo, o estudante não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização, conforme orienta a resolução CNS nº 466/12. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que o estudante é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar os nomes dos participantes. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Os nomes dos participantes ou o material que indique a participação não serão liberados sem a permissão deles. Os estudantes não serão identificados (as) em nenhuma publicação que possa resultar. Desde já nos disponibilizamos a esclarecer dúvidas antes, durante e após a realização desta pesquisa.

Neste termo de consentimento, sua assinatura digital será através do preenchimento da alternativa “concordo”, logo ao final deste texto. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o/a pesquisador/pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Declaro que concordo em autorizar meu/minha filho/filha (ou familiar sob minha responsabilidade) em participar da pesquisa citada acima, e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

APÊNDICE C – CARTA DE INTENÇÃO DE PESQUISA

Comunicado

Prezado Diretor do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães
Prof. Edvan Pedreira de Oliveira

Comunico a V.Sa. a minha intenção em pesquisar alunos estudantes do ensino médio desta instituição, como participantes da pesquisa com fins acadêmicos, pertencente ao curso de mestrado acadêmico em educação que estou em curso, do programa de pós graduação em educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. O título da pesquisa é: Juventudes, projeto de futuro e ingresso no ensino superior, e tem como objetivo conhecer e analisar como os jovens constroem seus projetos de futuro com perspectivas de ingresso no ensino superior, quais suportes auxiliam nesse processo, quais desafios enfrentam e como sintetizam tais elementos em sua trajetória pessoal e delineamento de escolhas futuras.

Os estudantes que aceitarem participar irão responder um questionário virtual, instrumento da primeira etapa da pesquisa, no qual consta questões básicas para identificação socioeconômica, dados de identificação escolar e dados relativos a sua vivência no cenário atual marcado pela pandemia do coronavírus. Antes de responderem o questionário os estudantes terão acesso a informações básicas, conforme orientação do Conselho de ética que regulamenta as pesquisas acadêmicas. A pesquisa por sua metodologia privilegiando a escuta, permite aos estudantes concluintes do ensino médio, refletirem sobre suas experiências pessoais e perspectivas futuras atravessadas por questões de ordem subjetivas, social, econômica, da trajetória escolar. Os resultados poderão constituir fontes de esclarecimentos importantes para estudos e ações que possam promover o ingresso de maior número de jovens elegíveis para o acesso ao ensino superior. A amostra selecionada para tal momento constitui-se de duas turmas de 2ª série e duas de 3ª série, dos turnos matutino, vespertino e noturno, com estudantes na faixa etária a partir dos 18 anos.

Devido a suspensão das aulas presenciais ocorridas no mês de março em todo o país, em atendimento as recomendações da Organização Mundial de Saúde e autoridades sanitárias determinando o distanciamento social como meio de evitar a propagação do coronavírus, a aplicação desta etapa da pesquisa será de modo virtual, através do Google formulário.

Os estudantes serão informados previamente sobre a natureza da pesquisa, como o fato desta participação não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira, bem como as informações necessárias sobre esta pesquisa (participação voluntária, poder desistir mesmo depois de aceitar, divulgação dos resultados será anônima).

Neste termos informo e peço deferimento para aplicação dos questionários na referida amostra citada. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o/a pesquisador/pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que autorizo a o desenvolvimento da aplicação dos questionários virtuais na amostra citada pela pesquisa, na unidade escolar Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães.

Feira de Santana, 26 de agosto de 2020.

Assinatura do Diretor

Assinatura do pesquisador(a)

Nome das Pesquisadoras Responsáveis: Carlene Leão Machado dos Santos/ Mirela Figueiredo Santos Iriart
Mestrado acadêmico em Educação – Universidade Estadual de Feira de Santana
E-mail: carleneleaofsa@gmail.com/ mifis@gmail.com

APENDICE D –QUESTÕES DO 1º *GOOGLE FORMS*

Prezadx Estudante,

Estamos realizando uma pesquisa para fins de estudos acadêmicos sobre/ com jovens estudantes do ensino médio intitulada de Juventude, projeto de futuro e ingresso no ensino superior. O objetivo desta pesquisa é analisar como os jovens, no final do ensino médio constroem seus projetos de futuro com perspectivas de ingresso no ensino superior. Nessa etapa da pesquisa estamos com intuito de sondar de que forma a pandemia do Corona vírus tem atravessado o cotidiano dos jovens, em específico no que se refere às questões domésticas, pessoais e escolares. Para tanto, sua participação voluntária e espontânea, será de grande importância para análise e estudos mais criteriosos e aprofundados sobre tal temática apresentada. Suas respostas permanecerão anônimas na computação e análise dos dados. Por questões técnicas referentes ao procedimento de pesquisa estabelecidos pelo CONEP e devido ao formato de aplicação desse questionário, será possível apenas a participação de alunos com idade a partir de 18 anos.

Agradecemos aos estudantes que responderem as perguntas abaixo colaborando no avanço das pesquisas sobre juventude e os respectivos cenários e elementos que a compõem. Quaisquer dúvidas, estaremos a disposição para maiores esclarecimentos.

Pesquisadora responsável: Carlene Leão Machado dos Santos

Programa de pós graduação em educação /Mestrado acadêmico em Educação-UEFS

Email: carleneleaofsa@gmail.com

1. Informações pessoais:

- Qual a sua idade?
- Assinale o gênero que você se identifica:
() Masculino () Feminino () Outro
- Qual a sua raça/cor/etnia?
() Parda () Preta/negra () Amarela () Indígena () Outro
- Qual a média da renda familiar em sua residência?
() 1 salário mínimo () 1 a 3 salários mínimos
() 3 a 6 salários mínimos () Outros
- Qual série você estuda?
() 2ª série () 3ª série
- Qual turno?

Matutino Vespertino Noturno

- Você trabalha atualmente?

Sim Não

- Em caso afirmativo, assinale um das alternativas abaixo:

Ajudo meu pai ou minha mãe em negócio próprio

Trabalho para familiares informalmente

Estágio remunerado

Autônomo

Carteira assinada em empresa

Outros: _____

- Em caso negativo, trabalhava antes da pandemia?

Sim Não

- Esta procurando emprego atualmente?

Sim Não

2. Uso das redes sociais

- Você possui acesso à internet?

Sim Não

- Caso positivo, você utiliza?

Dados móveis de alguma operadora Serviços de wi-fi por empresa contratada

Não possui acesso a internet

- Você acessa internet a partir de qual dispositivo?

Celular próprio Tablet

Celular dos pais ou outro familiar Computador

Notebook

- Quais redes sociais você utiliza com mais frequência. Marque até 3 alternativas:

WhatsApp Instagram Facebook

Twitter LinkedIn Tik Tok Snapchat

- Qual o objetivo você utiliza as redes sociais?

Diversão, entretenimento

Interação com outras pessoas

Aquisição de novas aprendizagens

Outros:

- Quanta horas em média, por dia, você utiliza/acessa as redes sociais?

Você e sua escola

- Para você, quais os principais motivos para cursar o Ensino médio? Marque até 03 alternativas:

- ingressar no ensino superior
- concluir a escolaridade básica
- cumprir exigência da minha família
- aumentar as chances de emprego futuramente
- adquirir novos conhecimentos
- fazer novos amigos
- outros: _____

- Na escala de 0 (nota mínima) a 5 (nota máxima), quanto você atribui a sua escola em termos de preparação para o seu ingresso no ensino superior?
() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5

3. Questões referentes a pandemia do corona vírus

- Quais sentimentos/atitude tem sido mais frequentes em você durante este período de distanciamento social e suspensão das aulas presenciais durante a pandemia. Marque até 03 alternativas:

- Ansiedade
- Tristeza, desânimo
- Revolta, raiva
- Estresse
- Esperança, fé
- Alegria e otimismo
- Solidão
- Medo
- Outros: _____

- O que mais mudou em sua rotina doméstica durante a pandemia?
-
-

- Na sua condição de estudante de escola pública, como você descreve os efeitos da pandemia em seus estudos?

- Defasagem/atraso de aprendizagem necessárias para meu futuro
- Risco de abandono escolar; não voltar para concluir os estudos
- Adiamento dos meus planos futuros, devido a incerteza de retorno do ano letivo de 2020 e de como será a sequência do ano letivo de 2021
- Diminuição de chances em concorrências futuras em termos de defasagem de aprendizagens devido ao aumento do distanciamento entre alunos da escola pública, e alunos da rede privada.

- Na sua opinião e no lugar de aluno de escola pública, qual seria a melhor forma que os governantes e autoridades deveriam adotar para a retomada dos estudos e conclusão do ano letivo de 2020?

- Retorno as aulas presenciais, atendendo as recomendações da OMS e demais autoridades sanitárias
- Retomada e conclusão do ano letivo através de atividades remotas, disponibilizando acesso a internet e dispositivos eletrônicos para todos

- () Cancelamento do ano letivo 2020
 - () Junção dos anos letivos 2020-2021 para ser cursado ano que vem
 - () Outra alternativa
-

- Você está inscrito para as provas do ENEM 2020?
() Sim () Não
- Você se sente preparado para realizar as provas do Enem 2020/2021?
() Sim () Não

Justifique sua resposta: _____

- Quais as suas principais preocupações em relação aos seus projetos futuros com os possíveis impactos da pandemia?

- Para encerrar, agradecemos sua valorosa contribuição ao responder este questionário. Para dar continuidade a esta pesquisa, podemos contar com sua participação em uma outra etapa?
() Sim () Não

APÊNDICE E – QUESTÕES DO 2º *GOOGLE FORMS*

Conhecendo um pouco sobre você!

- Qual o seu nome?
- Qual a sua idade?
- Qual a sua data de nascimento? (dd/mm/aaaa)
- Qual gênero você se identifica?
() Feminino () Masculino () Outro
- Qual a sua identidade quanto a cor/etnia?
() parda () preta/negra () amarela () indígena () outro
- Como é sua composição familiar atualmente na sua residência?
() pai, mãe, irmão(s), irmã(s) () mãe, irmão(s), irmã(s)
() pai e irmãos () avô, avó, tio(s)/tia(s) ou outros familiares
() companheiro(a) () companheiro (a) e com filho (s) /filha (a)
- Atualmente sua família ou você recebe algum benefício social governamental? Em caso afirmativo, qual (is)?
() Bolsa Família (governo federal)
() Bolsa Presença (governo estadual)
() Auxílio emergencial em virtude da pandemia do Corona vírus
() Casa verde amarela (Minha casa, minha vida)
() Não somos cadastrados no Cadastro único para programas sociais, por isso não recebemos
- Qual a média de renda familiar em sua residência?
() Um salário mínimo
() De um a três salários mínimos
() De três a seis salários mínimos
() Outra
- Você trabalha?
() Sim () Não
- Em caso afirmativo, assinale uma das opções abaixo:
() Ajudo meu pai ou minha mãe em negócio próprio
() Trabalho para familiares /conhecidos informalmente
() Estágio remunerado
() Autônomo
() Carteira assinada
- Em caso negativo, está procurando emprego atualmente?

Sim Não

Você e sua escola!

- Você está satisfeito (a) com a modalidade de ensino remoto como meio para concluir os estudos do Ensino Médio?

Sim Não Parcialmente

- Antes da pandemia, no ensino presencial, que nota você atribuiria a sua escola num escala de 1 a 5 ,no quesito de preparação para o ingresso no ensino superior?

1 2 3 4 5

- Agora, na modalidade remota, que nota você atribui à sua escola, de acordo as orientações da questão anterior? (Preparação para o ingresso no ensino superior)

1 2 3 4 5

- Agora, na modalidade remota, que nota você atribui à sua escola, de acordo as orientações da questão anterior? (Preparação para o ingresso no ensino superior)

- Ingressar no ensino superior
- Concluir a escolaridade básica
- Cumprir exigência da minha família
- Aumentar as chances de emprego futuramente
- Adquirir novos conhecimentos
- Fazer novos amigos

- Está nos seus planos futuros, o ingresso em uma instituição de ensino superior após a conclusão do Ensino Médio?

Sim Não Talvez

Justifique sua resposta anterior:

- Segue abaixo alguns programas que fazem parte das políticas públicas federais para democratização do acesso ao ensino implantados a partir dos anos 2000. Qual (is) deles você conhece?

- SISU
- Lei 12.711/2012, que estabelece Cotas étnicas e para alunos egressos de escolas públicas
- FIES
- PROUNI
- Ainda não conheço esses programas

- Caso você tenha sinalizado que tem projetos futuros para ingressar em uma faculdade/universidade, de quem você recebe mais apoio/ incentivo? Escolha até três opções:

- Mãe Pai Irmão (s), irmã (s) Outros familiares (tios, primos, avós)
- Amigo(s)/amiga (s) Professores/escola Redes sociais, youtubers, etc.
- Igreja, lideranças religiosas Associação comunitária/de bairro

- No seu núcleo familiar mais próximo, qual (is) deles tem nível superior completo?

() Mãe () Pai () Irmão(s) / irmã(s)
() Nenhum, serei o primeiro da família

Você e sua conexão digital!

- Você tem acesso a internet?

() Sim () Não

- Em caso positivo, você utiliza através de:

() Dados móveis de alguma operadora
() Serviços de wi-fi por empresa contratada
() Não possuo acesso a internet

- Você acompanha as aulas remotas e outras atividades através de qual dispositivo?

() Celular próprio
() Celular dos pais ou outro familiar
() Computador
() Notebook

- Quais redes sociais você utiliza com mais frequência? Marque até 03 alternativas:

() WhatsApp () Instagram () Facebook
() Twitter () LinkedIn () Tik Tok () Snapchat

- Quantas horas em média, por dia, você utiliza/acessa as redes sociais?

() De uma a duas horas () De duas a quatro horas
() De quatro a seis horas () Mais que seis horas

- Com qual objetivo você mais utiliza as redes sociais?

() Interação com outras pessoas
() Diversão, entretenimento
() Aquisição de novas aprendizagens

Para encerrar...

- Quais as suas principais preocupações em relação aos seus projetos futuros com os possíveis impactos da pandemia?
-

- Agradecemos sua valorosa contribuição ao responder este questionário. Para dar continuidade, podemos contar com sua participação na próxima etapa da pesquisa, que será uma discussão em grupo com outros jovens, através do Google Meet, sobre a temática aqui abordada (Juventudes, projeto de futuro e ingresso no ensino superior)? Teremos dois encontros apenas, com a média de duração de sessenta minutos cada um.

() Sim () Não

- Em caso negativo, pode enviar o questionário. Em caso positivo, por gentileza responda as três questões abaixo para contato futuro. Nos informem seu e-mail:

- Número de contato via WhatsApp: _____
- Qual o melhor dia da semana em que poderia participar deste grupo de discussão (seria um ou dois encontros no máximo).

- () Segunda-feira () Terça-feira
() Quarta-feira () Quinta-feira
() Sexta-feira () Sábado

- E qual o melhor horário?

- () Manhã: 09:00 às 11:00 () Manhã: 10:00 às 12:00
() Tarde: 15:00 às 17:00 () Tarde: 16:00 às 18:00
() Noite: 18:00 às 20:00

APÊNDICE F - ROTEIRO PARA ENCONTRO VIRTUAL

Data	Elemento disparador	Temas/perguntas
Julho/2021	Projeção do vídeo do Youtube: “Ninguém me ensinou” – Banda Lagum	<p>a) Como vocês definem ser jovem? O que é ser jovem aqui em nossa cidade, no Brasil e no mundo?</p> <p>b) Atualmente, quais as principais preocupações com o seu presente e futuro?</p> <p>c) A música traz um questionamento sobre “quem nos ensina a sonhar”. Assim, comente sobre com quem você mais conta nesta perspectiva de construir seus projetos de futuro? Quem mais apoia, incentiva, influencia neste momento de escolher cursar uma faculdade/universidade?</p> <p>d) Para quem indicou ingresso no ensino superior, de que forma pretende alcançar este propósito? Quais estratégias estão utilizando ou pretendem utilizar no futuro para atingir tal propósito?</p> <p>e) Gostariam de falar algo que não perguntei dentro desta temática aqui discutida</p> <p>f) A partir destas discussões, vou solicitar a cada um de vocês, que me envie uma produção de vídeo ou áudio, através do meu número de <i>WhatsApp</i>, discorrendo sobre os seguintes pontos:</p> <p>1) Me fale de você" (comece por onde se sentir à vontade e traga elementos do passado, presente e futuro);</p> <p>2) “Me fale da sua relação com a escola" (os bons e maus momentos, os desafios e conquistas, projetos e descobertas, comece por onde se sentir mais à vontade);</p> <p>3) “Me fale sobre como planeja o futuro próximo" (desejos, desafios, possibilidades, inseguranças) "onde quer chegar "ou o que fazer o ano que vem?"; Os conhecimentos adquiridos na escola interferem na sua escolha?</p> <p>4) “O que ou quem pode te ajudar a chegar onde quer.</p>